

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**O IDEAL DE HOMEM ROMANO NA PERSPECTIVA DE VIRGÍLIO:
UMA LEITURA DO LIVRO VI DA EPOPEIA *ENEIDA***

MARIA LUCIANE DA SILVA

**MARINGÁ
2017**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**O IDEAL DE HOMEM ROMANO NA PERSPECTIVA DE VIRGÍLIO: UMA
LEITURA DO LIVRO VI DA EPOPEIA *ENEIDA***

Dissertação apresentada por MARIA LUCIANE DA SILVA ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.
Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientador:
Prof. Dr.: JOSÉ JOAQUIM PEREIRA MELO

MARINGÁ
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

S586i Silva, Maria Luciane da
O ideal de homem romano na perspectiva de Virgílio: uma leitura do Livro VI da epopeia Eneida / Maria Luciane da Silva. -- Maringá, 2017.
118 f. : il. color., figs.

Orientador: Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017.

1. Virgílio, 70-19 a.C. - Eneida. 2. Educação e Literatura. 3. Cidadania - Educação. 4. Estado e Educação - Roma. I. Melo, José Joaquim Pereira, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 23.ed. 370.114

MN

MARIA LUCIANE DA SILVA

**O IDEAL DE HOMEM ROMANO NA PERSPECTIVA DE VIRGÍLIO: UMA
LEITURA DO LIVRO VI DA EPOPEIA *ENEIDA***

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo (Orientador) – UEM

Prof. Dr. Reginaldo Aliçandro Bordin – PUC/PR

Prof. Dr. João Paulo Pereira Coelho – UEM

Maringá, 05 de maio de 2017

Dedico este trabalho a minha amada família.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter confiado e acreditado em mim, por ser o meu mestre e incentivador, por ser a minha força na fraqueza, por ser tudo o que eu sempre preciso.

Ao Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo pela orientação, paciência e generosidade dispensada ao longo da pesquisa.

Aos membros da banca examinadora, Prof. Dr. Paulo Rogério de Souza, Prof. Dr. João Paulo Pereira Coelho e Prof. Dr. Reginaldo Aliçandro Bordin, por tão valorosa contribuição.

Aos meus pais, José e Maria, por todo amor, por todo incentivo e por todo investimento que confiadamente dispensaram a mim.

Aos meus irmãos, Francisco, Edson (*in memorian*), Reinaldo e Luzinete, por serem tantas vezes apoio e inspiração em cada nova conquista.

A minha querida cunhada e amiga Roseli, que foi a primeira a me estimular e a me possibilitar iniciar essa pesquisa, por toda ajuda, companheirismo e incentivo ao longo da vida.

As minhas amigas Stela, Joyce e Dayane, cujos esforços não consigo mensurar em toda ajuda dispensada para a realização deste trabalho.

A todas as pessoas maravilhosas da Comunidade Evangélica em Astorga pela alegria que me proporcionam, e que me fortalece em cada nova realização.

“A esperança que se adia faz adoecer o coração, mas o desejo cumprido é árvore de vida. ” (Provérbios 13:12)

SILVA, Maria Luciane da. **O IDEAL DE HOMEM ROMANO NA PERSPECTIVA DE VIRGÍLIO: UMA LEITURA DO LIVRO VI DA EPOPEIA *ENEIDA***. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo. Maringá, 2017.

RESUMO

O presente trabalho pretende proceder a uma análise do Livro VI da epopeia *Eneida* de Virgílio (70-19 a.C.) a respeito da formação do homem ideal romano no século I a.C., tendo em vista as virtudes que particularizavam o homem romano para o exercício da cidadania em um contexto marcado por dissolução moral e transformações políticas. Emerge, nesse período, uma dinâmica de transformações econômicas, sociais e políticas que culminaram em um processo de moralização de Roma. O poeta Virgílio é convocado por César Augusto (63 a.C. a 14 d.C.) para a elaboração de um modelo de homem que respondesse ao ideal do seu tempo. O resultado dessa criação virgiliana, foi uma epopeia que visa a construção de uma sociedade e a elaboração de uma identidade, e que pode ser tomada como espelho educacional, pois formula exemplos de conduta para os cidadãos. Tendo o Livro VI da *Eneida* como fonte primária, sua análise bem como a da literatura de apoio contribuiu para que se pudesse identificar princípios formativos presentes em espaços inversos apresentados na narrativa: o Tártaro e os Campos Elísios. Na catábase de Eneias, que teve por objetivo preparar o herói para o cumprimento de sua missão, foi apresentado de um lado o ensinamento moral às avessas, o exemplo de como não proceder, a partir da exposição de vícios e castigos das personagens, e do outro o ensinamento a partir do exemplo dos heróis. Na fusão do mito e da história, Virgílio buscou formular um herói que apresentasse os valores enraizados na tradição romana, como a *virtus*, a *pietas* e a *fides*. E que evocavam as características que o cidadão romano deveria apresentar, frente aos novos tempos, que buscava na religiosidade, na belicosidade e na valorização da pátria e do “ser romano” a consolidação do Império e a sua legitimação. O perfil de homem apontado no Livro VI figurava Augusto, e certamente serviu para a sua glorificação, porém, mais do que propaganda imperial, a *Eneida* apresentou de forma subjacente em sua narrativa a formação de uma consciência para o homem do seu tempo, por meio do incentivo à virtude; e despertou nele um sentimento de grandeza. Por fim, entende-se que na perspectiva de Virgílio, o homem ideal é Eneias, aquele que é obediente, austero, disciplinado e fiel. E que o processo formativo ideal é aquele que desperta no homem, por meio do exemplo, do incentivo e do elogio, o desejo de ser como Eneias.

Palavras-chave: Educação; Estado Romano; Virgílio; Literatura.

SILVA, Maria Luciane da. **THE IDEAL ROMAN FROM VIRGIL'S POINT OF VIEW: AN INTERPRETATION OF AENEID BOOK VI.** 118 f. Master's Dissertation in Education – Universidade Estadual de Maringá. Supervisor: Dr. José Joaquim Pereira Melo. Maringá PR Brazil, 2017.

RESUMO

Current dissertation is an analysis of *Aeneid* Book VI by Virgil (70-19 BC) on the formation of the ideal Roman in the first century BC, underscoring the virtues that characterized the Roman male for the exercise of citizenship within a milieu of moral debasement and political transformations. A dynamic process of economic, social and political transformations emerged, culminating in Rome's moralization process. The poet Virgil was called by Augustus Caesar (63 BC - 14 AD) to establish a model of man that would be the ideal for the age. Virgil's intuition produced an epic poem favoring the construction of a type of society and the creation of an identity. In fact, it may be taken as an educational mirror due to its formulation of citizens' behavior. Considering *Aeneid* Book VI as a primary source, its analysis and the supporting literature have contributed towards the identification of the formation principles in the narrative's inverted spaces, or rather, Tartarus and Elysium. Aeneas's catabasis, which prepared the hero for the fulfillment of his mission, provided a type of inverted moral teaching. On the one hand, the things one should shun are exposed through the presentation of the characters' vices and punishments; on the other hand, the teaching from heroes' examples is given. Through the fusion of myth and history, Virgil created a hero who brought forth the values rooted in Roman tradition, such as *virtus*, *pietas* and *fides*. They are actually the characteristics that the Roman citizen should look forward to in the wake of the new times, or rather, the consolidation of the Empire and its legitimation in religion, war, the valorization of the fatherland and "the act of being Roman". Man's profile produced in *Aeneid* Book VI characterized Augustus Caesar and contributed towards his glorification. More than propaganda for the Empire, the epic poem's narrative posited a sort of conscience formation for the man of the period through an inducement to virtue and triggered in him a feeling of grandeur. In Virgil's point of view, Aeneas is the ideal man: an obedient, severe, disciplined and faithful person. The best formation process awakens in man the desire to be like Aeneas through example, encouragement and praise.

Keywords: Education; Roman state; Virgil; Literature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. O TEMPO, O POETA E A EPOPEIA	19
2.1. O TEMPO	19
2.1.1. O principado	24
2.1.2. O programa de restauração das antigas tradições romanas	26
2.1.3. Política, arte e educação: a amizade entre o imperador e o poeta	29
2.2. O POETA	32
2.3. A EPOPEIA	36
2.3.1. Eneias na <i>Ilíada</i> de Homero	40
2.3.2. <i>Eneida</i>	43
3. A FORMAÇÃO MORAL ÀS AVESSAS: O ENSINO A PARTIR DO MODELO NEGATIVO	50
3.1. TRADIÇÃO DA CATÁBASE NA LITERATURA: DO MODELO GREGO À COMPOSIÇÃO ROMANA	51
3.1.1 A Catábase de Eneias	57
3.1.2. O herói estoico	60
3.1.3. A entrada no submundo	63
3.2. O INFERNO VIRGILIANO E OS EXEMPLOS NEGATIVOS	64
4. O IDEAL DE FORMAÇÃO ROMANO: O MISTER DA GRANDEZA E DA GLÓRIA COMO RECOMPENSA	76
4.1 OS CAMPOS ELÍSIOS	80
4.2. O MODELO EDUCATIVO NO LIVRO VI DA EPOPEIA <i>ENEIDA</i>	88
4.3. A HISTÓRIA COMO RECURSO DE AMPLIAÇÃO DO CAMPO VISUAL DE ENEIAS	91
4.3.1 A <i>virtus</i> , a <i>pietas</i> e a <i>fides</i> como conteúdo pedagógico	94
4.4. GLÓRIA E RECOMPENSA	100
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	110

INTRODUÇÃO

Com o advento do Império (27 a.C. a 476 d.C.), Roma assumiu uma nova atitude em relação à educação e, ainda que de forma propagandística, iniciativas foram tomadas para transformar a educação em uma preocupação estatal, visando adequá-la aos novos tempos.

Em comparação com um povo intelectual e artista como o grego, o romano era um povo de camponeses, que valorizava o “profissional”, o *negotium* militar, político e agrícola, entre outros. Os romanos admitiram a diferenciação estabelecida pelos gregos entre a formação “liberal” e a formação “profissional”, porém demonstravam clara preferência pela última. Nesse caso introduziram outros valores, como a possibilidade de utilização prática e o caráter utilitário, conferindo à formação intelectual um novo perfil.

No perfil ético do homem ideal romano destacam-se, dentre outras, três virtudes cardeais: a *pietas* (piedade), referente aos deuses, à família e à compaixão para com os vencidos – *humanitas*¹, *magnanimitas*; a *fides* (lealdade), relativa aos pactos políticos, militares, individuais (no sentido da amizade), da palavra dada, entre outras; e a *gravitas* (dignidade), que expressava o domínio de si mesmo, a capacidade para se enfrentar situações imprevistas, a serenidade na solução de problemas e na emissão de juízos. Essas eram virtudes específicas daqueles que deveriam exercer o *iustum imperium* (autoridade legítima) no exército e na política (PEREIRA MELO, 2006).

Outras características distintivas do cidadão romano do período integram-se na *virtus* (virtude) – a excelência global e a solidez de caráter, próprias do *vir bonus* – conceito que contém significativas analogias com a *areté* grega. A partir do momento em que se efetivou a prodigiosa influência grega em Roma, o objetivo, assim como o problema da sua educação, foi a assimilação da cultura helênica sem destruir ou debilitar as virtudes essencialmente romanas. O equilíbrio entre esses valores pode ser sintetizado nas expressões: *gravitas et*

¹ A *humanitas* é um conceito amplo que se propõe a estabelecer, a partir do respeito por si mesmo, o que é cabido no tratamento com os demais, estabelecendo desta forma os limites para agir em favor da própria vantagem; sabendo que algo deve ser posto em favor dos outros, atribuindo aos que se está em litígio o que lhe é devido (GAROFALO, 2003, p. 173).

lepos (severidade e distinção), ou *gravitas cum comitate* (severidade com doçura). O que se propunha era concentrar, sem traumas, em uma unidade, a educação tradicional – centrada na formação moral e cívica – e a cultura, que, juntas, proporcionariam a erudição e a eloquência, de forma a se obter uma formação integral e equilibrada, singularmente atrativa e eficiente (PEREIRA MELO, 2006).

Por outro lado, a formação romana compunha-se de forte caráter ético-político, que tinha a sua fonte na consciência do romano, na sua missão civilizadora e na sua mentalidade cosmopolita (REDONDO; LASPALAS, 1997).

Essa missão civilizadora efetivava-se no elenco de princípios políticos e de conquistas sociais com que Roma contemplava o mundo, o que garantia o Império e justificava a sua expansão política.

Os elementos fundamentais da “romanidade” eram a paz e a segurança, estabelecidas por Augusto (63 a.C. a 14 d.C.) no início do Império. A paz, fator essencial para a implantação do direito e para o vicejamento da cultura, seria imposta, após a conquista, pela força, se necessário.

Para se atingir esse fim, era necessário que os pontos de partida e de apoio fossem os costumes e a educação. Entretanto, em Roma, os costumes eram entendidos de modo mais pragmático do que na Grécia e, antes mesmo da cultura e da formação espiritual, estavam ligados ao exemplo de virtude dos que governavam. Para os romanos, o pressuposto básico do direito e da sociedade era o cidadão justo, o qual só existiria se continuassem vigentes as leis e os costumes tradicionais (*leges et instituta maiorum*), cuja mais significativa manifestação foi o *exemplo maiorum*: o modelo daqueles que haviam se destacado pelo comportamento virtuoso nas esferas familiar, cultural e política (REDONDO; LASPALAS, 1997).

E, nesse contexto, chama a atenção de César Augusto (63 a.C. a 14 d.C.), o primeiro imperador e soberano com maior tempo de mandato em Roma, o poeta Virgílio, que se tornaria, depois da composição de *Eneida*, o maior cantor dos feitos do povo romano.

A *Eneida*, marco da literatura latina, poema que confere à nação romana uma identidade cultural, faz parte do período clássico (80 a.C. a 70 d.C.), a denominada Idade de Ouro de Augusto, ápice da produção cultural romana.

Trata-se de uma epopeia cujo intuito é não apenas enaltecer a civilização romana, mas também eternizar a glória e a soberania dessa nação.

Públio Virgílio Maro, como descreve Almeida (2000), nascido de camponeses, no ano 70 a.C., em Mântua, na Itália, estudou até os 16 anos em Cremona, de onde se mudou para Milão e, logo depois, para Roma. Estudou filosofia, história, medicina e se revelou nas letras. De volta à terra natal, viu-se despojado das suas terras, distribuídas, com as de mais 26 cidades, às legiões que ocuparam a Gália Cisalpina, e criou, então, as *Bucólicas*, onde em idílios pastoris revela de tal forma o amor à natureza que recebe de Otávio (63 a.C. a 14 d.C.) a devolução dos campos paternos, que por posteriores movimentos políticos tornou a perder.

Escreveu então, durante sete anos, a pedido de Mecenas, as *Geórgicas*, com o fim de enaltecer a vida agrícola, que foram lidas para Augusto, que o presenteou e o remunerou regiamente e ainda o entusiasmou a escrever *Eneida*; dos próprios campos de batalha, Augusto pedia informações e amostras da epopeia. Aos 51 anos partiu para a Grécia e depois para a Ásia, em busca de dados para o aperfeiçoamento do trabalho; encontrando-o doente em Atenas, vítima de insolação, Augusto o fez regressar à Itália, mas, alguns dias depois da chegada a Brindisi, faleceu, em 22 de setembro do ano 19 a.C..

Em síntese, a *Eneida* celebra os trabalhos de Eneias, herói piedoso, filho de Anquises e da deusa Vênus. O poema de Virgílio começa com os últimos momentos da queda de Troia. Eneias por anos vagou no mar em busca da nova pátria, a prometida Itália. Apesar de projetada num tempo mítico, a narrativa poética da *Eneida* tem seu valor como testemunho histórico, aparece como importante registro das práticas, instituições e expectativas da sociedade romana.

Modelada como espelho da obra de Homero, Virgílio estabeleceu um vínculo entre a descendência do herói troiano, Eneias, e a linhagem dos Césares, uma dinastia muito antiga que procedia da distante Alba Longa - cidade mais antiga que Roma, fundada pelo filho de Eneias.

A *Eneida* foi, num primeiro momento, composta em prosa. Depois, lentamente, Virgílio a converteu em poemas. Os seis primeiros livros do poema recordam o enredo da *Odisseia*, e os seis últimos livros, o enredo da *Ilíada*. Com o início do Império Romano, sob o domínio de Augusto, a religião e o passado

romano passaram por uma transformação, por uma crescente reafirmação e revalorização dos antigos valores da Itália primitiva.

Os intelectuais, apoiados por Augusto (Horácio, Virgílio, Tito Lívio, Ovídio, dentre outros), criaram um passado fictício, que logo se converteu em história aceita pela maioria. Junto a essa ficção, aos novos templos e aos ritos dos deuses que os romanos haviam assimilado do panteão grego, a figura de Augusto se afirmava como imperador revestido de toda a autoridade. Assim, a mitologia grega, revitalizada, ideologizou-se, naturalizando-se romana. Nesse sentido, ocorre uma autêntica fusão entre as “realidades” helênica e romana.

O poeta da epopeia romana, sobretudo no Livro VI, permite ver o cenário da formação humana que foi possível naquele momento histórico. Nesse livro, é narrada a descida de Eneias ao inferno, acompanhado de Sibila, profetiza e guardiã da entrada do mundo das sombras. Lá, o herói contempla o destino da alma imortal. O inferno, em *Eneida*, é composto de diversos compartimentos e subdivide-se em Tártaro, lugar de tortura, expiação de vícios, severa punição, purgatório, e os Campos Elísios, lugar onde os virtuosos, depois de breve expiação, gozavam de paz, de prazeres e descanso eternamente. Havia também um rio, Letes, onde as almas, depois de 1.000 anos, podiam beber, apagando-se, assim, suas memórias e podendo reencarnar em novos corpos.

A opção pelo tema “O ideal de homem romano na perspectiva de Virgílio: uma leitura do Livro VI da epopeia *Eneida*” justifica-se pela importância em compreender o processo de transformação social que ocorreu na sociedade romana no século I a.C., pelas mudanças decorrentes da derrocada da República e surgimento do Império, que explicou a composição de um herói que servisse de modelo para o povo romano. E assim, compreender a educação na perspectiva de Virgílio.

A adoção da literatura como fonte de pesquisa passa pelo entendimento de que seu conteúdo retrata as expressões do seu tempo. O estudo da epopeia mostra a literatura enquanto produção social, bem como a influência que esta exerceu na formação do povo, vista a sua importância no período clássico. Italo Calvino, em sua obra *Por que ler os clássicos aponta*, que

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se

ocultam nas dobras de memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo e individual (CALVINO, 1993, p.11).

Para Antônio Candido, as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento sutil, quase que imperceptível. Assim sendo, as camadas profundas da personalidade podem sofrer influência poderosa das obras que são lidas e que atuam de maneira que não se pode avaliar. E que provavelmente a literatura atue tanto quanto a escola e a família na formação dos indivíduos (CANDIDO, 1999).

O autor ainda afirma que “não há povo e não há homem que possa viver sem [...] a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (CANDIDO, 1995, p. 242). Apesar de se restringir à literatura, tendo-se em vista o narrar, pode-se estender o fato para além dos limites literários, trazendo a ideia tão enfatizada pelo autor de construção do texto como elemento humanizador:

De fato, quando elaboram uma estrutura, o poeta ou o narrador nos propõem um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada. Se fosse possível abstrair o sentido e pensar nas palavras como tijolos de uma construção, eu diria que esses tijolos representam um modo de organizar a matéria, e que enquanto organização eles exercem papel ordenador sobre a nossa mente (CANDIDO, 1995, p. 245).

Pode-se compreender, portanto, que a construção da memória e da identidade ocorre fundamentalmente pelo narrar: “A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; e em seguida, a organizar o mundo” (CANDIDO, 1995, p. 246).

O problema de pesquisa centrou-se em desvendar de que forma o Livro VI da epopeia *Eneida*, de Virgílio, contribuiu para a formação do homem romano do século I a.C.. Em que sentido a transformação da personagem Eneias, a partir das experiências vivenciadas no mundo dos mortos, na revelação dos vícios e castigos, e das virtudes e recompensas, se apresentam como modelos educativos, e como poderia sinalizar para a aceitação e glorificação de Augusto e também promover a adesão de um novo modelo de homem que atenderia às expectativas imperiais.

Sua contribuição para a educação seria no sentido de possibilitar analisar os processos de formação do homem em Roma no século I a.C., pois considerar

como os antigos responderam aos desafios do seu tempo pode possibilitar um exercício metodológico, um duplo movimento, em que questões universais, a respeito da formação moral no homem, são pensadas e analisadas, a fim de contribuir para a reflexão do homem que se pretende formar hoje frente os desafios que se apresentam.

Traçou-se como objetivo geral analisar a epopeia *Eneida* a partir das rupturas e das permanências historicamente constituídas na sua contribuição à formação do perfil ideal de homem romano. Pretendeu-se, como objetivos específicos, analisar as transformações histórico-políticas no século I a.C. e o Livro VI da epopeia *Eneida*, enquanto expressão das transformações sociais ocorridas em Roma, como também avaliar nessa epopeia a intencionalidade da exaltação moral da personagem Eneias.

A respeito da fundamentação e da metodologia, a presente pesquisa tem caráter bibliográfico, tratando-se de uma investigação de ordem conceitual, fundada em levantamento de fontes (a epopeia *Eneida* como fonte primária, com recorte no Livro VI) e em literatura de apoio. Os procedimentos realizados foram análise dos textos para se realizar a contextualização histórica do objeto, como também a sua leitura crítica. Ainda que para o desenvolvimento do presente trabalho sejam necessárias reflexões mais amplas, o recorte cronológico da pesquisa está limitado à época em que Virgílio produziu sua obra.

Para se entender as formulações que esse poeta estabeleceu na formação de um ideal de educação e a sua relação com a sociedade, fez-se necessária, antes, uma compreensão histórica das lutas que estão postas no seio da sociedade romana, ou seja, foi preciso conhecer os fatores sociais, políticos e econômicos, envolvidos no processo histórico do século I a.C..

Para tanto, buscou-se na presente pesquisa a fundamentação em textos como os de Géza Alföldy (1989), *História social de Roma*, e Mikhail Rostovtzeff (1973), *História de Roma*, para a análise do contexto social romano nos motivos que culminaram na queda da República e surgimento do Império. Como também o artigo de Tiago Pires, Propaganda política no Principado Augustano: as artes como forma de discurso (24 a.C-14 d.C.), e o livro de Paul Zanker (1992), *Augusto y el Poder de Las Imágenes*, possibilitou a percepção de aspectos fundamentais para a compreensão do século de Augusto.

Na busca de conhecer as particularidades da literatura da época estudada, a pesquisa se apoiou em autores como Maria Helena da Rocha Pereira (2015), Pierre Grimal (1984), Zélia de Almeida Cardoso (1990), Alessandro Barchiesi (2010) e Alessandro Perutelli (2010) que possibilitaram perscrutar as especificidades do gênero épico aderido por Virgílio, como fonte de expressão do pensamento do autor e de sua época.

A respeito da educação buscou-se pesquisar por meio dos textos como os de Henri Irénée Morrou (1990), José Joaquim Pereira Melo (2006), Martin Lowther e Clarke (1968) as especificidades próprias da formação do homem na antiguidade.

Essa busca pela compreensão da macroestrutura da sociedade romana se deu pela compreensão de que, anteriormente ao fato de a educação tomar contornos “institucionais”, ela é constituída a partir dos anseios e necessidades da sociedade de cada época. Nesse processo, é na materialidade da vida dos homens, em seu convívio em sociedade, que são maturadas as ideias educacionais que futuramente tomariam corpo na escola, em seu viés institucionalizado.

Antes de as instituições moldarem os homens, são os homens que, a partir dos anseios de cada época, dão corpo a essas instituições representativas. Nesse sentido, a literatura contribui como instrumento de expressão humana e ao mesmo tempo pode atuar na formação dos indivíduos. Para se responder às questões levantadas, o trabalho foi organizado em três seções.

Em um primeiro momento pretendeu-se apresentar o tempo, o poeta e a epopeia romana do século I a.C., com a finalidade de servir para melhor compreensão da análise que se proporá nos capítulos seguintes, sobre o livro VI da epopeia *Eneida*. Muito já se estudou e ainda será estudado sobre a vida e a obra desse poeta da Antiguidade, porém, neste estudo, a reflexão será com o foco nos aspectos que posteriormente possibilitarão a compreensão da contribuição da obra de Virgílio para a formação do homem romano no início do Império.

Na segunda seção, será apresentada a análise do Livro VI, que narra a descida de Eneias ao Tártaro, tendo-se em vista a formação moral às avessas, o ensinamento a partir do exemplo negativo. Porém, anteriormente, se verificará

outras narrativas de catábase na mitologia, na literatura, que serviram como base, modelo a Virgílio. Uma primeira hipótese deste trabalho era de que o principal ensinamento a respeito do modelo educativo em Virgílio seria encontrado no Tártaro, porém ao longo da pesquisa verificou-se que a efetiva formação do herói se deu nos Campos Elísios. Por esse motivo a terceira seção delimitou-se em analisar o modelo educativo presente nesse segundo espaço da narrativa.

Na terceira seção se analisará o modelo de educação romana, espelhado na experiência de Eneias nos Campos Elísios, o aprendizado do herói a partir dos exemplos positivos, apresentado por meio da exposição da galeria dos heróis romanos ao longo da história. Destacar-se-ão a *virtus*, a *pietas* e a *fides* como valores basilares da ideologia romana, buscando ver como esses são representados dentro do Livro VI da epopeia como espelho formativo.

A motivação à virtude durante a passagem do herói pelo Elísio decorre da expectativa pelas recompensas: glória e grandeza. Buscar-se-á associar esse ponto da narrativa, que revela a concretude da formação do herói, à importância, na educação, de haver uma perspectiva e um objetivo a serem alcançados, o valor do elogio e do incentivo.

2. O TEMPO, O POETA E A EPOPEIA

Ao se tomar a literatura, de modo sistemático, cotejando-se a produção literária de determinado poeta com seus pares contemporâneos, examinando-se o discurso dos opositores em relação às ideias defendidas pelo pensador, algumas convicções podem ser estruturadas a respeito dos conflitos sociais, alguns aspectos podem ser focalizados, com maior clareza, para que se possa verificar o campo das lutas entre diferentes forças, no qual a educação se move (NAGEL, 2006).

O poeta, portanto, por meio do seu canto, ao explicitar seus temores, aspirações e indignações, permite a percepção do cenário da formação humana que foi possível em seu momento histórico. Dessa forma, faz-se necessária a pesquisa do tempo e da vida do autor para que na análise do texto literário se possam conhecer as práticas sociais, os valores culturais e religiosos, defendidos e negados, no intuito de se encontrar nesta pesquisa os rumos percorridos pela educação.

2.1. O TEMPO

A civilização romana, depois de decorrentes abalos, sofridos pelas guerras púnicas (264-146 a.C.), começou a caminhar rumo a uma flexibilização forçada das instituições republicanas. Os últimos 100 anos da República romana foram marcados por conflitos de natureza heterogênea, como revoltas servis, resistência das províncias contra a dominação romana, guerra dos itálicos contra Roma, disputas pelo poder no campo político, enfrentamentos entre distintos grupos de interesses e entre partidários (ALFÖLDY, 1989).

Na série de eventos que precederam o surgimento do Império, houve o crescimento da busca pelo poder pessoal por líderes políticos e militares e a transferência de poder dos oligarcas para estes. Frente ao iminente perigo de invasão na Itália, em 113 a.C., de tribos germânicas e celtas, ao se aproximarem da fronteira romana, e após a derrotada de dois exércitos romanos, o Senado

romano permitiu que Mário (157-86 a.C.), o líder do partido popular, fosse eleito cônsul. Tolerou que este fosse reeleito três vezes sucessivamente, de 104 a 102 a.C., embora isso contrariasse todas as tradições políticas romanas.

Mário arregimentou para Roma um exército permanente, atraindo soldados com a promessa de terras quando o período de serviço expirasse. A antiga milícia transformou-se, assim, em um exército profissional. Com nova força, Mário pôde defender a Itália contra a invasão dos povos adversários.

Porém guerras civis fervilhavam na Itália, os italianos reivindicavam a cidadania romana e até mesmo a destruição da supremacia romana e a formação de uma nova confederação italiana, na qual Roma teria a mesma posição dos outros aliados. Essa guerra arrastou-se de 91 a 88 a.C., a luta entre italianos e romanos custou muitas vidas de ambos os lados. Nessa mesma época, Roma sofria ameaça de perder suas conquistas no Oriente. Acordos foram feitos para que a guerra social fosse exaurida a fim de que se pudesse combater e expulsar Mitridates² da Grécia e da Ásia Menor (ROSTOVTZEFF, 1973).

Nesse contexto surgiu uma disputa a respeito de qual exército e que general deveriam ser enviados para o leste, e Lúcio Cornélio Sila (138-88 a.C.) foi o designado. Essa disputa, a princípio pouco importante, resultou em uma furiosa guerra civil entre Mário, que era apoiado pelo partido democrático e que defendia a causa dos italianos, e Sila, que tinha o apoio dos patrícios que o elegeram ao cargo de cônsul em 88 a.C.

Em 82 a.C., Sila conseguiu consolidar o seu poder, foi eleito ditador³ pelo Senado e governou numa paz que durou por certo tempo, apesar de ter efetuado no início proscrições e massacres. Alguns de seus aliados cogitaram a possibilidade de transformar Sila em imperador de Roma, mas a morte deste acabou impedindo a execução desse projeto. Com o fim das disputas entre Mário e Sila, o Senado passou a reocupar a condição de instituição política principal. No entanto essas agitações demonstravam que o poder político agora se mostrava nas mãos do exército e da plebe urbana.

² Mitridates, o Grande (132-63 a.C.), foi rei do Ponto de 120 a 63 a.C. na Anatólia e inimigo de Roma.

³ Em latim, *dictator*, governante nomeado excepcionalmente em casos de guerra ou revoltas, para organizar o Estado em períodos de caos administrativo; eram-lhes atribuídos poderes extraordinários, porém tinha função temporária, e, logo terminado o trabalho para o qual fora nomeado, seus poderes eram revogados pelo Senado e pelos cônsules (SILVA, 2009).

Após a morte destes, outros líderes surgiram na política como Marco Licínio Crasso (114-62 a.C.), homem muito rico, protetor dos senadores e cavaleiros, e Gneu Pompeu (106-48 a.C.), que contava apenas com 23 anos, quando ofereceu os seus serviços ao ditador Sila, tornando-se um dos seus mais reconhecidos oficiais. Marco Licínio Crasso, membro de uma destacada família, filho de um dos cônsules do ano 97 a. C., distinguiu-se pelo seu apoio incondicional às classes dirigentes de Roma (BRANDÃO; DE OLIVEIRA, 2015).

Crasso e Pompeu, com o apoio dos seus exércitos, aprovaram uma lei que acabava com o controle do Senado sobre eles. Foi Pompeu, mais do que qualquer outro, que, com a ajuda do poder tribúncio completamente restaurado, desencadeou os acontecimentos que acabaram por conduzir à queda da República.

Pompeu, porém, por não ter muita experiência na política, se mantinha afastado do Senado, preferindo conservar-se fora da vida política ativa de modo a tentar preservar o seu prestígio. Essa situação foi, contudo, minando a sua posição, pois ele percebia que os seus feitos não eram suficientes para lhe granjear a devida proeminência pública. Mas também Crasso não cumpria as condições exigidas para o cargo já que estava apenas há seis meses de pretor⁴. Estava aberta a porta para a entrada de um terceiro interlocutor no jogo político: Júlio César (100 - 44 a.C.).

A falta de reconhecimento por parte do senado foi aliás a causa principal para a queda da República, que se inicia em julho do ano 60 a.C., fruto da aliança informal de Pompeio com dois novos chefes do regime democrático, os já referidos Crasso e Júlio César. Este pacto, sugerido por César, a que se convencionou chamar Primeiro Triunvirato, era de caráter não oficial, sem reconhecimento do senado. De modo a consolidar esta aliança, Júlio César casa (em abril de 57 a.C.) a sua filha Júlia com Pompeio (BRANDÃO; DE OLIVEIRA, 2015, p. 382).

Passadas as conjurações de Catilina em 63 a.C., Roma vivia um período de frágil paz interna, que veio a se consolidar em 60 a.C. com a formação do

⁴ O pretor, na República romana, era um magistrado. De acordo com Lima (2004), no ano de 510 a.C., quando a República romana foi inaugurada, a estrutura político-administrativa era composta pelo Senado, pelas Assembleias do Povo e pela Magistratura. A Magistratura era um órgão estatal, revestido de grandes poderes, cabendo-lhe cuidar de todos os assuntos de interesse da República. Os pretores compunham a Magistratura ordinária, com os cônsules, censores e questores.

primeiro triunvirato, uma coalizão entre os generais Crasso, César e Pompeu. Esses dois últimos, além do pacto político, unia certo grau de parentesco devido ao matrimônio entre Júlia, filha de César, e Pompeu no ano de 59 a.C. O pacto celebrado entre esses três homens unia a imensa popularidade de Pompeu à riqueza de Crasso e à habilidade política de César.

Transcorridos alguns anos, o primeiro triunvirato se fragilizou fosse com a morte de Júlia em 54 a.C., fosse com a de Crasso, em 53 a.C.. Como nenhum dos dois restantes aceitava ser o segundo em Roma, instaurou-se a guerra civil: de um lado estava Pompeu, confiado nas suas vitórias no Oriente, Egito e Espanha, do outro, César, animado pelas vitórias na Gália. Na cidade de Roma, com o favor do cônsul Marcelo e do senador Catão, o Senado numa conturbada sessão proibiu César, que estava ausente da cidade, de se tornar cônsul, mesmo que os tribunos favoráveis a ele, entre os quais Curião, tentassem a aprovação disso a todo o custo. Diante desse impedimento, Cesar cruzou o Rubicão com suas tropas.

Assim, Júlio Cesar se tornou ditador em Roma. Sua personalidade, suas conquistas e o seu carisma deram-lhe o poder supremo. A clemência para com os derrotados valeu-lhe o apreço de muitos, mas não abafou por muito tempo as ambições dos aristocratas. No ano de 44 a.C., sobre o comando de Brutos e Cássio, um grupo de senadores assassinou o ditador.

Júlio Cesar logrou trazer por breve período a paz civil, mas a sua morte trouxe de novo a guerra ao Estado. Como os assassinos não tinham um plano e, receosos, se refugiaram no Capitólio, o poder ficou nas mãos do cônsul Antônio (83-31 a.C.), general aliado de Cesar, e de Lépido (90-13 a.C.), mestre de cavalaria. E foi nesse contexto que regressou a Roma o jovem Otávio (63 a.C. - 14 d.C.) a reclamar a sua herança e o nome de César, enquanto filho adotivo do ditador.

É preciso considerar que foi Júlio Cesar quem preparou o caminho para que o principado de Augusto pudesse surgir. A sua tentativa de consagrar um novo regime, por meio do uso da magistratura de ditador, fracassou, mas em muitos aspectos ele detinha já muitas das prerrogativas dos futuros imperadores, entre as quais a de juntar este título ao seu nome, tal como ele próprio deu o seu nome aos imperadores. Muitos o consideram já o primeiro da série. E o biógrafo

Suetônio coloca-o à cabeça dos seus Doze Césares (BRANDÃO; DE OLIVEIRA, 2015).

As várias dissensões que acompanham o assassinato de Júlio César terminam com a formação do segundo triunvirato com Otávio, Marco Antônio e Lépido, mas esse não se sustentou por muito tempo, e, em 30 a.C., depois do suicídio de Marco Antônio, quando Lépido já há muito estava posto à margem, Otávio se tornou o senhor único de Roma. Sobre todo esse contexto do fim do período republicano, expõe Bignone:

Mortos, aos trinta anos apenas, Catulo e Calvo, os líricos apaixonados daquela juventude ardente da poesia; Lucrécio, talvez louco, suicidou-se aos quarenta; Lúculo enlouqueceu; Catão, Bruto, Cassio e Antônio se suicidaram muito jovens; Crasso, morto pelos partos, Celio e Curião pelos legionários romanos; Cesar apunhalado pelos conspiradores romanos; Cícero teve a cabeça cortada pelos sicários dos triúnviros. Somente das últimas proscrições dos triúnviros, foram vítimas uns trezentos senadores e mil cavaleiros. [...] e com as matanças, as devastações, com os cidadãos despojados de seus bens, de seus campos, com as campanhas devastadas, com as cidades despovoadas, nos foros cidadãos crescia a erva da desolação. Estragos, ruína, escombros, era o colapso de um mundo (BIGNONE, 1952, p. 191, tradução nossa).⁵

O fim da República romana, conforme mencionado, se deu efetivamente com o triunfo de Otávio sobre Antônio e Cleópatra, obtido em duas ocasiões: na batalha do *Actium* (31 a.C.) e em Alexandria, mediante a captura da cidade e o suicídio do casal (30 a.C.). Porém, em 27 a.C., Otávio oficialmente se tornou governante único, quando ele entregou os seus poderes ao Senado e este lhe confiou a tutela do Estado (LE ROUX, 2009). Declarado *princeps* - o primeiro cidadão -, pontífice magno e Pai da Pátria, sacrossanto e inviolável, e recebendo do Senado e do exército o título de *imperator* - detentor dos poderes Executivo,

⁵ Muertos, a los treinta años apenas, Catulo y Calvo, los líricos apasionados de aquella juventude ardiente de poesia; suicida a los cuarenta, quizás loco, Lucrecio; loco Luculo; suicidas em edad aún temprana Catón, Bruto, Casio, Antonio; Craso, muerto por los partos, Celio y Curión por los legionarios romanos; César apuñaleado por los conjurados romanos; cortada la cabeza de Cicerón por sicarios de los triunvires. Víctimas, y sólo de las últimas proscripciones triunvirales, unos trescientos senadores y mil caballeros. [...] Y con las matanzas, las devastaciones: los ciudadanos despojados de sus bienes, de sus campos, devastadas las campañas, despobladas las ciudades y en los foros ciudadanos crescendo la hierba de la desolación. Estragos, ruína, escombros, derrumbe de um mundo (BIGNONE, 1952, p. 191, tradução nossa)

Legislativo e Militar -, Otávio Augusto iniciou o principado, isto é, o Império Romano.

2.1.1. O principado

Augusto nasceu no ano 63 a.C. com o nome de Caio Octávio Turino, era sobrinho-neto de Júlio Cesar, pelo lado da mãe. Seu pai, morto em 58 a.C., pertencia a uma família abastada de Velitrae, onde fora o primeiro membro a entrar para o Senado. Adotado por César, Octávio passou a chamar-se, em 44 a.C., C. Júlio César Otaviano. A partir de 45 a.C., Júlio César o mandou completar a educação em Apolónia (Ilíria), onde formou um exército destinado a fazer uma expedição contra os Partos. Foi aí que, em 44 a.C., Otaviano recebeu a notícia do assassinato do pai adotivo.

Empenhou-se, então, em reivindicar a sua herança. Treze anos mais tarde, único senhor de Roma depois da batalha do Áccio, empreendeu uma obra imensa de reorganização e de restauração em todos os planos e inaugurou um regime em que o poder centralizado do príncipe se aliava ao respeito, pelo menos aparente, pelas tradições republicanas (GRIMAL, 1984).

No ano de 27 a.C., o nome de *Augustus* foi proposto pelo Senado. Como destaca Pereira (2002), esse título é uma palavra do vocábulo religioso que singularizava: Augusto, acima dos homens. O termo não era novo para os romanos, sendo aplicado a objetos ou lugares consagrados pelos áugures e que evocavam um guia venerado.

Seu governo durou 57 anos e durante esse tempo restabeleceu o prestígio do Senado, tendo, no entanto, reduzido a sua composição e lhe retirado poderes. Restaurou os cultos antigos, acreditando no respeito pelo sagrado, criou a guarda pretória⁶, os serviços públicos, o ensino especializado em direito e incentivou a criação literária.

Pelo fato de o advento do principado ter concluído um processo de transição política - um governo de moldes republicanos para um governo de fortes

⁶ A guarda pretória era o grupo de legionários experientes, encarregados da proteção do *praetorium*, parte central do acampamento de uma legião romana, onde ficavam instalados os oficiais. Com a tomada do poder por Otaviano, transformou-se na guarda pessoal do imperador.

tendências de poder pessoal absoluto -, as mudanças de governo não poderiam ser de forma abrupta, deveriam vir de forma lenta e “natural”.

Segundo Pires (2014), caberia aos aliados do principado formular uma ideologia de legitimação de governo que conciliasse as alegorias e instituições republicanas com os aparatos e poderes extraordinários do governo de Augusto.

A figura do líder deveria ser cercada de mecanismos de persuasão que legitimassem sua posição de destaque na nova configuração política. As obras artísticas, produzidas durante o governo de Otaviano, denotaram um sistema de representações que legitimaram e construíram a identidade do governante como representante máximo da *res publica*. O papel da propaganda era de alertar, informar ao povo a ideologia daquele que comandava o Estado e a razão pela qual o fazia. A extensiva ostentação de figuras, em vários meios de propagação, do líder político produziu uma onipresença em todo o território, deixando claro quem estabeleceria a ordem (PIRES, 2014).

De acordo com Chaui (2010), Augusto pretendia restaurar em grandeza, força e potência as glórias da Roma republicana, mas, verdadeiramente, imperial. O século de Augusto foi o momento do apogeu de Roma. O imperador instituiu a *Pax Romana*, ou *Pax Augusta*, em todos os territórios conquistados, dando aos chefes e governantes locais o título de amigos de Roma. Sobre as reformas realizadas pelo imperador, a autora destaca:

Augusto reforma a tributação de impostos, satisfazendo aos pequenos proprietários de terra e aos homens livres ricos da plebe urbana; cria incentivos para a agricultura e distribui terras aos generais aposentados para mantê-los longe de Roma e das conspirações políticas; centraliza a coleta de impostos e taxas, controlando todo o dinheiro público; centraliza e uniformiza os tribunais de justiça, sistematiza o Direito Romano, agora dividido em *jus civile* (as leis do Estado) e *jus gentium* (direito privado), promulga leis sobre a propriedade privada (contratos, usufruto, usucapião, divórcios, casamento perfeito, adultério, prole, sistematização dos problemas envolvidos com as heranças) e se torna, enquanto chefe de Estado, *domunus*, isto é, senhor e proprietário de todas as terras de Roma ou do *dominium romanum*, podendo cedê-las, por contrato, a terceiros, seja como propriedade privada, seja como posse (CHAUÍ, 2010, p.207).

Augusto preocupou-se em adequar a sua imagem ao modelo de cidadão ideal, buscou difundir sistemas de representações que esclarecessem aos seus

contemporâneos a razão de estar no poder e de como os seus subjugados deveriam se portar. A imagem construída em torno de César Augusto era entendida como formas de domesticar os espíritos dos romanos.

O projeto, que Augusto almejou executar, de reconstruir a identidade do povo romano, do qual a renovação moral fazia parte, envolvia também o embelezamento da cidade e incentivo à arte. O desenvolvimento arquitetônico de Roma foi acompanhado pelo florescimento literário, que culminou numa época de ouro nas letras. Os maiores poetas, que tinham Mecenas⁷ com patrono, procuraram celebrar a figura de Augusto por entenderem a sua representatividade.

O imperador cercou-se de um conjunto de escritores, Virgílio (70-19 a.C.), Horácio (65-8 a.C.), Tibulo (54-19 a.C.) e Propércio (43-17 a.C.), Ovídio (43 a.C.-17 d.C.), Tito Lívio (59 a.C.-17 d.C.) e tantos outros. Nesse período, é possível identificar o desenvolvimento do gosto pela leitura em Roma, foi fundada a primeira biblioteca, foram criadas as leituras públicas, concursos de poesia foram inaugurados, fazendo, enfim, com que esses escritores desfrutassem de um ambiente de reconhecimento que teve pouca durabilidade, pois, como ressalta Pereira (2015), depois do século de Augusto, a literatura latina entrou em declínio.

2.1.2. O programa de restauração das antigas tradições romanas

Uma das formas estabelecidas de agregar vetores positivos à representação do governante era o retorno à tradição ancestral, a *mos maiorum*, com a ideia de instauração da *pax augusta*, de ordenamento social e a ideia de sobrevivência da República.

Para a civilização romana, ante a desorientação geral, acreditar que a culpa de toda a decadência era pelo fato de o povo romano ter se distanciado dos deuses e dos costumes dos antepassados, da *mos maiorum* parecia algo plausível (ZANKER, 1992).

⁷ Gaius Cilnius Mecenas (70 a.C. – 8 a.C.), cidadão romano da época imperial, estadista e protetor das letras, foi conselheiro do imperador Augusto, tendo devotado muito de seus esforços e recursos ao apoio das artes.

Segundo Marrou (1990), por volta do final do século VI a.C., Roma e a cultura romana encontravam-se dominadas por uma aristocracia de camponeses, de proprietários rurais explorando diretamente suas terras. Dessa forma, a formação do povo romano, na sua origem, era para o trabalho no campo, e, como era própria à educação do camponês, a concepção do homem romano estava voltada para um modo de vida que valorizasse as tradições e a veneração dos costumes dos mais velhos:

A educação, para eles, é antes de tudo a iniciação progressiva em um modo de vida tradicional. Desde que toma consciência, e já por seus brinquedos, a criança esforça-se para imitar os gestos, o comportamento, os trabalhos dos mais velhos. À medida que cresce, introduz-se, faz-se admitir, silenciosa e reservada, no círculo dos grandes. Escuta os velhos falarem – sobre a chuva e o bom tempo, sobre os trabalhos e os dias, sobre os homens e os animais, - e inicia-se deste modo em toda uma sabedoria (MARROU, 1990, p.360).

No século II, Roma começou a obter forte influência da cultura grega, o helenismo⁸ tomou tamanhas proporções que foi suscitada uma reação nacionalista que julgava prejudicial aos costumes romanos essa influência helênica. Catão (234-149 a.C.) foi um dos que lutou pela preservação das tradições romanas e costumes dos antepassados.

Perante este novo estado de coisas, há alguém que reage: esse alguém é Catão. Catão, que intervém constantemente, propondo a

⁸ O helenismo compreendeu um período de mudanças na Grécia, nos âmbitos social, econômico e cultural, diferenciando-se da época helênica clássica. No período helênico, a *pólis* era tudo para o grego, nela o homem grego encontrava o valor de sua existência. Com a conquista do Oriente por Alexandre, no século IV a.C., ampla movimentação entre as cidades se estabeleceu, na Grécia, começou-se a pensar não mais em termos de cidade, mas de mundo, de cosmos; as cidades estados foram arruinadas, os cidadãos, cujas vidas eram completamente marcadas pelo empenho para com elas, viam-se num vazio de sentido existencial. As monarquias, instituição contra a qual os gregos tinham se precavido no período clássico, se instituíram, tornando a vida política distante e despersonalizada de seus cidadãos. Para estes, restava procurar independência e liberdade pessoal, em um plano diverso daquele político, agora o homem deveria pensar-se de forma individual e estar preparado para viver em situações diversas e adversas. Cada um devia ser o rei de si mesmo (LARA, 2001). A filosofia helenística, que perdurou entre os séculos IV a.C. e VI d.C., pretendia fazer o homem se situar dos pontos de vista físico, psicossocial e existencial. O estoicismo e o epicurismo⁸, escolas filosóficas⁸ desse período, visavam enfatizar as riquezas da pessoa humana e a consequente possibilidade de uma autossuficiência de vida e convocavam seus adeptos à descoberta de uma ordem universal superior na qual poderiam se inserir sem a mediação da *pólis*. O homem deveria procurar se libertar interiormente e atingir a própria perfeição sem a ajuda de intermediários. A procura quase obsessiva pela tranquilidade interior fazia parte das propostas de ambas, assim como o conformismo sociopolítico. Dessa forma, ser sábio era saber se arranjar independente do mundo (LARA, 2001).

votação de leis repressivas, patrocinando a aprovação da Lei Voconia, Orchia e Fannia; que toda a sua vida defende a antiga tradição, sem tolerar luxos nem ostentação, que acusa as Letras Gregas do desequilíbrio moral, e, não vendo que o mal vem fundamentalmente do excesso da riqueza, prescreve filósofos e oradores helênicos, mas acaba os seus dias a aprender grego e a devorar os discursos de Demóstenes. Enfim, a personificação exata do choque sofrido pela civilização romana, posta em contacto com outra que lhe era muito superior (PEREIRA, 2015, p.21).

Apesar da resistência de alguns, já estava criada a civilização greco-romana, síntese do gênio especulativo grego e do gênio prático romano. E, no século II e parte do século I, vigoraram as instituições republicanas e o período de maior independência intelectual da cultura romana (FARIA, 1984).

Por sua origem na comunidade mediterrânea, por sua organização política, pelas próprias condições de sua formação histórica e pelas primeiras tendências de seu imperialismo, Roma estava fadada a se integrar no sistema do pensamento helênico (FARIA, 1984, p. 42).

Embora a aceitação do helenismo em Roma, a *romanitas*⁹, não tivesse sido perdida, o apreço pelo estoicismo¹⁰ pelo dever, pela autodisciplina e pela sujeição à ordem natural das coisas vinha ao encontro das antigas virtudes romanas e dos seus hábitos conservadores, bem como da sua insistência nas obrigações cívicas. Enfim, sua doutrina a respeito do cosmopolitismo estava de acordo com a

⁹ Emprega-se o termo para se fazer referência ao conjunto de conceitos políticos e culturais e práticas que definiram o ser romano, que faziam de determinada pessoa um romano (CABECEIRAS, 2013).

¹⁰ A escola estoica foi fundada em Atenas em 300 a.C. por Zenão de Cítio (332-262 a. C.). O termo “estoicismo” deriva da *stoa poikilé*, local em Atenas onde os membros da escola se reuniam. O estoicismo observa uma estreita relação entre a *physis* e o *ethos*. Para essa corrente filosófica, o homem é parte do universo e, para ter uma conduta ética que assegure a sua felicidade, suas ações devem estar em consonância com os princípios naturais e com a harmonia do cosmo, o qual dá equilíbrio a todo o universo, inclusive ao homem. Há uma espécie de energia, um *logos*, que determina como as coisas são, as quais são exatamente como devem ser. O destino reflete a racionalidade do real e, para que cada ser seja completo e integrado ao universo, este precisa viver segundo a sua específica natureza que, no caso do homem, significa viver racionalmente. A doutrina estoica foi posteriormente desenvolvida por Zenão, Cleantes (331-232 a.C.) e Crisipo (280-206 a.C.). Foi por volta dos anos 150 a.C., com Panécio de Rodes (180 – 110 a.C.), que o estoicismo surgiu em Roma, serviu tanto à República quanto ao Império, foi de forma expressivo e produtivo durante os primeiros séculos tanto antes como depois de Cristo. O estoicismo, depois de uma reconfiguração, veio a atender perfeitamente ao espírito romano no seu senso prático e na sua índole ecumênica. Porém aquilo que no estoicismo foi mais relevante para o romano foi sua ética. Depois de reconfigurado, ele se converteu também em uma reflexão sobre a vida e sobre a morte e passou a ensinar o desapego às coisas materiais, tendo em conta preparar o indivíduo para o cultivo das coisas da alma (PEREIRA MELO, 2015).

mentalidade política romana e com o seu orgulho de ser um Império mundial. Desse modo, os romanos não se interessaram pelo período clássico, representado por Platão e por Aristóteles, e as suas preocupações com a cidade e com uma política ideal, mas sim pelas filosofias que ganharam corpo com a ordem helenística, de cunho materialista e existencialista, porque estas se conformavam ao seu espírito utilitário (PEREIRA MELO, 2015).

Nesse sentido, vê-se uma junção entre a filosofia do Pórtico e as tradições ancestrais romanas, compreendidas na noção de *mos maiorum* (o costume dos grandes, compreendido como o dos ancestrais). Tal encontro certamente não se principiou apenas na época imperial, e talvez possa ser mapeado durante a República, entretanto pode ser mais bem observado durante o principado, quando os imperadores careciam muito do respaldo das tradições para justificarem suas posições. O estoicismo possuía características que favoreciam a construção de ideias em momentos em que o panorama político e ideológico exigia uma história de restauração.

No período em que a República começava a ser abalada, a identidade cultural dos romanos passava a também ser abalada, isso fez com que nas reformas morais de Augusto se buscasse a reconstrução dessa identidade nas tradições antigas, na origem de Roma, na idealização de um povo simples e piedoso, nos mitos e na religião dos antepassados. E, dessa forma, ao povo romano ficou suscetível acreditar no altruísmo de um guia político que seria restaurador da paz.

2.1.3. Política, arte e educação: a amizade entre o imperador e o poeta

Em meio ao *Século de Augusto*¹¹, o imperador pretendia criar um patrimônio estético e literário, que, segundo ele, representaria a grandeza do seu Império (29 a.C. -14 d.C.). E uma epopeia latina que atendesse ao propósito de emancipação e demonstração de originalidade frente aos gregos alcançou papel de destaque no projeto de renovação cultural do imperador.

¹¹ Como forma de honrar a figura de Augusto, o Senado decidiu, após a morte daquele, designar todo o período desde o seu nascimento até à sua morte (63 a.C. -14 d.C.) como *Saeculum Augustum*.

Porém, mais que um programa dirigido à acumulação de poder recorrendo às artes, aos artistas, como veículo propagandístico, a cultura augustana teria sido um empreendimento muito expressivo, que deve ser compreendida para além de apenas um instrumento ideológico a serviço do principado. Tal postura seria, por demais, reducionista e negaria à arte seu potencial criativo. O patrocínio imperial por si só não conseguiria explicar essa característica transcendental da poesia. Os poetas, já mencionados, dos quais Augusto se cercou, preservaram sua subjetividade e com ela modelaram suas criações.

Segundo Rostovtzeff (1973), a maioria dos poetas que cercavam Augusto fora arruinada pela guerra civil e dependia, para viver, do imperador e de seus amigos íntimos. Porém não era provável que Augusto os obrigasse a aceitar suas ideias:

Não foi ao seu patrocínio que deveram o reconhecimento como clássicos, ainda em vida, por todos os que falavam latim. Nessa questão, Augusto demonstrou também seu reconhecimento da natureza humana e sua sensibilidade ao sentimento predominante. Sabia que Virgílio e Horácio não podiam deixar de escrever a seu favor e que o gênio deles expressaria, numa sucessão de imagens inesquecíveis, as ideias fundamentais de seu reinado. É impossível que as cadentes palavras que lemos em muitas páginas da *Eneida* fossem sugeridas a Virgílio por Augusto: elas jorravam do próprio coração do poeta e encontraram ouvintes entusiastas não só no imperador e sua família, mas entre todos os romanos (ROSTOVITZEFF, 1973, p.191).

Muitas obras desse período são tidas como clássicas, essencialmente por apresentar um produto que define duradouras características da existência humana, o universalmente humano, em tempos de crise, que outras gerações se esforçaram ou tiveram a necessidade de revisitar¹². E, mesmo imbuída desse

¹² Cedo *Eneida* começou a ser estudada nas escolas, como texto de grande beleza artística e não menor valor formativo. Sêneca cita com frequência versos de Virgílio. Pelos séculos, a epopeia segue influenciando gramáticos, estudiosos, retóricos. E essa influência não se dá somente entre os pagãos, mas também entre os cristãos. Jerónimo e santo Agostinho quase chegam a censurar-se a si mesmos por admirarem demasiado Virgílio. Junto das classes populares, é também bastante conhecida. A prova disso está nos numerosos “graffiti” de Pompeia em que figuram versos, mais ou menos adulterados, do grande épico. Na Idade Média, não desvaneceu seu prestígio, ao contrário, e como é sabido, Dante escolheu Virgílio para ser seu guia no inferno. No Renascimento é imitada por vários artistas, dentre os quais, como exemplo máximo, Camões. No século XIX, Chateaubriand, Victor Hugo e Saute-Bueve continuaram a atribuir-lhe a homenagem de o estudarem conscienciosamente. Depois veio a crítica alemã, que tendia a negar a Virgílio todo e qualquer dom de originalidade de inspiração. Por fim, a *Eneida*, com os outros escritos clássicos,

espírito augustano, a *Eneida* compreende um importante registro das sensibilidades de seu tempo. Portanto, não seria apropriado um posicionamento extremo sobre essa obra, nem de que consiste apenas no elogio a Augusto, nem, ao contrário, desconsiderar as referências ao poder instituído.

É possível inferir, a partir dos relatos biográficos de Virgílio, que a relação entre o poeta e Augusto era amistosa. Como refere Bignone, o próprio idealismo do poeta o levou a se aproximar de Augusto. Virgílio não apresentava apreço pelos ofícios políticos, que envolviam o fórum e a vida pública, mas interessava-se por uma Roma idealizada. Por isso o discurso de Augusto lhe causava admiração:

E quando Otaviano foi saudado como Augusto (27 a.C.) reuniu em baixo de si todo o poder, cortou as últimas resistências republicanas, fundou o Império, e se propôs a dar, por justificação e por ideal, a paz aos povos, Virgílio estava entre aqueles que com alívio viram-se liberados dos trabalhos da paixão política, e que estavam tomados de admiração por Augusto, que havia assumido a tarefa de reger Roma e o Mundo (BIGNONE, 1952, p.196, tradução nossa).¹³

Augusto teve em Virgílio um grande intérprete, este poeta expressou com muita afinidade esse ideal de retorno a uma nova vida religiosa, de valorização do trabalho no campo, de exaltação da Itália como uma terra fértil, de fé e orgulho na eternidade romana, atestada na tradição antiga e confirmada nas esperanças recentes.

Cantar o passado heroico de Roma já era um desejo de Virgílio, esboçado na VI *Bucólica* e, mais nitidamente, no prólogo do livro III das *Geórgicas*, em que o poeta descreve o povo romano como um povo eleito e que estava perante um momento solene de sua história (BIGNONE, 1952).

Conforme o relato de Suetônio, durante a composição da *Eneida*, Augusto mostrava-se interessado na epopeia, pedindo para que Virgílio lhe enviasse os livros já escritos (SUETÔNIO, *Vida de Virgílio*, 32). É possível inferir que a criação

perdeu um pouco do seu prestígio, sem dúvida em consequência também do menor conhecimento da língua em que foi escrita (PEREIRA, 2015).

¹³ Y cuando Octaviano saludado como Augusto (27 a.C.) reunió bajo sí todo poder, cortó las últimas resistencias republicanas, fundo el imperio, y se propuso darle por justificación y por ideal la paz de los pueblos, Virgílio estuvo entre aquellos que con alivio se vieron liberados de los trabajos de la pasión política, y que estaban llenos de admiración por Augusto, que había assumido la tarefa de regir a Roma y al mundo (BIGNONE, 1952, p.196, tradução nossa).

de uma obra literária que contasse os feitos heroicos dos romanos significava uma equiparação com a cultura grega, já que esta possuía duas epopeias que contavam os feitos heroicos de seu povo. Virgílio buscou apresentar, de forma subjacente na *Eneida*, que o povo romano não era em nada inferior aos gregos, pois estes também advinham de deuses e heróis, e que, por fim, apesar de no passado mítico os gregos terem vencido os troianos, a nova Troia, a Itália, fundada por Eneias, se fez superior e conquistou os gregos.

É importante ressaltar que as virtudes do herói e sua descendência soberana colocam-se como princípio fundamental para se compreender o ideal de homem e imperador glorificado. O legado de sua obra ultrapassa a percepção de educação institucionalizada, para conceber um ideal de Estado e de governante(s). Com seus componentes culturais, sociais e políticos, suas reflexões se constituem como uma proposta educacional de cunho moral para aqueles que governavam Roma, em tempos de dissolução e crise dos valores.

2.2. O POETA

Publius Vergilius Maro é nativo da cidade de Mântua, na Itália, nasceu em 70 a.C. no primeiro consulado de Marco Licínio Crasso (114- 62 a.C.) e Cneu Pompeu (106 – 48 a.C.)¹⁴. Segundo Hardie (1968) apesar de registros de que a família de Virgílio era sem grandes posses, o pai de Virgílio possuía cultura e recursos suficientes para aspirar a uma carreira senatorial para o filho, e para dar-lhe a melhor educação possível em Mântua, Roma e Milão.

¹⁴ Como é característico nas biografias da Antiguidade Clássica, algumas histórias sobre o nascimento do poeta são baseadas em lendas e mitos que apresentam uma suposta predileção divina, com a finalidade de atribuir a uma personalidade que teve um importante papel na construção da imagem propagandística de César Augusto, presságios para conferir-lhe prestígio e notoriedade. Na lenda, referida por Suetônio, a mãe de Virgílio, grávida dele, teria sonhado que tinha parido um ramo de loureiro, que ao tocar a terra criou raízes e se expandiu até os céus na forma de uma árvore frondosa, repleta de frutos. No dia seguinte, a mulher grávida, ao viajar com o marido, sentiu-se mal e deu a luz a Virgílio, numa vala, ao lado da estrada pela qual seguiam. A criança ao nascer não teria chorado, porém se revelado com uma feição de expressões tenras e delicadas, pressagiando, segundo Suetônio, um destino venturoso. Em seguida, uma árvore teria aparecido no exato local do nascimento, cresceu em tão pouco tempo que se igualou as árvores plantadas muito antes, esta teria sido batizada de árvore de Virgílio, onde as grávidas da região a tinham como um amuleto protetor, e a ela pediam segurança na gestação e tranquilidade no parto (SUETÔNIO. Vida de Virgílio, 01-05).

Quando veio para Roma a fim de estudar retórica, Virgílio já era versado em língua e literatura grega e latina¹⁵, filosofia e história, tornou-se membro do Círculo de Catulo¹⁶. Virgílio também deu atenção à matemática, à medicina e à retórica. No entanto teve uma única e frustrada tentativa na carreira das leis, em sua primeira sessão, se expressou tão vagarosamente que passou a impressão de que era um inculto (SUETÔNIO. Vida de Virgílio, 15- 16). Sobre esse episódio, também descreve Hardie:

Uma aparição nos tribunais parece ter sido o suficiente para convencê-lo de que não era uma carreira política o que buscava, e, provavelmente quando estourou a guerra civil, em 49 a.C., renunciou à retórica e à política, retirando-se para Nápoles, onde abraçaria o epicurismo, com o grego Siro (HARDIE, 1968, p.223)

Virgílio possuía personalidade introvertida, Bignone (1952) escreveu que naquele havia um espírito culto, refinado, reflexivo, era amigo do sossego interior, das artes e da filosofia. Não buscava a vida pública, sentia desconfiança pela custosa conquista de fama, de poder, de honra, que constituía a fadiga e a paixão dos homens da República romana, cedo havia abandonado a ideia de exercer algum ofício político.

Inicialmente pensou em escrever a história de Roma, mas, acreditando não estar à altura do projeto ainda, voltou-se para as *Bucólicas*, levou três anos para escrevê-la e a dedicou a Asínio Polião. Este homem e seus companheiros teriam salvado Virgílio da miséria por ocasião do confisco de terras, realizado por ordem dos triúmviros, após a vitória de Philippos (42 a.C.), terras que foram revertidas aos veteranos de guerra. É possível inferir que Virgílio, depois das *Bucólicas*, já não era mais anônimo pois seus versos eram apresentados pelos cantores nos recitais.

Dessa forma, o poeta já possuía notabilidade suficiente para que caísse nas graças de Mecenas, grande protetor das artes literárias e amigo de Augusto.

¹⁵ Desde muito jovem compunha poemas. Algumas composições como *Cantalepton*, *Priapea*, *Epigramas*, *Dirae*, *Ciris* e *Culex* foram originadas ainda na adolescência.

¹⁶ Caio Valério Catulo (88-54 a.C.) foi um poeta romano, que pertencia a um círculo de poetas de ideais estéticos comuns, os quais Cícero chama de poetas novos (modernos).

Em honra a Mecenas, e sobre a sua proteção, Virgílio, em sete anos, escreveu *Geórgicas*, um poema sobre agricultura, porque o havia livrado da morte, quando, perigosamente, se envolveu em disputas agrárias com um veterano.

Por volta do ano 38 a.C., Virgílio ocupava lugar de destaque no grupo de Mecenas. Aquele, com Horácio e outros poetas, figurou entre os comitês que acompanharam Mecenas a Bríndisi numa missão diplomática. No regresso de Augusto da batalha do Accio (31 a.C.), este parou em Atenas para poder se recuperar de uma infecção na garganta, Virgílio, nessa ocasião, teria recitado para o imperador as *Geórgicas*.

Virgílio passou a sua vida, depois da amizade com Mecenas e Augusto, como senhor rico, graças a esses protetores. Era proprietário de uma residência – *domus* - no Esquilino junto aos Jardins de Mecenas. Porém passava a maior parte do tempo em retiro, na Sicília e na Campânia. Nunca gostou de passar muito tempo em Roma. Amava muito mais a Roma ideal, das grandes tradições heroicas, do que a cidade cosmopolita do começo do Império.

Os últimos 11 anos de sua vida foram dedicados, exclusivamente, à *Eneida*. Hardie (1968) diz que a demora do poeta em compor a epopeia se dava pela preocupação em como estender seu minucioso artesanato numa tela narrativa tão ampla e como fazer um poema moderno, pessoal, nos moldes da tradição de Homero, que já datava 700 anos. Virgílio tinha, de algum modo, que insinuar sua consciência moderna em seu Eneias, sem anacronismo, e criar um estilo que pudesse vergar o tradicional com um toque novo e, mesmo, coloquial.

Aos 52 anos de idade, em fase de conclusão para a epopeia, o poeta decidiu viajar para a Grécia e Ásia com o intuito de conhecer os lugares que mencionava no poema. Sua viagem deveria durar três anos. Chegando a Atenas, encontrou Augusto que regressava do Oriente para Roma. Por motivos não explicitados, Virgílio decidiu acompanhá-lo. Ao passar pela cidade de Mégara, abatido pelo Sol, foi tomado por uma febre intensa e mal-estar que persistiram no trajeto de volta para a Itália. Em Bríndisi faleceu, no dia 21 de setembro do ano 19 a.C. Seus restos mortais foram transportados para Nápoles e lacrados num sepulcro (FERNÁNDEZ, 1984).

Virgílio tinha ordenado a Lucio Vário Rufo (74 a.C. – 14 a.C.), escritor de tragédias e seu grande amigo, antes de deixar a Itália, que, se alguma coisa

acontecesse com ele, *Eneida* deveria ser destruída pelo fogo. Porém Vário havia dito categoricamente que não o faria. Mesmo assim o poeta legou os seus versos não publicados a Vário e a Tuca¹⁷, sob a condição de nunca publicarem. No entanto seus amigos publicaram a epopeia a pedido de Augusto, depois de ligeiramente emendada, mas ainda com versos inacabados. Acerca desse assunto Sulpício Apolinário (138-161 d. C.) escreveu:

Virgílio tinha encomendado que fossem destruídos com rápidas chamas estes poemas, que cantavam o general frígio¹⁸. Tuca e Vário o impediu, tu, grande Cesar, não permitiu e velou pela história do Lácio. A infeliz Pérgamo quase caiu pela segunda vez no fogo¹⁹, e Tróia quase foi queimada em outra pira (SUETÔNIO, Vida de Virgílio, 38, tradução nossa).²⁰

O poeta não julgava estar a epopeia completa e grandiosa como pretendia, avaliava seu trabalho como imperfeito. Porém, ao que tudo indica, não era o que pensavam seus amigos, também escritores, e, para o imperador, aquela obra pareceu corresponder exatamente às expectativas deste. *Eneida* encantou todos no seu tempo e, cumprindo a função de uma obra clássica, foi a expressão dos anseios daquela sociedade, revelou com riquezas de detalhes a alma do homem frente aos desafios de seu tempo.

2.3. A EPOPEIA

Segundo Pereira (2015), a epopeia deve ter sido o mais antigo gênero de poesia que o espírito do homem concebeu²¹. Apresentando caráter histórico e

¹⁷ Plotio Tuca, poeta romano que faleceu no ano 35 a.C., amigo e editor de Virgílio.

¹⁸ Refere-se ao general Agamenon, na guerra de Tróia, narrada por Homero na *Ilíada*.

¹⁹ Refere-se ao fogo que destruiu seus muros e ao que agora iria destruir sua glória. A *Eneida* revela como os romanos, descendentes de um troiano, deram a desforra nos gregos, conquistando maior glória.

²⁰ Lusserat haec rapidis aboleri carmina flammis Vergilius, Phrygium quae cecinere ducem. Tucca vetat Variusque; simul tu, máxime Caesar, Non sinis et Latiae consulis historiae. Infelix gemino cecidit prope Pergamon igni, Et paene est alio Troia cremata rogo (SUETÔNIO, Vida de Virgílio, 38, tradução nossa).

²¹ Segundo Rocha Pereira, em quase toda literatura do mundo, e em todas as da Antiguidade, a epopeia teve a prioridade sobre os demais gêneros literários: na Índia, *O Mahabharata* e *O Râmâyana*; na Ásia e na Babilônia, os poemas de *Enumas Elis*, e de Gil Games, na Grécia, todas as epopeias que Aristóteles admitiu se terem perdido, mesmo antes da *Ilíada* e da *Odisseia*, entre tantos outros exemplos (PEREIRA, 2015, p. 28).

também didático, a epopeia servia para lembrar aos diversos povos, sob forma artística, a sua ascendência divina e os feitos heroicos dos seus antepassados.

Na Antiguidade Clássica a epopeia era um poema narrativo, composto em um metro predominante – o hexâmetro²² - cuja declamação deveria ser contínua e acompanhada por uma nota na lira. Como descreve Pessanha:

A palavra *epopeia* abriga a justaposição de duas outras: *to épos* e *poiéo*. *To épos* que, no singular, tem o sentido primeiro de “palavra”, donde “discurso”, “narrativa”, “verso”, é usado no plural – *tà épea* - em oposição a *tà méle*. Assim *tà épea*, poesia épica, é a palavra que narra algo em determinado tipo de verso, cedo desvincilhado do acompanhamento musical. Opõe-se à *tà méle*, poesia lírica, palavra cantada em versos vários, ao som de um instrumento musical. *Poiéo* tem o sentido denotativo de “fazer”, “criar”. Logo, do ponto de vista etimológico, epopeia é a criação narrativa em versos (PESSANHA, 1992, p. 31).

Para Aristóteles, é o metro um dos parâmetros de diferenciação entre a tragédia e a epopeia, enquanto a primeira é imitação direta (da ação) de homens elevados, a outra conta com a mediação do narrador e emprega um metro uniforme. “A epopeia se assemelha a tragédia na medida em que é a mimese metrificada de homens virtuosos: mas, por ser metrificada uniformemente e por ser recitada, difere dela [...]” (ARISTÓTELES. *Poética*, 111).

Grimal (1992) define a epopeia como um relato contínuo, escrito em um metro único. Segundo o autor, no tempo de Virgílio, o termo “epopeia” já era empregado havia quase um milênio, era declamada em prosa e não cantada, era um gênero que se assemelhava ao discurso lógico. Mas, além da métrica, a epopeia apresenta outra característica, alimenta-se na matéria mítico-histórica a ela preexistente:

O relato refere-se a um momento do mundo em que está em formação um aspecto duradouro deste: alguma coisa que nasce, uma grande reviravolta, um devir determinado. Por essa razão, o tom da epopeia é o mais elevado possível, é “sublime” por excelência, pois refere-se aos assuntos mais grandiosos e aos interesses mais altos: o nascimento dos deuses, o fim de uma

²² O hexâmetro é uma forma de medida poética literária que consiste de seis pés métricos por verso, em que os quatro primeiros pés podem ser dátilos ou espondeus; e o quinto pé será dátilo, e o sexto, espondeu - como na *Ilíada*. Esse tipo de verso foi o padrão do metro épico tanto dos gregos como dos romanos, além de ser usado em outros tipos de composição, como nas sátiras de Horácio e nas *Metamorfoses* de Ovídio.

cidade ilustre ou um grande exemplo moral, [...] Por extensão, a epopeia também narrará a formação do mundo [...] (GRIMAL, 1992, p.187).

Pessanha (1992) também ressalta que é na transcendência do real, na perspectiva do tempo cósmico, na revelação do grandioso que o feito heroico pode se tornar objeto do canto inspirado do poeta. Esse tempo, como arquétipo e ideal, merece consagração e rememoração, função social que, também, cabe ao *aedo*²³ ou *uates*.

O *uates* é um termo que passou do etrusco para o latim, cujo significado é adivinho, profeta, oráculo; no imaginário popular era mesmo como um indivíduo possuidor de uma capacidade sobrenatural, de inspiração profética, que se tornava um porta-voz dos deuses, um vidente, capaz de predizer o futuro. Nesse sentido, “o poeta torna-se o portador de uma mensagem que o ultrapassa, que vem do mais profundo do seu ser. Sendo mediador, é o profeta de uma verdade mais que humana” (GRIMAL, 1992, p. 201).

Na Grécia pós-homérica, o hexâmetro foi usado também na *Teogonia*²⁴, que contava o nascimento dos deuses, e em *Os trabalhos e os dias*²⁵, poema sobre a vida rústica, pretexto para conselhos morais, que foi inspiração para as *Geórgicas*. Encontravam-se, ainda, escritos com esse metro outros poemas: alguns longos, como as *Argonáuticas*, de Apolo de Rodes, narrativa dos amores de Medeia e Jasão, outros mais breves como os epílios, “pequenas epopeias”, desenvolvidas por Calímaco²⁶ (GRIMAL, 1992).

Além dessas obras, em Roma, Livio Andronico²⁷ traduziu a Odisseia, Nêvio²⁸ escreveu uma epopeia sobre as lutas dos romanos contra os

²³ Um *aedo* era, na Grécia antiga, um artista que cantava as epopeias, acompanhando-se de um instrumento de música.

²⁴ *Teogonia*, também conhecido por *Genealogia dos Deuses*, é um poema mitológico em 1.022 versos hexâmetros, escrito por Hesíodo no século VIII a.C., no qual o narrador é o próprio poeta.

²⁵ *Os Trabalhos e os Dias*, também conhecido como *As Obras e os Dias*, é um poema épico de Hesíodo.

²⁶ Calímaco (310 a.C.-240 a.C.) foi um poeta, bibliotecário, gramático e mitógrafo grego.

²⁷ Livio Andrônico foi um escritor épico romano de origem grega. É considerado o fundador da poesia épica romana. A sua primeira obra foi, em 240 a.C., uma tradução para o latim de um drama grego.

²⁸ Nêvio (261-201 a.C.), foi um poeta latino que, segundo Faria (1984), soube fazer a fusão do helenismo com as tradições itálicas, na sua epopeia intitulada *Bellum Punicum*, narra as guerras entre Cartago e Roma, fazendo associações destas com as lutas entre gregos e troianos encontradas na *Ilíada* de Homero. Também, em suas peças teatrais, utilizou os modelos de tragédia grega. Como Nêvio, o poeta Ênio tomou a *Ilíada* para modelo de seu poema épico

cartagineses, intitulada *Guerra Púnica*, em versos saturninos, e Ênio²⁹, anos depois, retomou essa epopeia histórica, ampliando-a, em *Anais*, já em hexâmetros datílicos. Muitas eram, portanto, as obras que tinham a denominação de épicas.

Para Grimal, Virgílio, ao escrever a *Eneida*, possuía essas várias obras como fontes de inspiração: as tradições homéricas, os modelos alexandrinos e a obra de Ênio que detinha então o título de “Pai” da poesia romana.

Virgílio podia escolher. Preferiu realizar, mais uma vez, uma síntese: na *Eneida*, haveria um romance de amor, como nas Argonáuticas, a história de Dido e Eneias; haveria navegações, como na Odisseia [...]; também haveria, naturalmente, combates, tratados como duelo entre chefes, segundo o modelo da *Ilíada*; os deuses interviriam, tomariam partido, seriam obrigados por Júpiter a respeitar os Destinos, como na *Ilíada*, mas também seriam encontradas lendas, destinadas a explicar ritos ou aspectos, monumentos da Roma contemporânea do poeta, como nas pequenas epopeias de Calímaco. Mas o que não haveria - a não ser por alusões - seria a história recente de Roma (GRIMAL, 1992, p.190).

A epopeia romana do século I a.C. apresenta a tentativa de uma construção da identidade cultural e histórica de Roma, a partir da combinação das antigas tradições do Lácio com a literatura adquirida e assimilada da cultura grega. Virgílio se utiliza de mitos já existentes na cultura romana, como nas obras de Nêvio e Ênio no século III a.C., a respeito de sua fundação, para delinear o perfil ideal de homem romano, em que é possível verificar pontos de contato com a visão de mundo helênica.

Virgílio foi, então, em seu tempo, o maior representante da poesia épica. Aquele que, no século I a.C., melhor expressou os feitos do seu povo, proporcionando a estes um senso de identidade, unindo passado, presente e futuro, por meio da construção mítico/poética da história do povo romano.

Surgiu tão grande fama a respeito de Virgílio, só por ter começado a escrever *Eneida*, que Sexto Propércio (43 a.C.-17 d.C.) não hesitou em declarar: “Acreditem, escritores romanos, acreditem, escritores gregos: é nascido algo

Annales, em versos hexâmetros, o metro próprio da epopeia clássica. Nele relata a história de Roma, das origens até o seu tempo. Dedicou-se ainda ao teatro compondo tragédias inspiradas no poeta grego Eurípedes.

²⁹ Ênio (239-169 a.C.), dramaturgo e poeta épico romano.

maior que a *Ilíada*!” (SUETÔNIO. Vida de Virgílio, 30, tradução nossa).³⁰ A *Eneida* foi, num primeiro momento, composta em prosa. Depois, lentamente, Virgílio a converteu em poemas. Os seis primeiros livros do poema recordam o enredo da *Odisseia*, e os seis últimos livros, o enredo da *Ilíada*.

Para compor a epopeia, Virgílio se serve de uma lenda possivelmente formulada pelos gramáticos gregos na Itália. Portanto, o tema da epopeia não era integralmente novo, mas foi por ele aproveitado e remodelado. Na Itália, as lendas de Eneias são muito antigas. Na Sicília, o poeta lírico Estesícoro³¹, no século VI a.C., menciona em seus poemas a presença do herói na Itália. Já no século V ou IV a.C. era de conhecimento geral a devoção filial de Eneias, pois é dessa época a descoberta de vasos etruscos, pintados com a saga do herói, e da estatueta de Veios³², em que Eneias carregava o pai às costas.

O historiador da ilha de Lesbos, Helânico³³, no século V a.C., atesta a salvação dos penates troianos pelo herói, e o historiador Timeu³⁴, no século II a.C., diz ter visto os penates na Sicília. Contudo foi o Quinto Fábio Pictor o primeiro historiador romano que escreveu em grego *Anais* quem estabeleceu a ligação efetiva entre troianos e romanos, por meio de Eneias. Ligação esta usada e perpetuada pelos primeiros poetas latinos, Nêvio e Ênio. Segundo Paratore, “Em ambiente romano, a obra de Fábio Pictor gozou, durante muito tempo, de uma discreta autoridade: servia-se dela quer Virgílio, quer Lívio” (PARATORE, 1983, p.64).

2.3.1. Eneias na *Ilíada*, de Homero

Na *Ilíada*, de Homero, Eneias é apresentado (Livro II) como valente comandante dos dardâneos, filho da deusa Afrodite e do príncipe Anquises. A

³⁰ Cedite, Ramani scitores, cedite Grai: Nacio quid maius nascitur *Iliade* (SUETÔNIO. Vida de Virgílio, 30, tradução nossa).

³¹ Estesícoro (640 a.C.-556 a.C.) foi um poeta lírico, nascido na Sicília. Sua obra, apesar de lírica, se aproxima dos épicos de Homero, no poema *Gerioneida*, por exemplo, narra detalhadamente a morte de Gireão às mãos de Hercules.

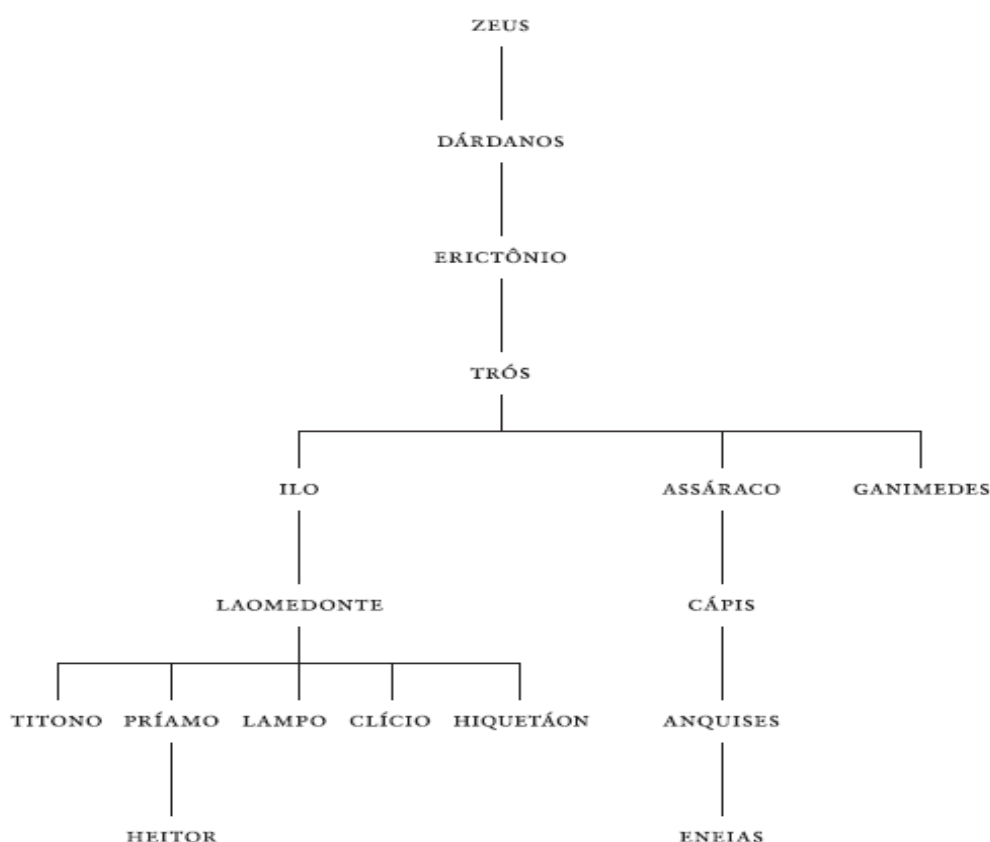
³² Estatueta etrusca, encontrada na antiga cidade de Veii. Atualmente em Roma, Museu di Villa Giulia.

³³ Helânico de Lesbos (490 a.C.-400 a.C.) foi um historiador grego, nascido em Lesbos. São-lhe atribuídas cerca de 30 obras, dentre elas, *Atis*, que é constituída de crônicas de lendas e tradições da Ática.

³⁴ Timeu (352 a.C.-256 a.C.) foi um historiador grego, escreveu sobre a história da Sicília.

épica homérica destina a Eneias todos os traços que correspondem aos que são próprios de um herói de primeira qualidade; *areté*, *timé* e *aidos*, como termos expressivos dos mais representativos valores da sociedade arcaica, todos, por direito, se lhe aplicam (SILVA, 2008). A linhagem de que descende é distinta, muito próxima, pelo parentesco, da que governa a casa real de Troia e que ascende, como sua origem última, ao pai dos deuses olímpicos, o próprio Zeus.

Imagem 2 – Genealogia de Eneias



Fonte: HOMERO, 2013, p. 72.

O pai de Eneias era domador de uma raça divina de cavalos. Era também domador e possuidor desses cavalos. Revestem-no armas e acompanham-no cavalos que honrariam qualquer verdadeiro aristocrata da época arcaica, e o respeito que nutria pelos valores do código militar em vigor tornaram-no digno de um troféu de epítetos enobrecedores. Sua formação de guerreiro foi com Quíron, o mesmo guerreiro que ensinou Aquiles (HOMERO, 2013).

Depois de haver tomado todas as lições com esse hábil mestre, casou-se com Creusa e com ela teve um filho, Ascânio. Em bravura, Eneias só ficava abaixo de Heitor, o herói de Troia. Entre os companheiros, é reconhecido como um comandante superior e o seu conselho é escutado e seguido com prontidão e respeito. Por isso partilha com os troianos e com Heitor convivência, responsabilidade e poder. Entre os inimigos, mesmo os melhores não deixam de sentir temor à ideia de tê-lo por adversário, Diomedes, Menelau, Idomeneu, e até mesmo com Aquiles duelou na guerra de Troia.

No entanto alguma fraqueza, de alma e de braço, lhe põe diante, com frequência, o caminho da fuga, sempre que alguma imprudência o leva a expor-se fora das linhas de combate, isolado e a defrontar guerreiros que, de fato, lhe são superiores em agilidade e força e lhe põem a vida em risco. Diante dos méritos e fracassos, parece que se deve reconhecer no filho de Anquises mais um herói em potência, do que propriamente um combatente bem sucedido. Certo é, porém, que as diversas entidades que o cercam parecem apostadas em protegê-lo, como a alguém que, pela própria natureza e estatuto, tem ainda um destino superior a cumprir (SILVA, 2008).

Durante a guerra de Troia, Eneias não foge, mas é tirado do combate algumas vezes, ora por Apolo, ora por Vênus. Lá dos céus, os deuses observam-lhe os movimentos e não tardam, em momentos decisivos, a estimulá-lo, a protegê-lo, ou mesmo a salvar-lhe a vida. Como apresentado no canto V da *Ilíada*, o personagem tem ativa participação em batalha contra um guerreiro que fora incitado por Atenas. Eneias aparece e age de forma corajosa, mas é atingido. Porém não morre, pois é salvo por sua mãe e na sequência é retirado de combate por Apolo que o leva até o seu templo para ser curado.

E com ela atingiu Eneias na anca, no local onde a coxa se junta à anca, osso a que os homens chamam a “taça”. E estilhaçou a “taça”, dilacerando também ambos os tendões. A rocha lacerante rasgou-lhe a carne; o herói caiu de joelhos e com a mão possante se recostou contra a terra. A escuridão da noite veio cobrir-lhe os olhos. E agora teria perecido Eneias soberano dos homens, se arguta não se tivesse apercebido a filha de Zeus, Afrodite, sua mãe, que o concebeu para Anquises quando ele tratava do gado. Em torno do filho amado lançou ela os alvos braços, estendendo à frente dele uma prega da sua veste resplandecente como barreira contra os projéteis, não fosse algum dos Dânaos de rápidos

poldros arremessar-lhe bronze contra o peito e roubar-lhe a vida. Levou ela então o filho amado para longe da guerra (HOMERO, 2013, p.167-168).

A superioridade de um herói depende, em primeiro lugar, da sua genealogia, que, se verdadeiramente distinta, incorpora poder e riqueza. E porque a *areté* é, com frequência, uma herança, o guerreiro sente necessidade de referir ou de esclarecer o seu ascendente familiar em momentos cruciais.

Nos Livros XI, XII, Eneias é apresentado entre os valentes, liderando uma quarta parte do exército troiano. Porém no Livro XIII, o herói se nega a lutar, encontra-se aborrecido por não receber honras de Príamo. Eneias nunca encontrou, junto do poderoso Príamo, o afeto e reconhecimento por sua bravura. Essa é uma frieza que o ofende e o leva a optar por uma atitude arredia, como vítima de exclusão social.

No Livro XX, é narrado o confronto entre Eneias e Aquiles. Segundo Silva (2008), Eneias possui capacidade intelectual que introduz no seu perfil um interessante aprofundamento. Sabe como usar a palavra e tem da oportunidade do *logos* um sentido apurado. Nessa perspectiva, que sugere, no campo adversário, a prerrogativa de Ulisses, ultrapassa Aquiles, com quem troca, em pleno campo de batalha, um diálogo vivo e prolongado, num jogo hábil de ameaças. Sabe desmascarar os artifícios do adversário, que visam, com arremetidas “infantis”, desmoralizá-lo ou condicionar-lhe o ânimo: “Pelida, não julgues que me assustas com palavras, como se eu fosse uma criança. Sou tão capaz como tu de desafios e de insultos” (HOMERO, 2013, p. 457).

Poseidon percebe que nesse confronto o filho de Anquises não sobreviveria, envia uma neblina e salva-o. Em justificativa, o deus dos mares revela que a este o destino escolhera para que, sobrevivendo, conservasse a descendência dos troianos:

Ah, que sofrimento o meu pelo magnânimo Eneias! Ele que rapidamente subjugado pelo Pelida descerá ao Hades [...] Mas por que razão deve ele, homem sem culpa, sofrer dores em vão por causa de sofrimentos que são de outros, ele que sempre ofereceu presentes aos deuses que o vasto céu detêm? Que seja conduzido então por nós para longe da morte, para que não se enfureça o Crônida, se Aquiles o matar. Pois está fadado que ele sobreviva à guerra, para que desprovida de esperma não pereça a raça de Dárdano, a quem o Crônida amou mais do que todos os

filhos, que lhe foram gerados por mulheres mortais (HOMERO, 2013, p.458).

Aqui, inclui-se o valor que se tornaria, no poema latino, a *Eneida*, a sua marca essencial, a piedade. Na hora crucial do perigo, antes de empunhar as armas, ele ergue uma prece aos deuses, numa confiança que lhe vale a fidelidade e a proteção divina. Poseidon reconhece-lhe as dádivas generosas, “[...] ele que sempre oferece presentes agradáveis aos deuses do vasto céu” (HOMERO, 2013, p.458) e por isso se opõe à injustiça de entregar, sem resistência, esse homem inocente e piedoso à voracidade de Hades.

Finda a guerra, o herói foi poupado para que carregasse seus familiares e companheiros até Palene, ou para o Ida, e para aí também levar seus lares paternos. Em nota sobre a personagem, Arlindo Ribeiro Cunha (1948) analisa que, a partir de Homero, Eneas acumulou muitas críticas, desde a Antiguidade:

Efetivamente, o filho de Vênus e Anquises é um vencido, e falta-lhe personalidade e iniciativa. Vítima do destino e joguete de intrigas entre os deuses, ele perambula ao acaso, e inspira compaixão, mais que simpatia e entusiasmo [...] (MARONIS, 1948, p. 31).

Porém, em *Eneida*, o herói é reconfigurado, Virgílio apregoou o sentido pelo qual este herói deixou de receber a honra de morrer dignamente em combate como os outros guerreiros troianos, e aquilo que parecia incompreensível pelo herói e motivo de vergonha passou a ser motivo de maior prestígio, pois o destino lhe reservava algo ainda mais glorioso. De acordo com a epopeia romana, obra muito posterior à *Ilíada* (uns oito séculos), Eneas foi de fato o sucessor de Príamo, sendo depois sucedido por sua descendência.

2.3.2. *Eneida*

Eneas, na epopeia romana, é apresentado como um herói piedoso, não é mais o herói astuto ou furioso de Homero, mas o que sustenta sobre os ombros um fardo, uma tradição e um futuro. Sua *virtus* e excelência se expressam desde o primeiro momento da narrativa, na fidelidade aos seus, no respeito à ordem, na

abnegação frente à vontade dos deuses e na aceitação de seu destino. É pacífico, só move guerra contra os ímpios, e a contragosto.

O poema começa, Livro I, já com Eneias e suas naus em pleno Mediterrâneo, ao sétimo ano de seus infortúnios, desde que abandonara Troia em chamas. Um naufrágio, desencadeado por Éolo (deus dos ventos), que soltara seus ventos a pedido de Juno (esposa de Júpiter, rainha dos deuses), arremessando-o à costa africana. Com seu amigo Acates, ouviu ele de uma bela caçadora, Vênus disfarçada, que, não longe daquele lugar, encontraria Cartago, cidade da rainha fenícia que para ali viera após perder o esposo e ser perseguida pelo irmão.

Dido, a rainha, convida Eneias a um banquete no palácio, em cujos muros cenas da guerra troiana estavam desenhadas. Eneias toma providências para que buscassem Ascânio, seu filho, para que trouxesse as dádivas para a rainha, e que lhe seriam dadas como gratidão à boa acolhida. Vênus, porém, teme as traições cartaginesas e vai então ela própria buscá-lo e, encontrando-o adormecido, faz com que o Amor ocupe o seu lugar junto à rainha. E, assim tomada de paixão, pediu Dido para que Eneias contasse os casos da queda de Troia e a história da viagem até a chegada a Cartago.

Começa Eneias a narrar, e as dificuldades de lembrar as coisas tristes se exprimem no terceiro verso do Livro II: *Infadum, Regina, jubes renovare dolorem* (Uma dor indizível, ó Rainha, me pedes que eu renove). E lembra que os gregos tinham feito, de cilada, um enorme cavalo de madeira, para nele secretamente alojarem a elite de suas tropas. Depois, fingindo abandonar esse cavalo, como conscientes da derrota, simularam o retorno para a pátria, mantendo-se, porém, escondidos. O cavalo, portanto, era um “presente grego”, uma emboscada aos troianos.

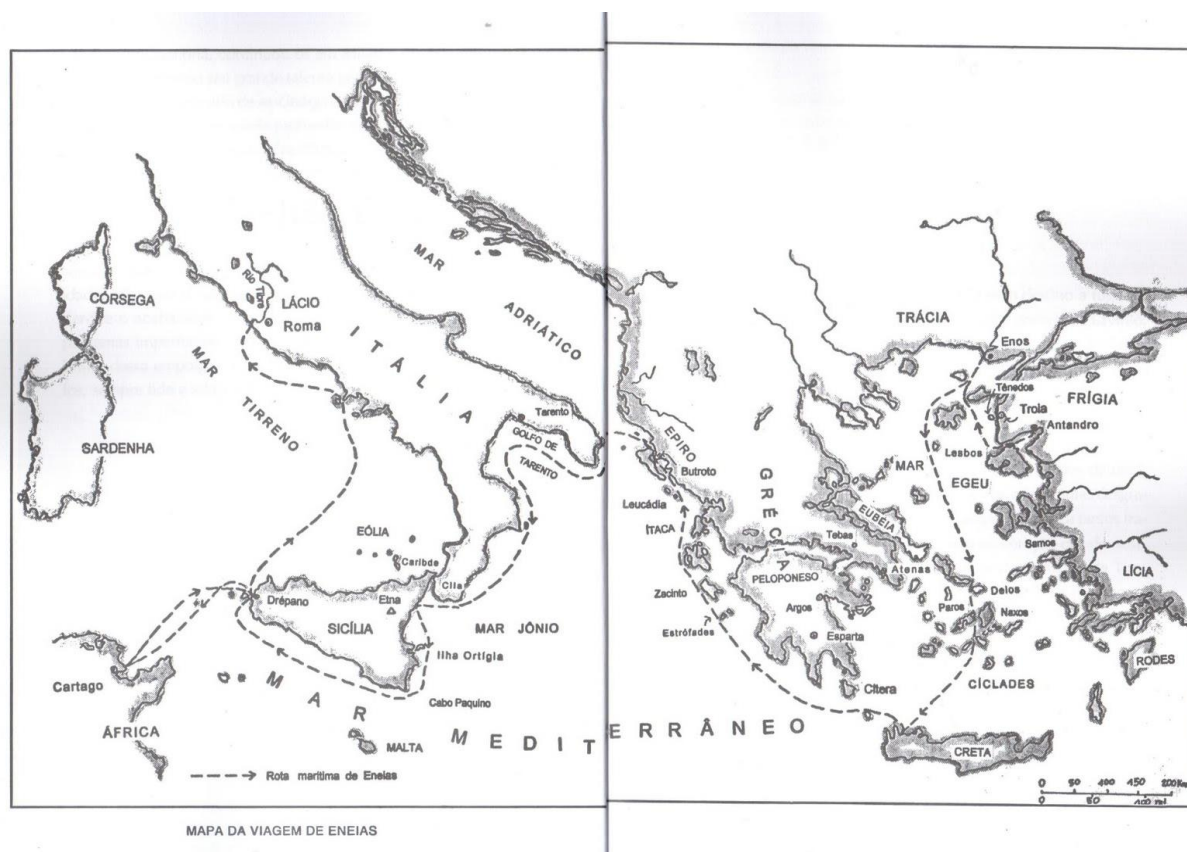
Entre os troianos, aparece, aprisionado, um dos gregos aparentando uma tristeza imensa. Falou ao povo inteiro e confessava-se infeliz, um perseguido por Ulisses, contou a sua história, arrependido, e justificou a presença do cavalo, que fora feito para aplacar a cólera de Atena contra os gregos. Emocionou os troianos. Um deles (Laocoonte) desconfiou e se pôs contra a entrada do cavalo na cidade. Os demais, tomados de alegria e inconsciência, não lhe dariam ouvidos: providenciaram para que os muros fossem derrubados, e assim pudesse o cavalo

passar pelas portas da cidade. Laocoonte, por determinação divina, foi morto com seus filhos por duas serpentes do mar. Durante a madrugada, enquanto os troianos dormiam, saíram do ventre do cavalo os inimigos, que incendiaram a cidade e mataram quantos puderam.

Advertido em sonho por Heitor, Eneias junta um grupo, vai ao palácio e lá vê matarem Príamo, lembra-se de sua família desabrigada, então volta para salvá-la, e todos com ele saem na escuridão.

Ao amanhecer, como registrado no Livro III, o herói toma o caminho das montanhas e atraca na Trácia. Nesse lugar, porém, Polidoro, um dos filhos de Príamo, fora assassinado, e Eneias, para evitar mau agouro, dirige-se a Creta, que Anquises supunha ser a terra prometida pelo oráculo de Delos como a casa futura dos troianos derrotados. Em Creta, os troianos são assaltados de uma peste. Ali lhe dizem as Harpias que eles fundarão na Itália uma cidade, porém, não antes sem passar por fome intensa. Esse livro pode ser entendido como o livro das navegações de Eneias, pois nele é possível identificar o percurso desde Troia até a Sicília:

Figura 1 – As viagens de Eneias.



Fonte: VIRGÍLIO, 2005, p.309.

Prosseguindo, chegam a Butroto (*Actium*). Lá encontram Andrômaca, esposa de Heitor, então casada com Heleno, o profeta, também filho de Príamo. Eneias fala-lhe e se comove de rever sua gente. Chega então às primeiras terras italianas. Mas, contornando os horrores de Cila e Caríbdis, deriva para a esquerda e chega ao Etna, dos Ciclopes tremendos. Entra, por fim, em Drépanon. Ali o herói perde seu pai, aqui termina a narração a Dido.

Já no livro IV, Dido não consegue mais controlar o amor que sente por Eneias, então Ana, a irmã da rainha, estimula-a para que se esqueça de Siqueu, o esposo falecido, e se volte para o amor presente. Dido e Eneias, após uma caçada, abrigam-se em uma gruta para fugir de uma tempestade e ali se unem. Como esta união no amor se prolongasse, Júpiter envia Mercúrio para advertir Eneias sobre sua missão de partir para as terras italianas. Eneias prepara a frota e ouve, inabalável, a rainha, que não queria que ele partisse, mas, ao contrário, que ficasse e reinasse com ela em Cartago.

Quando esta desperta com a frota indo embora, percorre, enlouquecida, a cidade e se mata com uma espada, sobre uma pira sacrificial, não sem antes prever as desgraças que Roma sofreria de Cartago.

Um ano após a morte de Anquises, Eneias chega à Sicília. O Livro V apresenta então as libações que o herói verte em honra de seu pai morto. Juno manda que Íris convença as mulheres a incendiarem os navios troianos. Uma chuva, porém, apaga as tochas atiradas sobre os barcos. Eneias funda uma cidade, onde deixará os inválidos e as mulheres. Ele escolhe uma embarcação entre as melhores e adentra nas regiões itálicas. Cai no mar Palinuro, e o próprio herói conduz a embarcação até desembarcar em Cumas.

No Livro VI, Eneias chega à caverna da Sibila, onde saberá, do deus Apolo, as aflições que ele havia de passar até se instalar na nova Troia. Encontra um ramo de ouro na floresta e oferece sacrifícios de animais a Prosérpina e a Plutão, para penetrar mais pelas sombras, até os pântanos do rio infernal, o Estige. Então é que ele encontra os seres monstruosos que habitam o mundo dos mortos, avista, no Tártaro, os suicidas e as crianças mortas. Mais além, nos campos onde há muito lamento, encontra os que morreram por amor, entre eles, Dido, que foge de Ihe dar ouvidos. Também revê os mortos em batalha, os que padecem por vícios praticados em vida e os que sofrem grande castigo por se insubordinarem aos deuses.

Já na fortaleza de Plutão, deposita, por fim, o ramo de ouro. É conduzido por Museu, o poeta, até Anquises. Ali este mostra para o filho as almas que já estavam prontas para nascer: os reis albinos, Rômulo, a família dos Júlios e os grandes homens da República (César, Pompeu e Marcelo, sobrinho de Augusto³⁵).

No retorno, Eneias encontra os companheiros e, assim, no Livro VII é retratada a chegada destes à foz do Tibre. Ele expede embaixadores para o rei Latino, e este reconhece no herói o genro que os oráculos Ihe vinham prometendo.

Amata, a esposa de Latino, reprova um casamento entre Lavínia e o chefe dos troianos, pois prometera a Juno dá-la em casamento a Turno, rei dos rútuos.

³⁵ Suetônio descreve o relato que havia em Roma, que na ocasião em que Otávia, irmã de Augusto, ouviu pela primeira vez o poeta Virgílio recitar os versos onde faz referência a Marcelo, seu filho, esta de tão emocionada chega a desfalecer (SUETÔNIO, *Vida de Virgílio*, 32).

Este guerreiro, que será o rival maior de Eneias, reúne forças do Lácio contra as pretensões troianas. O poeta apresenta, então, os heróis que habitavam a Itália: Mezêncio, Lauso, Aventino, Cátido e Cécelo, Messapo e mais Camila, a grande guerreira dos antigos povos itálicos.

No Livro VIII, Eneias conversa e pede conselho a Tiberino, o deus do rio, que o aconselha que vá pelo Tibre até Palanteia, uma aldeia de pescadores, e lá mesmo é que se elevaria Roma. Eneias conquista a hospitalidade de Evandro e com ele faz aliança. Evandro deixa Palante, seu filho, ir com o herói para as lutas. Levado por Evandro, Eneias vê as praças que mais tarde ficarão famosas: o grande altar, a porta Carmental e a floresta, o lar de Rômulo, o Lupercal³⁶ e a rocha Tarpeia³⁷.

Vênus presenteia Eneias com as armas que Vulcano lhe prepara. Desenhavam-se, nestas, novos aspectos da futura Roma: a loba e seus filhos, o rapto das Sabinas, Tatius³⁸, Horatius Cocles³⁹ e Clélia⁴⁰, o Capitólio, os Lupercos, os Famínios⁴¹, Cetilino e Catão. No centro, a batalha do Áccio.

No Livro IX, é apresentado que, pela ausência de Eneias, Turno procura incendiar as naus troianas. Júpiter, porém, converte-as em ninfas do mar. Os rútuos matam Nisso e Euríalo e expõem-lhes as cabeças à vista dos troianos. Turno, separado dos seus, procura fugir pelo rio. Considera Júpiter que a guerra deva seguir seu livre curso.

Eneias põe-se a caminho contra os rútuos (Livro X), tendo já feito uma aliança com Tárcon, o chefe dos etruscos. Para lhe impedir o desembarque, Turno ofende e mata Palante e se apodera de seu Boldrié. Para livrá-lo de Eneias, Juno o transporta para longe. No Livro XI, o corpo de Palante, cumulado de flores, é levado ao pai, Evandro. Negocia-se a trégua, para os sepultamentos.

³⁶ Era uma caverna sagrada para os antigos romanos, localizada no monte Palatino. Acreditava-se que era o local onde Rômulo e Remo foram criados por uma loba, que os achou à margem do rio Tibre, antes da fundação de Roma em 753 a.C..

³⁷ Conta-se que era uma romana que traiu a cidadela dos Sabinos e recebeu a morte como prêmio à traição, evento ocorrido entra o rapto das Sabinas, descrito por Plutarco em *Vidas Paralelas*, no século I d.C..

³⁸ De acordo com a mitologia, era rei dos sabinos no tempo de Rômulo.

³⁹ Fora um oficial militar romano do século VI a.C.. Segundo a lenda, defendeu, sozinho, a ponte que levava à cidade de Roma, impedindo que fosse tomada pelos etruscos, liderados por Porsena.

⁴⁰ Segundo Tito Lívio, na obra *Ab Urbe Condita*, a jovem foi entregue pelos romanos a Porsena, rei dos etruscos, para selar a paz entre os dois povos.

⁴¹ Caio Flamínio Nepos (265-217 a.C.) foi um político da República e cônsul romano, principal responsável pela expansão romana no norte da Península Itálica.

Camila, a quem confiara Turno a cavalaria, é morta por Arrus. Isso obriga Turno a se mostrar na planície.

Por fim, no Livro XII, para evitar mais sangue, Turno se oferece a um combate com Eneias, de modo que aquele que vencesse ficaria com Lavínia. Embora concluída a trégua, Junturna, a irmã de Turno, temendo pelo irmão, semeia uma desordem, e uma flecha acerta um aliado de Eneias, este seria também ferido. É então que Turno, na ausência do rival, espalha um morticínio entre os troianos. Tremem os inimigos e começam a fugir ao verem Eneias novamente, recuperado por Vênus.

Os rútuos são vencidos, e Amata, vendo-se perdida, suicida-se para ter um fim digno. Turno corre aos muros e convoca Eneias para um combate final. Mas, em meio à luta enfurecida, Turno quebra a espada contra as armas do herói troiano e põe-se em fuga. Alcançado e ferido, roga para Eneias lhe poupar a vida. Este se compadece, mas reconhecendo o boldrié de Palante no corpo do inimigo, aplica a seu rival o último golpe. Apesar de os vencedores serem os troianos, por decisão dos deuses, os latinos é que emprestarão os seus costumes e seu idioma para a civilização romana.

3. A FORMAÇÃO MORAL ÀS AVESSAS: O ENSINO A PARTIR DO MODELO NEGATIVO

A *Eneida* pode ser considerada o mito fundador da cidade de Roma, pois apresenta as características de uma sociedade completa, pela religiosidade, pela belicosidade, pela liderança e pela conquista de novas terras. Por uma série de provações, Virgílio prepara o herói para exercer esse papel. Sendo assim, a educação do herói está dividida em três partes: nos Livros I a IV, analisa-se a visão de desbravador e conquistador de Eneias, este apresenta capacidade de liderança sobre os troianos fugidos de sua cidade em chamas para, com coragem e responsabilidade, restabelecê-los numa nova terra.

Nos Livros V a VII, verifica-se o lado sacerdotal de Eneias, são enunciados diversos rituais, ritos funerários, sacrifícios, culto aos deuses e descida aos infernos.

E, nos Livros VIII a XII, identifica-se a formação bélica e expansionista do herói, característica do povo romano. Assim, Eneias se configura como o herói completo, perfil ideal de homem romano.

Considerando-se a epopeia virgiliana, a partir de uma perspectiva educacional, é possível analisar o perfil do herói romano sendo construído em Eneias ao longo da trajetória, de Troia até a Itália, como consequência das experiências por este vivenciadas. Ao final do Livro VI, o herói encontra-se pronto para, enfim, possuir o Lácio e ali estabelecer, conforme determinação dos deuses, uma nova pátria.

No Livro VI, a presença da formação do herói apresenta-se de forma mais acentuada, e esse aprendizado se dá por meio de uma experiência fantasmagórica de descida aos infernos, onde a personagem, ao se defrontar com o destino da alma imortal, toma ciência de como não proceder.

O inferno, na epopeia *Eneida*, é descrito de forma minuciosa. Virgílio, utilizando-se dos mitos a respeito do mundo subterrâneo, já existentes na cultura grega, compõe um ambiente mitológico que vai além do que já existia na literatura até então. A descrição nesse livro, por conta da riqueza de detalhes descritos,

suplanta a que Homero faz na *Odisseia*, o que a torna uma das descrições mais intrincadas sobre o mundo infernal.

A construção mítico/poética do inferno na *Eneida*, a partir do imaginário de Virgílio, ganha vários compartimentos. O poeta o divide em sete partes distintas: na entrada do Tártaro está o lugar das crianças mortas recém-nascidas, o lugar dos inocentes condenados injustamente, o lugar dos suicidas, o lugar das vítimas do amor, o lugar dos guerreiros, o lugar dos maldosos, no mais profundo do Tártaro, e os Campos Elísios.

Ao passar por todos esses ambientes, o herói romano se encontra com diversas personagens, já existentes na mitologia grega, que ali estão a sofrer castigos decorrentes de seus vícios, suas ações em vida. Dessa forma, o autor delineia um quadro de exemplos negativos, que, de forma subjacente, pode ser entendido como um ensinamento moral.

Marrou afirma que, para a antiga educação romana, o conteúdo moral estava em primeiro plano: “o essencial é formar a consciência da criança ou do jovem, inculcando-lhe um sistema rígido de valores morais, reflexos seguros, um estilo de vida” (MARROU, 1990, p.365). Essa educação era alimentada por uma escolha de exemplos oferecidos às crianças, a quem estas pudessem admirar.

O fundamento de uma moral coletiva no homem romano estava atrelado não à religião, mas preso ao cumprimento da tradição e inspirado no exemplo. Mesmo que esse sujeito não fosse capaz de cumprir a totalidade de princípios exigidos, deveria se aproximar, quando se incomodasse, ao perceber os abismos que o homem cria ao se desviar no curso da *práxis* diante das leis (CARVALHO, 2014).

Analisar-se-á, portanto, quais os valores que poderiam ser extraídos a partir da experiência fantasmagórica de contemplação do *locus horendus* a que foi submetido Eneas, e como esses poderiam ser caracterizados como um ensinamento moral consoante ao que se esperava do homem romano do século I a.C..

3.1. A TRADIÇÃO DA CATÁBASE NA LITERATURA: DO MODELO GREGO À COMPOSIÇÃO ROMANA

No Livro VI da *Eneida*, a catábase de Eneias se configura como um modelo tomado da tradição literária grega entre as mais importantes registradas entre os textos clássicos da Antiguidade. A conciliação literária entre o mundo grego e o mundo latino tem um dos momentos mais altos no Livro VI, em que se apresenta a exploração do mito. Sobretudo neste livro é possível analisar a tentativa de Virgílio de colocar a cultura latina em nível de igualdade com a cultura grega.

Comparada com a grega, a mitologia romana é bastante pobre. As divindades itálicas primitivas - rústicas e simples – não se relacionam umas com as outras por laços de parentescos. Poucos são os heróis cuja memória se preservou no relato das lendas. Tal fato faz com que os romanos, ao entrar em contato com a civilização helênica, adotem o panteão olímpico, incorporando histórias já elaboradas e seu acervo lendário (CARDOSO, 1990).

A tradição filosófica e literária guarda a ideia de uma fronteira do tempo, de um mais além, muitas vezes representado nas histórias de catábases. Na linguagem religiosa dos antigos helenos, *katábasis* designa um subgênero de relatos míticos: narrativas de descidas aos infernos de personagens extraordinários (heróis, semideuses ou deuses) que, vivos, chegam ao reino dos mortos e de lá retornam (SERRA, 2002).

Apesar de catábase significar descida, em uma acepção mais ampla, pode-se usá-la para designar todo tipo de aventuras que implicam em transcender o horizonte da experiência humana.

O mundo subterrâneo, com todo sortilégio que lhe confere o misterioso desconhecido, apresenta-se aos antigos como um reino onde a verdade pode ser encontrada ou, pelo menos, ouvida, porque as almas dos que desapareceram da terra a podem contar mais livremente, testemunhas que foram das muitas peripécias já lendárias por que passaram no mundo dos vivos. Por isso, quando mortais, heróis (semimortais) ou imortais descem em catábase aos infernos, fazem-no quase sempre para verificarem o que de pouco claro se lhe afigura na vida terrena, ou para cumprirem qualquer missão de importância, em geral em favor de qualquer pessoa ou comunidade humana (FERNANDES, 1993).

A descida aos infernos, a que a épica tinha já dado forma literária, aparece em *Odisseia*, de Homero, no Canto XI, quando Ulisses narra como, pelo conselho de Circe, desceu para o Hades a fim de ouvir de Tirésias, adivinho cego, o modo

de voltar para Ítaca e salvar a si próprio e aos seus companheiros da fúria de Poseidon e de Éolo, que os impediam de voltar para casa depois de dez longos anos de batalha contra Troia.

Nessa paragem se encontra a cidade dos Cimérios⁴², que se acham sempre envolvidos por nuvens e brumas espessas; nunca foi dado alcança-los os raios do Sol resplendente [...] e ao longo nos fomos do curso do Oceano, até sermos todos chegados ao ponto indicado por Circe. Por Perimedes e Euríloco as vítimas foram sustidas; e eu, arrancando da espada cortante de junto da coxa, um fosso abri, que de todos os lados um côvado mede, e libações, à sua volta, fizemos a todos os mortos (HOMERO, 2011, p.213-214).

A catábase de Ulisses foi simbólica, ele não desceu à outra vida, ao Hades. Deixando a nau junto aos bosques consagrados a Perséfone e, portanto, à beira mar, andou um pouco para abrir um fosso e fazer sobre ele as libações e os sacrifícios rituais, ordenados por Circe. Tão logo o sangue das vítimas negras penetrou no fosso, as almas dos mortos vieram à tona:

Tendo assim, dirigido meus votos ao coro dos mortos, tomo as duas reses e em cima do fosso as mantenho cortando-lhes logo o pescoço. Escorreu sangue negro. Em tropel afluíram, do Érebo escuro provindas, as almas de inúmeros mortos, moços e moças, e velhos em males há muito experientes, e virgens tenras, há pouco, somente, do mal sabedoras. Muitos guerreiros afluem, por lanças de bronze feridos em duros prélhos, que manchas de sangue nas armas ostendem. Inumeráveis, à volta do fosso, com todo alarido correm de todos os lados; o pálido Medo me tolhe (HOMERO, 2011, p. 214).

⁴² Brandão discorre sobre as hipóteses de onde ficaria, na geografia homérica, o país dos Cimérios. Segundo o autor, aquela bruma pode nos levar a situá-la em certo trecho das costas marroquinas, conhecido por suas brumas espessas no verão e no outono, ou, então, trata-se simplesmente do Atlântico. Para um navegador acostumado aos verões mediterrâneos sem nuvens, o Atlântico com seu céu frequentemente coberto, seus furacões em todas as estações, pode parecer um domínio assustador. Outras hipóteses seriam situar os Cimérios *num extremo ocidente* ou nas planícies que se estendem ao norte do Mar Negro. Assim é que, ora os Cimérios são tidos como ancestrais dos celtas ora dos citas da Rússia meridional. Outros julgam que se trata de um povo de mineiros, que vivia em galerias subterrâneas e que, somente à noite, saía para sua cidade, localizada quer na Europa central quer na Grã-Bretanha, quem sabe nas brumas de Avalon. Talvez tenha concorrido para esta última hipótese o fato, segundo consta, de os gregos receberem estanho da Inglaterra, naturalmente por meio de numerosos intermediários (BRANDÃO, 1987, p.308).

O herói pôde, assim, ver e dialogar com muitos heróis e heroínas, com a própria mãe e com Tirésias, que lhe prenunciou um longo e penoso caminho de volta e uma morte tranquila, longe do mar e em idade avançada.

Na tradição de descida ao Hades, encontra-se também o mito de Orfeu⁴³. Trata-se de uma personagem lendária, possivelmente de origem trácia. Era filho de Calíope, a mais importante das nove Musas e do rei Eagro. Orfeu sempre esteve vinculado ao mundo da música e da poesia: poeta, músico (tanguia a lira e a cítara) e cantor, sua maestria na cítara e a suavidade de sua voz eram tais que os animais selvagens o seguiam, as árvores inclinavam suas copas para ouvi-lo e os homens mais coléricos sentiam-se penetrados de ternura e de bondade (BRANDÃO, 1987).

Segundo Virgílio, no Livro IV, versos 453 à 527, de seu poema *As Geórgicas*, Orfeu, ao regressar da expedição dos Argonautas⁴⁴, casou-se com a ninfa Eurídice, a quem amava profundamente, considerando-a a metade de sua alma (*dimidium animae eius*). Aconteceu que um dia o apicultor Aristeu tentou violentar Eurídice, e, ao fugir de seu perseguidor, esta pisou numa serpente, que a picou, causando-lhe a morte. Inconformado com a perda da esposa, Orfeu resolveu descer às trevas do Hades, para trazê-la de volta.

Com sua cítara e sua voz divina, Orfeu encantou o mundo ctônio, e comovidos com sua paixão por Eurídice, Plutão e Perséfone concordaram em devolvê-la ao seu esposo. Impuseram-lhe, todavia, uma condição: ele seguiria à frente e ela lhe acompanharia os passos, mas, enquanto caminhassem pelas trevas infernais, ouvisse o que ouvisse, pensasse o que pensasse, Orfeu não poderia olhar para trás, enquanto o casal não transpusesse os limites do Império das sombras.

O poeta aceitou a imposição e estava quase alcançando a luz, quando uma terrível dúvida lhe assaltou o espírito: e se não estivesse atrás dele a sua amada? E se os deuses do Hades o tivessem enganado? Impaciente, pela incerteza, pela

⁴³ Orfeu, em grego Orpheús, por ter descido às trevas do Hades, alguns relacionam o nome do citaredo trácio, ao menos por etimologia popular, com orphnós, "obscuro", órphne, "obscuridade" (BRANDÃO, 1987).

⁴⁴ Eram tripulantes da nau Argo que, segundo a lenda grega, foi em busca do Velocino de ouro. Na perigosa expedição rumo a Cólquida, Orfeu tinha a tarefa de, com o dom da música, cadenciar o trabalho dos remadores e de, principalmente, sobrepujar, com sua voz, o canto das sereias que seduziam os navegantes.

saudade, o cantor olhou para trás, transgredindo a ordem dos soberanos das trevas. Ao voltar-se, viu Eurídice, que se esvaiu para sempre numa sombra, morrendo pela segunda vez. Ainda tentou regressar, mas o barqueiro Caronte não mais o permitiu.

Destaca-se nessa catábase a motivação que é diferente das outras, assemelhando-se somente à de Dioniso que vai ao Hades para trazer Sémele de volta. A motivação é sentimental, é o amor por alguém que determina o projeto extremo, que passa por um confronto com o mais poderoso adversário, a própria morte. O objeto dessa paixão é, no caso de Orfeu e de Dioniso, uma mulher, com diferentes relações com o aventureiro, esposa no primeiro caso, e mãe no segundo.

A catábase de Hércules ao mundo dos mortos mostrou-se como uma referência poderosa na produção dramática⁴⁵, no décimo primeiro trabalho, imposto por Euristeu ao herói. Este deveria trazer do mundo subterrâneo Cérbero, cão de três cabeças, cauda de dragão, pescoço e dorso enrolado por serpentes, guardião do reino de Hades. O cão impedia que lá penetrassem os vivos e, quando isso acontecia, não lhes permitia a saída, a não ser com ordem expressa de Plutão.

O herói não teria podido realizar esse trabalho, se não tivesse contado, por ordem de Zeus, com o auxílio de Hermes e Atenas, isto é, com a ajuda do que não erra o caminho e da que ilumina as trevas (BRANDÃO, 1987). O herói desceu pelo cabo Tênaros, na Lacônia, uma das entradas que dava acesso direto ao mundo dos mortos. Vendo-o chegar ao Hades, os mortos fugiram, apavorados, permanecendo onde estavam apenas Medusa e Meléagro. Contra estes o herói puxou a espada, mas Hermes o advertiu de que se tratava apenas de um *eídolon*, de uma sombra vã. Mais adiante, encontrou Pirítoos e Teseu, vivos, mas presos às cadeiras, em que se haviam sentado no banquete oferecido por Hades. Um pouco mais à frente se deparou com Ascáfalo⁴⁶ e resolveu libertá-lo.

⁴⁵As fontes básicas de referência na literatura dramática sobre Hércules encontram-se nas *Traquínias*, de Sófocles, e *Héracles*, de Eurípides.

⁴⁶ Ascáfalo, filho de uma ninfa do rio Estige e de Aqueronte, estava presente no jardim do Hades, quando Perséfone, coagida por Hades, comeu um grão de romã, o que lhe impedia a saída do mundo ctônio. Tendo-a denunciado, o filho de Aqueronte foi castigado por Deméter, que o transformou em coruja (BRANDÃO, 1987, p. 113).

Hércules, mostrando-se penalizado mais uma vez com a sorte alheia, vendo que no Hades os mortos eram apenas fantasmas abandonados, resolveu reanimá-los, mesmo que fosse por alguns instantes. Para isso, decidiu fazer libações de sangue aos mortos, sacrificando alguns bois do rebanho de Hades.

Finalmente Hércules chegou diante de Plutão e pediu-lhe para levar Cérbero para Micenas. Hades concordou, desde que o herói não usasse contra o monstro as suas armas convencionais, mas o capturasse sem feri-lo, revestido apenas de sua couraça e da pele do Leão de Nemeia. Hércules agarrou-se com Cérbero e, quase sufocado, o guardião do reino dos mortos perdeu as forças e aquietou-se. Subindo com sua presa, Hércules passou por Trezena e dirigiu-se rapidamente para Micenas. Vendo Cérbero, Euristeu ficou com medo e escondeu-se. Não sabendo o que fazer com o monstro infernal, Hércules o levou de volta a Plutão.

A catábase de Hércules ao Hades, Segundo Luc Benoist (1975), pode ser considerada a morte simbólica que dá condição para uma *anábase*, uma "subida", uma escalada definitiva na busca do autoconhecimento, da transformação do que resta do homem velho no homem novo:

A viagem subterrânea, durante a qual os encontros com os monstros míticos configuram as provações de um processo iniciático, era, na realidade, um reconhecimento de si mesmo, uma rejeição dos resíduos psíquicos inibidores, um 'despejamento dos metais', uma 'dissolução das cascas', consoante a inscrição gravada no pórtico do templo de Delfos: 'Conhece-te a ti mesmo (BENOIST, 1975, p. 69).

Resta ainda mencionar a catábase de Teseu e Pirítoo, dois heróis que, por serem filhos de dois grandes deuses, Posídon e Zeus, resolveram que se casariam com filhas também de origem divina, para tanto, resolveram raptar Helena e Perséfone. A primeira seria esposa de Teseu e a segunda, de Pirítoo. Tudo começou, portanto, com o rapto de Helena, e, depois de guardada em segurança na Ática, em casa de Etra, mãe de Teseu, desceram os heróis ao Hades para raptarem Perséfone.

Muito bem recebidos por Plutão, Teseu e Pirítoo, foram convidados a participar de um banquete, porém, ao fim deste, não mais puderam levantar-se de suas cadeiras, pois o rei do Hades havia percebido a má intenção da visita dos

heróis. Hércules, quando desceu aos Infernos, tentou libertá-los, mas os deuses somente permitiram que o herói arrancasse Teseu de seu assento, para que pudesse retornar à luz. Pirítoo permaneceu sentado na cadeira do esquecimento pela eternidade.

Além da presença da catábase na literatura épica e na dramática, como já mencionado, a comédia atribuiu-lhe também grande expansão. Conforme afirma Silva (2012), o regresso ao tema da catábase pelos poetas cômicos é apresentado num momento crucial na história de Atenas, como expressão da “paixão” por um passado de felicidade de que o presente se mostrava escasso. As duas comédias mais representativas da tradição catabática são, segundo julga a autora, *Demos*, de Êupolis, e *Rãs*, de Aristófanes. A data de *Demos* é insegura, porém a ideia de uma catástrofe política é um argumento de peso para a proposta dessa data. Acredita-se que foi por volta de 412 a. C., próximo da campanha da Sicília.

A peça de Aristófanes tem data certa, 405 a.C., coincide com as mortes de Eurípedes e de Sófocles, é entendida como o desmoronar de um último bastião da Atenas da cultura e dos poetas. Com o colapso da poesia trágica, era, de certa forma, a própria cidade que ruía, o desfecho adverso de um sonho político, o de Atenas capital de um Império grego ou mesmo mediterrâneo.

3.1.1. A catábase de Eneias

Virgílio se vale de toda essa tradição grega na construção do mundo infernal, retratado em seu texto épico. Porém, ao tomar o modelo grego, o poeta romano cria traços distintivos que distanciam a épica romana de seus modelos gregos. Segundo Barchiesi (2010), um traço original da épica latina é a existência de uma correlação entre o mito e a história.

[...] a dupla “mito-histórica”, nesse contexto, quer opor, em geral, uma entidade longínqua, vista “à distância”, e algo aproximado, sentido como atual. O problema, como se terá compreendido, está no modo peculiar com que o *epos* acolhe em si essas duas instâncias culturais: um tempo distante, originário, descontínuo, e um tempo vizinho, atual, envolvente para o autor e para o público

pretendido pelo texto. Essa dinâmica de relações temporais não tem em geral um papel significativo na poesia heroica grega, e é, ao contrário, uma preocupação recorrente nos poetas épicos latinos; é uma força que imprime aos textos épicos estruturas de tipo novo. Nêvio e Virgílio são os dois autores mais significativos sob essa luz (BARCHIESI, 2010, p.142).

A catábase da *Eneida* exerce um fascínio ambíguo ao leitor, pois apresenta um tema remoto, uma idade longínqua, mas que ao mesmo tempo exerce correspondência com o presente, quando é possível analisar, nos diversos momentos de encontros ao longo da expedição, referências entre a narrativa e a realidade de Roma.

Virgílio usa a lenda como uma espécie de moldura para o fato histórico ou como o pedestal que dá sustentação à estátua. Roma é o que importa: sua glória, sua majestade e grandeza. Roma é o momento presente, o pináculo, o apogeu. Para chegar a tal ponto foi preciso o percurso histórico, o escalar dos degraus. Esses degraus vão surgindo como flores, na selva intrincada formada pelo material lendário, configurado nas profecias, nas visões, nas representações pictóricas e plásticas[...] (CARDOSO, 1990, p.27).

A descida de Eneias ao mundo dos mortos acontece por causa da solicitação feita pelo pai do herói, que lhe aparecera como sombra, por determinação de Júpiter, para lhe pedir que fosse ter com ele nas moradas de Plutão. Dessa forma, o herói obteria conhecimento de sua descendência e da cidade que sua prole haveria de fundar.

Atendendo ao apelo de Anquises, a frota troiana segue até as paragens de Cumas. Ali chegando, Eneias dirige-se para um dos cumes onde o deus Apolo era cultuado, a fim de encontrar a gruta secreta da vate que o conduziria na descida ao inferno. Ao encontrar-se com a Sibila⁴⁷, esta manda que o herói cumpra os ritos, sacrifícios de animais, para adentrar em território sagrado. Numa das bases daquela montanha abre-se uma caverna, com portas e caminhos subterrâneos, e para uma dessas portas os troianos são conduzidos.

Eneias, percebendo a presença de Apolo, suplica por descanso para os penates do povo troianos que tanto, errantes, já haviam sofrido, pede pela

⁴⁷ As Sibilas eram sacerdotisas e também profetisas, em grego dório, sibila significa “vontade de Júpiter”. A mais célebre delas é a Sibila de Cumas, onde Apolo tinha o seu santuário numa gruta quase tão misteriosa quanto a de Delfos (COMMELIN, 2011).

posseção da terra do Lácio e faz promessas de dedicação de um templo e festejos em sua honra e em honra a Diana. E o deus, pela boca da profetisa, declara:

Enfim te livraste dos grandes perigos (dos mares), mas em terra, outros mais graves te esperam. Aos reinos lavínios virão os filhos de Dardano. Porém, não te lastimes de ainda não ter chegado. Pois guerras, guerras horríveis, e o Tibre espumado de sangue encontrarão. Nem de Simoente, nem de Xanto, nem do arraial dos aqueus sentirás falta. Já no Lácio nasceu outro Aquiles, filho também de uma deusa, e assim mesmo outra Juno, a inimiga irredutível dos troas. Para quem, oprimidos, os povos da Itália vão suplicar! E a causa, sempre a mulher, novamente uma esposa estrangeira, um segundo casamento. Tu, porém, não debes ceder aos males, com ousadia, avante prossigas, onde a Fortuna te permitir, pois a luz salvadora virá de uma grande cidade, da qual não imaginas (VIRGÍLIO, *Eneida*, VI, 83-97, tradução nossa).⁴⁸

Falava dessa forma Apolo, prevendo que, antes de os troianos, sobreviventes da guerra, se estabelecerem na Itália, passariam novamente por uma guerra semelhante àquela que os deixara sem pátria. A guerra pela conquista do Lácio em tudo aludia à guerra de Troia, referida na *Ilíada*, de Homero. Assim como Helena, Lavínia seria o motivo da discórdia entre os povos. Juno, equivalente a Hera, inflamaria o coração da rainha, mãe de Lavínia, do mesmo ódio que possuía pelos troianos, por motivos já revelados nas epopeias gregas, e um guerreiro semelhante a Aquiles, Turno, provocaria muito sofrimento e mortes entre o grande número de pessoas que seguiam Eneias.

Tudo que fora proferido pelos lábios da Sibila Eneias já sabia, e a ela ele pede que lhe conceda ir ao encontro do pai, já que ali onde estavam era uma das entradas para o inferno. O herói diz à profetisa que fora o pai mesmo que insistentemente lhe pedira para que fosse ter com ele no mundo dos mortos. Argumenta com ela que, se Orfeu, Teseu e Hércules puderam entrar e sair do inferno, ele também poderia, pois, como estes, é de descendência divina. Ao que

⁴⁸ O tandem magnis pelagi defuncte periclis (sed terrae graviora manent), in regna Lavini Dardanidae venient (mitte hanc de pectore curam), sed non et venisse volent. Bella, hórrida bela, et Thybrim multo spumantem sanguine cerno. Non Simois tibi nec Xanthus nec Dorica castra defuerint; alius Latio iam partus Achilles, natus et ipse dea; nec Teocris addita luno usquam aberit, cum tu supplex in rebus egenis quas gentis Italum aut quas non oraveris urbes! Causa mali tanti coniunx iterum hospital Teucris externique iterum thalami. Tu ne cede malis, sed contra audentior ito, qua tua te Fortuna sinet. Via prima salutis (quod minime reris) Graia pandetur ab urbe (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 83-97, tradução nossa).

logo lhe responde a sacerdotisa dizendo que, para alguém de origem divina, descer ao Averno é muito fácil, difícil é sair. Bem poucos, somente os “amados do grande Jove (Júpiter), ou os que ao céu se elevaram por mérito próprio, filhos de deuses, de fato o alcançaram” (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 129-13, tradução nossa).⁴⁹

Dada a firme decisão do herói de enfrentar todos os desafios para encontrar-se novamente com Anquises, Sibila orienta-o sobre o que deverá fazer para seu intento alcançar: colher um ramo de ouro de uma árvore sagrada, que ficava escondido em uma floresta escura. Este ramo, oferecido a Prosérpina, servir-lhe-ia de passaporte para retornar ao mundo dos vivos. Esse ramo só poderia ser retirado por quem o Fado (destino) cedesse, caso contrário, por força nenhuma poderia ser arrancado.

Nesse momento da viagem, Eneias se mostra muito triste pela confirmação do destino que o aguardava: “Entristecido o semblante, olhos baixos, Eneias a cova deixa, e prossegue o caminho a ponderar em sua mente os eventos preditos pelo Fado” (VIRGÍLIO, *Eneida* VI – 156-158, tradução nossa)⁵⁰.

3.1.2.O herói estoico

No Livro VI, o heroísmo de Eneias se apresenta na sua força moral, na sua coragem de lutar contra si mesmo a fim de realizar o seu dever. O modelo de herói virgiliano é aquele que movimenta e inspira a moral nos homens. O heroísmo não é uma pregação, é atitude que leva os homens à ação. Segundo Bergson (2005), basta que o herói se mostre e, somente pela sua presença, poderá inspirar outros homens.

Mas as grandes figuras morais que contaram na história dão-se a mão por cima dos séculos, por cima das nossas cidades humanas: conjuntamente compõem uma cidade divina onde nos convidam a entrar (BERGSON, 2005, p.68).

⁴⁹ Pauci, quos aequus amavit Iuppiter aut ardens ad aethera virtus, dis geniti potuere (VIRGÍLIO, *Eneida*, 6 -129-13, tradução nossa).

⁵⁰ Aeneas maestro defixus lumina vultu ingreditur linquens antrum, caecosque volutat eventus animosecum (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 156-158, tradução nossa).

É possível analisar que, até esses eventos, o herói não possuía nenhum entusiasmo na sua missão, cumpria-a apenas por obediência. Sua reverência à vontade dos deuses já o tinha privado de morrer em batalha ao lado dos seus companheiros, quando Troia foi queimada, conforme ele desejava: “Oh três e quatro vezes felizes os que morreram a vista dos pais, sobre os altos muros de Tróia!” (VIRGÍLIO, *Eneida* I, 95, tradução nossa)⁵¹; “Morramos, lançando-nos no meio das armas! Só há uma salvação para os vencidos: não esperarem nenhuma salvação”. (VIRGÍLIO, *Eneida* II, 353-354, tradução nossa)⁵²; “Ou Tu, o que resta, fulmine com teus raios para a morte, e, se assim o mereço, liquida-me aqui já por tuas próprias mãos” (VIRGÍLIO, *Eneida* V, 691-692, tradução nossa)⁵³.

O heroísmo romano, a princípio, constitui-se de certo teor pessimista no tocante aos planos de doar-se aos deveres sociais e políticos. Ao herói, condenado à insatisfação e ao espetáculo da morte, e dele consciente, não lhe é permitido morrer porque sua vida nunca foi verdadeiramente sua.

A coragem é a virtude essencial do herói, a honra o seu objetivo essencial. Toda norma, todo o juízo e toda a acção, todas as aptidões e talentos tem por função definir a honra, ou seja, realizá-la. A própria vida não pode constituir obstáculo [...] quando a honra os chama, obedecem ao código moral do herói sem desfalecimento nem hesitação (FINLEY, 1982, p.108).

Por determinação divina, Eneias já havia sido também privado de viver com Dido, mulher por quem se apaixonara - “contra o meu próprio querer, Rainha, afastei-me de tua presença” (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 460, tradução nossa)⁵⁴. Aqui o herói apresenta a semelhança com o ideal de homem para os estoicos, que não vive segundo suas paixões, seus instintos, seus sentidos, mas se abnega e se rende ao destino. “Embora ele não seja insensível, este não tem paixões, ele só deixa entrar em sua alma aquilo que é integralmente racional” (MARITAIN, 1964, p.76).

⁵¹ ‘O terque quaterque beati, quis ante ora patrum Troiae sub moenibus altis contigit oppetere! (VIRGÍLIO, *Eneida* I, 95, tradução nossa).

⁵² Moriamur et in media arma ruamus. Uma salus victis nullam sperare salutem (VIRGÍLIO, *Eneida* II, 353-354, tradução nossa).

⁵³ Vel tu, quod superest, infesto fulmine morti, si mereor, demite tuaque hic obrue dextra (VIRGÍLIO, *Eneida* V, 691-692, tradução nossa).

⁵⁴ “inuitus, regina, tuo de litore cessi” (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 460).

Nesse ponto, a representação da causalidade divina e humana dos acontecimentos inclui o papel do destino e o retrato ético das personagens. Como descreve Inwood:

Na *Eneida* de Virgílio, os elementos que evocam o estoicismo incluem a ênfase sobre o destino (que é, como no estoicismo, não só compatível com as ações humanas como, ademais, levado a efeito por elas). Também estoica é a ênfase na aceitação do destino como componente-chave em termos de contraste entre virtude (ou razão) e paixão. Um traço importante desse modo de retratar as personagens é a apresentação da rendição à paixão como uma queda a uma espécie de loucura, traço esse que constitui o retrato de Dido e Turno, bem como o de Enéias (INWOOD, 2006, p. 62).

É possível notar aspectos morais e psicológicos na personagem principal do poema épico romano que se encaixam ao perfil do sábio estoico, quando este demonstra, ao longo na narrativa, não apenas ser um exemplo de virtude, de autocontrole sobre suas paixões, de racionalidade em aceitar harmoniosamente a deliberação dos deuses, da natureza do destino, como também em ser aquele que ensinará e que instruirá outros, como se deve proceder. Com isso pode-se inferir em Eneias a função do filósofo, com as características típicas do estoicismo romano, que se apresenta como aquele que orienta, ensina, exorta, por meio do exemplo, a uma vida moral e liberta de vícios.

A respeito do filósofo estoico romano, Melo (2015) ressalta que “cabia ajudar o homem a obter a tranquilidade que, entregue a si mesmo, ele não conseguiria alcançar, uma vez que, a rigor, as tendências da sociedade efetivamente o afastavam desse caminho”. Assim, o homem que sofria pelas crises que afetavam o Império recebia o conforto e passava a ver no afastamento do mundo e da própria vida uma saída para os conflitos sociais.

É possível compreender que o discurso moral e dogmático do estoicismo atendia perfeitamente aos interesses sociais e políticos do século I a.C., pois mantinha o homem fora da crítica dessa realidade, tornando este indivíduo alheado do mundo e da história ou, no mínimo, acomodado passivamente ao que se decretava irreversível por natureza (LARA, 2001).

Sendo propositadamente ou não, a mais expressiva obra literária da era de Augusto tem na sua essência a configuração de um homem que se

autorresponsabiliza na construção de um Império pacífico, grandioso e glorioso, que se autorresponsabiliza pela transformação e melhoramento do mundo que deve começar dentro de si próprio, assumindo um compromisso de ser racional e não ceder aos prazeres e paixões, de ser estoico.

Com efeito, se, de um ponto de vista exterior, a vontade expressa de Eneias coincide com as expectativas de Dido no tocante à permanência em Cartago, a inevitabilidade da partida forçará, de acordo com as exigências do *fatum*, a ruptura entre vontade e expectativa, em favor da articulação entre destino e missão, que passa novamente a ocupar o centro da narrativa. E tal fato implicou na transferência ideológica de Dido do plano central da narrativa para a sua periferia.

3.1.3. A entrada no submundo

A entrada para o inferno virgiliano era uma fenda entre as rochas, como uma “boca espantosa”, a região era inóspita, de difícil acesso, pois um pântano negro e uma floresta sombria o precediam, vapores negros exalavam de lá, por isso não havia pássaros ali⁵⁵. O lugar era sempre noite, “abismo e trevas”, “caos sem luz”. Já no pátio, seres monstruosos se encontravam: o Orco⁵⁶, as Fúrias⁵⁷, a Discórdia⁵⁸, Cilas⁵⁹, Briareu⁶⁰, Centauros⁶¹, Hidra de Lerna⁶², Quimera⁶³ e Gerião⁶⁴.

⁵⁵ Virgílio transporta Eneias, por meio da poética do mito, para o Reino dos Mortos, cuja entrada pode ser relacionada à região vulcânica, próxima ao Vesúvio, pois, para os povos antigos, tratava-se do local em que a ideia do terrífico e do sobrenatural era maior do que em qualquer outro ponto da superfície terrestre, contendo fendas de onde se levantavam chamas sulfúreas, o solo era sacudido pelo desprendimento de vapores e ruídos saíam das entranhas da terra. Essa ideia de terror surgiu com a destruição de Pompeia, pelo Vesúvio, tornando-se o vulcão mais conhecido e medonho de todas as sociedades. Daí a grande jogada de Virgílio: demonstrar o quanto é infernal a região de Cumas, local onde se encontra a entrada dos Infernos (HANNA, 2015).

⁵⁶ Deus do submundo, pronto a punir aqueles que quebram juramentos.

⁵⁷ Erínias, personificação da vingança.

⁵⁸ Éris.

⁵⁹ Ninfa transformada em monstro marinho.

⁶⁰ Gigante de 100 braços e cinquenta cabeças.

⁶¹ Criatura meio homem, meio cavalo.

⁶² Monstro que habitava um pântano, tinha corpo de dragão e cabeças de serpente que, ao ser cortada, se regenerava, seu hálito era venenoso.

⁶³ Cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente.

⁶⁴ Ser cruel, de três cabeças e três torsos.

A primeira descrição do inferno é de lugar de punição para as almas: moradia dos remorsos, do medo, das enfermidades, da velhice inamável, da fome, da pobreza, das mazelas, dos trabalhos insuportáveis.

Cinco rios percorrem o mundo inferior: o primeiro é o lodoso Aqueronte, este conduz até Cócito e Estige de onde se ouve o lamento dos mortos sem túmulos; Flegetonte, o rio de fogo que passa pelo Tártaro e Lete, cuja localização é nos Campos Elísios, e os que bebem de suas águas experimentam completo esquecimento. Caronte era o barqueiro que guardava os rios infernais. Muitas almas nas paragens dos primeiros rios pediam passagem ao velho barqueiro, que a algumas recolhia e a outras espantava. Estas eram os mortos insepultos, elas não podiam ser conduzidas pelo barqueiro, mas teriam que aguardar por 100 anos.

Logo na entrada do grande poço do Tártaro, achava-se Cérbero. Lamentos de crianças anunciavam que era chegada a morada daquelas que, arrebatadas do peito materno, precocemente o destino lançou numa noite sem termo. Ali perto estavam os condenados por crimes supostos. Minos, a rodar a urna, presidente do corpo de sombras mudas, a todos convocava e da vida inquiria dos crimes. Mais adiante estavam os suicidas, e, em seguida, o campo onde se escutava o choro das tristes almas, vítimas do amor. Lá se encontravam Prócris, Fedra, Erífile, Pasífaa, Evadne, Laodâmia e Ceneu. Entre estas se achava a sombra de Dido a vagar pela selva.

No seguimento da rota prescrita, chegavam-se aos últimos campos, ocupados pelos guerreiros famosos, guerreiros troianos, entre eles, estava Deífobo, que se encontrava disforme pela violência de sua morte. Avançando-se, chegava-se ao ponto exato onde se dividia o caminho, o da direita levava ao palácio de Plutão, rumo ao Elísio, o da esquerda, às escuras estâncias do Tártaro, onde os maldosos recebiam as penas do que haviam feito.

Em frente se achava a muralha forjada pelos Ciclopes e a abóbada, diante da qual se deveria depositar a oferenda a Prosérpina, o ramo de ouro, para, enfim, se alcançar os Campos Elísios.

3.2. O INFERNO VIRGILIANO E OS EXEMPLOS NEGATIVOS

Nesse primeiro estágio da viagem de Eneias, a aprendizagem do herói acontece no confronto, no choque com a realidade que a ele se apresenta de que, depois da vida terrena, a alma imortal receberá castigo por seus vícios. Sibila, durante o percurso, é aquela que a tudo explica ao troiano e o faz refletir, é aquela que faz a mediação para que o ensinamento, que procede dos exemplos, de como não proceder, não lhe seja ignorado.

Os mortos não são todos iguais, desempenham papéis e encontram-se, como já mencionado, em localizações distintas no mundo dos mortos: nos primeiros umbrais estão as crianças arrebatadas prematuramente do colo das mães, tendo estas apenas as manchas inerentes à humanidade e não crime algum, a sua expiação é breve e menos rigorosa:

Constantemente ouvia vozes de lamento intermináveis e queixas de crianças ali perto de um palco, que arrebatadas do peito materno e da vida tão bela, precocemente o destino lançou numa noite sem termo (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 426-429, tradução nossa)⁶⁵.

Os condenados à morte, por crimes supostos, eram conduzidos ao tribunal presidido por Minos que inquiria as sombras sobre a vida e os crimes acusados.

Em outro local apertado estavam os suicidas que, vencidos da própria amargura, não conseguiam o almejado sossego nas terras do Averno: “Perto dali os vencidos da própria amargura se encontram. Não suportando a luz bela, nem tendo o sossego almejado, deram-se a Morte. Quão duros trabalhos agora sofreram no éter lá em cima, canseiras sem conta, a mais negra miséria” (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 434-439, tradução nossa)⁶⁶

Ao que tudo indica, não se trata aqui do sacrifício heroico, exaltado na referência aos Campos Elísios, menos ainda de um suicídio político louvado, mas

⁶⁵ Continuo auditaе voces vagitus et ingens /infantumque animae flentes, in limine primo /quos dulcis vitae exsortis et ab ubere raptos /abstulit atra dies et funere mersit acerbo (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 426-429, tradução nossa)

⁶⁶ proxima deinde tenent maestі loca, qui sibi letum /insontes peperere manu lucemque perosi /proiecere animas. quam vellent aethere in alto /nunc et pauperiem et duros perferre labores! /fas obstat, tristisque palus inamabilis undae /alligat et novies Styx interfusa coercet (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 434-439, tradução nossa).

de uma categoria covarde de evasão da vida que o poeta parece reprovar e que reverbera no próprio imaginário romano.

Virgílio apresenta como dignos de castigos os que tiraram suas próprias vidas. Em Roma, no período imperial, o Estado preocupava-se com o suicídio de incriminados. Procurava salvaguardar seus próprios interesses financeiros e a boa-fé comercial entre particulares, como no caso da venda de escravos com tendências suicidas.

Para se defender os interesses do Estado, impunha-se avaliar se o suicídio era ou não confissão de culpa, de modo a fazer executar as consequências legais, inerentes à confirmação do dolo ou crime. Somente cinco motivos eram considerados legítimos, à face da lei para o suicídio: tédio da vida, dor extrema, vergonha, loucura ou paixão (OLIVEIRA, 1994).

No entanto, para o estoicismo, o homem não tem direito de contrariar a lei da natureza e o destino. Em consequência, quando surge a ideia de suicídio, ela só deve ser levada à prática se, de forma racional e pela via do conhecimento, se reconhecer ter chegado o momento de morrer, pré-estabelecido na ordem universal. Nesse caso o suicídio é o ato de razão e liberdade que postula o desenvolvimento de uma arte de bem morrer, que Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio se esforçaram por desenvolver. Ora, como só o sábio conhece as leis da natureza e como só ele atua sempre pela razão, teoricamente só o sábio terá justificativa para o suicídio (OLIVEIRA, 1994).

É possível considerar, dessa forma, que, de acordo com os interesses políticos, a posição do Estado romano perante o suicídio tem a ver com questões financeiras. O valor da vida humana depende da condição jurídica do indivíduo, enquanto mercadoria, o indivíduo não livre é financeiramente mais valorizado, porque se trata de um investimento. A sua morte, por suicídio ou não, constitui uma perda financeira real. No caso dos indivíduos livres, mas sob servidão militar, a tentativa de suicídio é facilmente entendida como uma atitude de deserção do posto e covardia e, por razões ideológicas, é severamente condenada.

Nos campos onde sofrem os castigos pelos crimes praticados por amor, encontram-se personagens femininas da mitologia que figuram crimes contra a família:

[...] espalham-se ocultas num bosque de mirto, cortado por infinitas veredas, as vítimas tristes da dura peste, de cujos espinhos nem mesmo na morte se livram. Lá viu Eneias a Prócris e Fedra e também a Erífile, que as chagas mostrava causadas por seu próprio filho, e mais, Pasífaa e Evadne, seguidas da bela Laodâmia, e da Ceneu, antes jovem de nobre postura, mudado posteriormente em mulher por designos obscuros dos Fados (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 440-449, tradução nossa).⁶⁷

Prócris fora, na mitologia, a esposa de Céfalos, e, em várias versões do mito, esta é tida como adúltera. É infiel com seu esposo primeiramente com Pteleon, depois com Minos, o rei da ilha de Creta. Fedra era a filha de Minos e Pasífae, que se casou com Teseu, rei de Atenas. Apaixonou-se pelo enteado, Hipólito, tendo este a rejeitado. Fedra se suicidou, mas antes deixou uma carta a Teseu, incriminando o filho de a ter agredido e violentado.

Erífile aceitou suborno, um colar de pérolas, para convencer o marido a participar da expedição contra Tebas, na qual este acabou morrendo. Na segunda expedição contra Tebas, novamente aceitou suborno, dessa vez, por uma roupa, convenceu o filho, Alcmeão, para que fosse à guerra. Na volta, sentindo-se traído pela mãe, Alcmeão matou Erífile.

Pasífaa era uma das filhas de Hélio, deus do Sol, e esposa de Minos. Esta se apaixonou pelo touro branco de chifres dourados, que Poseidon fizera emergir do mar a pedido do rei de Creta, a fim de legitimar seu poder. Para concretizar sua paixão, Pasífaa pediu ao inventor Dédalo para que construísse uma vaca de madeira tão perfeita que enganasse o touro. Ela se escondeu dentro da vaca e alcançou seu intento de se unir com o touro. Dessa união nasceu Minotauro, o ser monstruoso, metade touro, metade homem.

Evadne, uma das três filhas de Pélias, enganada por Medeia, matou o próprio pai. Laodâmia era esposa de Petesileu, governador da Tessália, que fora o primeiro a morrer na guerra de Troia. Laodâmia cometeu suicídio por não suportar a ausência do marido. Ceneu, outrora mulher, amada por Poseidon, pediu para ser por ele transformada em homem, pois desejava ser um guerreiro.

⁶⁷ nec procul hinc partem fusi monstrantur in omnem /Lugentes campi; sic illos nomine dicunt. /hic quos durus amor crudeli tabe peredit /secreti celant calles et myrtea circum /silva tegit; curae non ipsa in morte relinquant. /his Phaedram Procrinque locis maestamque Eriphylen /crudelis nati monstrantem vulnera cernit, /Evadnenque et Pasiphaen; his Laodamia /it comes et iuvenis quondam, nunc femina, Caeneus /rursus et in veterem fato revoluta figuram (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 440-449, tradução nossa).

Essas mulheres, no inferno virgiliano, apresentam-se como personificações de condutas moralmente inaceitáveis para sociedade romana: o adultério, o incesto, o suborno, a corrupção, o parricídio, o atentado contra a própria vida como também o procedimento inaceitável, em uma sociedade patriarcal, de a mulher desejar assumir os papéis sociais conferidos ao homem.

Sabe-se que o público leitor da Eneida era aquele “aculturado constituído pela classe dirigente política e intelectual de Roma, que devia ser conquistada para o novo regime” (PERUTELLI, 2010, p.311). E entre esse seletor público encontravam-se as mulheres da família imperial e da elite italiana. Esses exemplos femininos negativos fariam, então, contraste com o que se esperava dessa classe de cidadãos romanos, e ainda mais sobre as mulheres da classe dirigente.

A história antiga tem sido basicamente o estudo da elite, pois é desse estrato social que temos o maior número de informações. As mulheres das quais temos o maior conhecimento são, em sua maior parte, as que pertenciam ou estavam associadas a essa elite. Temos muito mais informações sobre mulheres que ficaram famosas e que foram usadas como exemplos por sua bondade ou por sua maldade (POMEROY, 1987, p.11).

Segundo Gonçalves (2003), as mulheres do período augustano ofereceram à história moralizante vários exemplos, principalmente no que concernia a temas como adultério, que era recebido por um público ávido por histórias de alcova e cujo papel político nem sempre era ressaltado de forma positiva.

Augusto, no intuito de purificar o quadro de cidadãos e assegurar-lhe a predominância de romanos e italianos, tomou uma série de medidas para que todo cidadão casasse e tivesse família, e que o sangue desses novos cidadãos fosse puramente italiano. E, para isso, apelou aos valores da antiga religião romana em que:

[...] a falta mais grave era o adultério, porque a primeira regra do culto é que o lar se transmite de pai para filho; o adultério perturba a natureza do nascimento. Encontra-se como norma de religião o fato de o túmulo apenas dever encerrar os membros da família e, havendo-se por estranho a todo filho nascido do adultério, parece ser evidente esse filho não poder ser enterrado no túmulo porque, com este ato, violar-se-iam todos os princípios da religião, o culto ficaria profanado, o lar tornar-se-ia impuro, cada oferenda ao

túmulo converter-se-ia em impiedade. Há mais: pelo adultério rompe-se a cadeia na série dos descendentes; a família, sem conhecimento dos homens vivos, fica extinta, e jamais haverá felicidade divina entre os antepassados (COULANGES, 1999, p.68).

Na proposta de renovação da nova Roma imperial, na formação do *domus* a moralização das mulheres se fazia importante, pois por meio delas se gerariam herdeiros. A imagem da boa esposa e do modelo de matrimônio digno deveria ser imitada por toda a sociedade romana.

Veyne destaca que, antes de o advento do cristianismo provocar mudanças na sociedade romana, já existia no interior da própria sociedade pagã uma mudança moral em andamento, a partir das modificações ocorridas em suas elites, e esta afetava diretamente a posição feminina. Para o autor, os cristãos não teriam criado uma nova moral, mas apenas englobado a moral já existente em Roma em alguns de seus aspectos, enfatizando o mito do amor conjugal, a castidade, as necessidades de reprodução e a condenação do homossexualismo (VEYNE, 1978).

Nesses mesmos campos onde se encontravam essas mulheres da mitologia, estava Dido, que se recusa a fitar de frente Eneias. A cena remete ao Livro IV, no qual a vulnerabilidade da rainha contrasta com a persistência férrea do herói que não se deixa amolecer pelos encantos da soberana cartaginesa. Levada ao desespero, não suporta a partida do amante e enterra no peito a espada de Eneias.

Entre estas viu a vagar pela selva sombria a fenícia Dido com sua recente ferida [...] rompendo em lágrimas, disse-lhe o herói as seguintes palavras: Dido infeliz, era então verdadeira a pungente notícia de tua morte e que o fim encontraste por próprio alvedrio? Eu de tudo isso sou culpado! [...] pela vontade dos deuses é que nestas sombras me arrasto, a percorrer tão estranhas paragens na noite profunda. Ordens de cima, impiedosas. Jamais admiti que com a minha resolução, sofrimento tão grande pudesse causar-te. Detém-te aqui. Não me negues a grata visão desse encontro. Outra ocasião de falarmos os Fados jamais nos concedem. [...] Dido porém, sem olha-lo de frente, olhos fixos na terra, não se deixando abalar pelas frases melífluas de Eneias, mas parecia se sílex ou pedra a lavar de Marpeso. Por fim se afasta, irritada, e procura refúgio num bosque perto dali, onde o esposo Siqueu, seu primeiro marido, alvo se torna de sua ternura que em dobro ele paga. O coração conturbado entre o quadro de tal desventura, de

longe o Teucro acompanha com a vista, a chorar de remorsos (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 450-476, tradução nossa).⁶⁸

Cardoso (1990) aponta para um conteúdo histórico da lenda de Dido, a rainha de Tiro: a fundação de Cartago, atribuída a Dido, distancia-se muito, cronologicamente, da suposta data da guerra de Troia. Névio foi quem primeiro idealizou esse encontro entre o guerreiro e a rainha e o primeiro a referir-se à trágica paixão entre eles. Em seu poema épico, *A guerra púnica*, Névio relatou um fato de seus dias e, justapondo a ficção à história, mostrou, no episódio imaginado, a justificativa de um acontecimento real.

A inimizade entre duas metrópoles mediterrâneas (Cartago e Roma) deixaria, com isso, de ser uma questão meramente política: passaria a ter sua origem no passado lendário e seria compreendida como fruto de algo pronunciado muito tempo antes, se a lenda pudesse ser apresentada como causa da história (CARDOSO, 1990, p.26).

Porém, na *Eneida*, o envolvimento entre Dido e Eneias, e sobretudo a opção feita pelo herói romano em cumprir o seu dever com a pátria ao invés de entregar-se à paixão, revela a *virtus* do líder troiano, obediente à lógica do fado – *fatum* - e estabelece um contraponto entre a imagem deste e a imagem orientalizada e amolecida do rival político de Augusto, Marco Antônio, acusado de se render aos encantos de uma rainha estrangeira, provocando a ruína e a própria morte.

Quando em 36 a.C. Marco Antônio rompeu com Otaviano e declarou Cleópatra sua mulher, surgiu como o senhor do Oriente, embora continuasse a reivindicar o Ocidente. Segundo Rostovtzeff (1973), quando Antônio transferiu províncias romanas aos filhos de Cleópatra e apresentou indiferença pelos interesses romanos, Otaviano aproveitou-se dos erros do adversário para provar

⁶⁸ Inter quas Phoenissa recens a vulnere Dido /errabat silva in magna; [...] /demisit lacrimas dulcique adfatus amore est: /infelix Dido, verus mihi nuntius ergo /venerat extinctam ferroque extrema secutam? /funeris heu tibi causa fui? [...] sed me iussa deum, quae nunc has ire per umbras, /per loca senta situ cogunt noctemque profundam /imperiis egere suis; nec credere quivi /hunc tantum tibi me discessu ferre dolorem. /siste gradum teque aspectu ne subtrahe nostro. /quem fugis? extremum fato quod te adloquor hoc est.' /talibus Aeneas ardentem et torva tumentem /lenibat dictis animum lacrimasque ciebat. /illa solo fixos oculos aversa tenebat /nec magis incepto vultum sermone movetur /quam si dura silex aut stet Marpesia cautes. /tandem corripuit sese atque inimica refugit /in nemus umbriferum, coniunx ubi pristinus illi /respondet curis aequatque Sychaeus amorem. /nec minus Aeneas casu percussus iniquo /prosequitur lacrimis longe et miseratur euntem (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 450-476, tradução nossa).

para Roma e para a Itália que Marco Antônio era “o miserável escravo de Cleópatra, homem sem desejo próprio e senso de honra, traidor dos ideais romanos” (ROSTOVTZEFF, 1973, p.146).

Nesse sentido, se Antônio vencesse, Roma seria escravizada pelo Oriente, a Itália não passaria de uma província do Egito. As investidas de Otaviano fizeram efeito e o Senado tomou partido deste. A sombria perspectiva de um conquistador estrangeiro em solo italiano despertou a lembrança das guerras púnicas.

O orgulho nacional da Itália foi despertado. Os cidadãos exigiam que o predomínio adquirido em longos anos de conflito lhes fosse reconhecido como direito. Otaviano derrotou Antônio porque compreendeu a força desse sentimento nacional e dela se utilizou, comprometendo-se tacitamente a manter o predomínio político da Itália e as características essenciais da sociedade italiana (ROSTOVTZEFF, 1973, p.162).

Dessa forma, os romanos estavam prontos a reconhecer a autoridade que lhes assegurasse paz e ordem. Essa segurança o público de Virgílio poderia atestar em Eneias que logo mais se correlacionaria com a figura do imperador Augusto.

Prosseguindo na viagem, Eneias chega ao local de bifurcação já mencionado, onde à direita vislumbram-se o Palácio de Plutão e os Campos Elísios, à esquerda, o Tártaro:

À noite, Eneias avança e a chorar nós gastamos o tempo. Ao ponto exato chegamos em que se divide o caminho: o da direita nos leva ao palácio do nobre Plutão, rumo ao Elísio; o da esquerda, às escuras estância dos Tártaro, onde os maldosos as penas recebem do quanto fizeram (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 539-543, tradução nossa).⁶⁹

O efeito causado por essa exposição pode não ser aleatório: os *exempla* negativos e tormentos do Tártaro salientam a plenitude dos ditosos habitantes dos Elíseos. Os vários tipos paradigmáticos que estão no Averno transferem, por meio da memória de virtude ou transgressão, um *exemplum* a ser emulado ou evitado (MOTA, 2011).

⁶⁹ 'nox ruit, Aenea; nos flendo ducimus horas. /hic locus est, partis ubi se via findit in ambas: /dextera quae Ditis magni sub moenia tendit, /hac iter Elysium nobis; at laeva malorum /exercet poenas et ad impia Tartara mittit (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 539-543, tradução nossa).

E nisso, uma voz é ouvida das sombras a admoestar o herói, é a voz de Flégias, pai de Íxion, castigado por ter ateado fogo ao templo de Apolo em Delfos: “Aprendeis a justiça com o meu conselho a não ultrajar os deuses” (VIRGÍLIO. *Eneida* VI, 620, tradução nossa)⁷⁰. Essa exortação traz a correspondência a essa mesma ideia: aprender, com o exemplo, a não transgredir.

A memória paradigmática, referenciada no verso de Virgílio, atende ao propósito de comunicar um *exemplum* ou ensinamento, sentido que é reforçado pelo verbo *disco* que significa apreender, instruir ou se informar. Por sua vez, os vários personagens lendários, encontrados na difícil jornada do Averno, dirigem ao herói um tipo de mensagem, seja de cunho moral e ou político, que atua na formação da *virtus* de Eneias.

Intensos momentos de terror o herói ainda haveria de passar ao avistar, depois da porta gigante de aço do palácio de Plutão, cercado pelo rio Flegetonte, e depois da torre onde Tisífone se achava, com o manto coberto de sangue, o fosso das maiores torturas. Quem se encontra ali encerrado? Muitos que desafiaram a soberania de Júpiter: os Titãs, fulminados pelo senhor do Olimpo, os filhos de Aleo (Oto e Elfiates) e Salmoneu, que tentou forjar os raios de Júpiter. Também Íxion, que tentou violar Juno, e Piritoo que tentou raptar Proserpina. A punição que lhes atribui Virgílio é serem condenados a padecer, eternamente, fome e sede.

Lá se contorcem no fundo do abismo os famosos Titãs, filhos mais velhos da Terra, feridos de morte pelo raio. Vi nesta altura os dois gêmeos Alóidas, disforma, de corpos desmensurados, que mãos desarmadas, aos céus se atreveram, com fim de a Júpiter arrancar do seu trono soberbo. A Salmoneu também vi, padecendo castigos terríveis, por ter tentado imitar os estrondos e os raios do Olimpo. Numa quadriga levado, a agitar sempre no ar uma tocha, por toda Grécia transvoa, por sua cidade na Élida, cheio de si, a exigir dos mortais honrarias divinas. Tolo! Querer imitar com as patadas dos nobres cavalos e o ringir duro das rodas, trovões, tempestades, raios inigualáveis? O pai poderoso com um raio o fulmina (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 580-595, tradução nossa)⁷¹.

⁷⁰ Discite iustitiam moniti et non temnere diuos (VIRGÍLIO. *Eneida* VI, 620, tradução nossa).

⁷¹ hic genus antiquum Terrae, Titania pubes, /fulmine deieci fundo voluntur in imo./hic et Aloidas geminos immania vidi/corpora, qui manibus magnum rescindere caelum/adgressi superisque lovem detrudere regnis./vidi et crudelis dantem Salmonea poenas, /dum flammas lovis et sonitus

O Tártaro virgiliano recebe homens cujas faltas equiparam-se, em gravidade, às dos seres legendários. “Aqueles que aos irmãos nutriram ódio, no curso da vida, aquele que feriu o pai” (VIRGÍLIO. *Eneida* VI. 608-609, tradução nossa)⁷². Atentar contra o progenitor é considerada ofensa direta aos *mores* romanos, à medida que o pai é o depositário da tradição e a expressão viva dos ancestrais. De acordo com o *Oxford Latin Dictionary* (1968, p. 1318), *parens* pode tanto significar patriarca, pai, quanto antepassado. Atrocidade que forma um contraste marcante com o heroísmo de Eneias, que, sobre os ombros, carrega Anquises para fora de Troia em chamas.

A subversão dos laços consanguíneos, por sua vez, remete à quebra da *fides*, valor e ideal sobre o qual se constroem as alianças políticas e a relação de *amicitia* no mundo romano. Também, nesse abismo, estão aqueles que “ímpias armas seguiram e nem temeram trair a fé de seus senhores” (VIRGÍLIO. *Eneida*, VI. 612-613, tradução nossa)⁷³. Reprovações que fazem todo o sentido ao se ter em conta a historicidade da *Eneida*, marcada pela memória recente dos dois triunviratos, proscricções, guerras civis, alianças firmadas e dissolvidas em diversas circunstâncias.

Segundo nota do tradutor da *Eneida* da LOEB, H. Rushton Fairchough, *impia arma* é uma alusão possível à guerra lançada contra a pátria (FAIRCHOUGH, 1916, p. 549). Portanto, aqui o poeta pode ter se referido a Lúcio Sérgio Catilina⁷⁴, cuja conspiração, denunciada no Senado, motivou a composição das *Catilinárias* ciceronianas, este se encontraria suspenso num rochedo do Tártaro.

Alföldy (1989) salienta que a expressão clara da crise espiritual de finais da República são as repetidas queixas sobre a decadência dos antigos costumes mas também o comportamento de homens proeminentes; por exemplo, o

imitatur Olympi./quattuor hic invectus equis et lampada quassans/per Graium populos mediaeque per Elidis urbem/ibat ovans, divumque sibi poscebat honorem,/demens, qui nimbos et non imitabile fulmen /aere et cornipedum pulsu simularet equorum./at pater omnipotens densa inter nubila telum/contorsit, non ille faces nec fumea taedis/lumina, praecipitemque immani turbine adegit./nec non et Tityon, Terrae omniparentis alumnum (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 580-595, tradução nossa).

⁷² hic quibus inuisi frates, dum uita manebat pulsatusue parens (VIRGÍLIO. *Eneida* VI, 608-609, tradução nossa)

⁷³ arma secuti impia nec ueriti dominorum fallere dextras (VIRGÍLIO. *Eneida* VI. 612-613, tradução nossa).

⁷⁴ Lúcio Sérgio Catilina (108-62 a.C.) foi um militar e senador de Roma que conspirou contra a República romana, em particular contra o poder oligárquico do Senado, é também uma personalidade contra a qual pesam acusações de devassidão moral perante os padrões romanos.

proverbial Luculo ou a corrupção, sem a qual a carreira de Cesar teria sido impossível. Salustio atribuía as culpas de toda a crise da República romana a essa fraqueza moral: quando Roma deixou de temer Cartago, foi tomada de uma exuberância ilimitada e presunçosa, a qual muitas vezes acompanha a felicidade.

Musti (2010) também pondera que era fato a existência de um patrimônio moral pelas antigas gerações romanas. Porém, após a vitória definitiva de Roma contra Cartago (146 a.C.) e ainda mais depois da idade de Sila (88 – 78 a.C.), começa a acontecer um processo de decadência moral. É por meio dessas fases que os males da *avaritia* (avidez) e da *ambitio* (ambição) irrompem em Roma.

A experiência de guerra civil entre César e Pompeu, guerra civil entre herdeiros de César e os assassinos de Cesar e, sobretudo, a nova fase e decisiva, entre Otaviano e Antônio, é nessas foscas condições de grandeza e ao mesmo tempo de corrupção interna que se enquadra e ambienta a história de conspirações, como a da conjuração de Catilina.

Junto aos traidores da *fides* e do povo romano, o poeta coloca “aqueles que odiaram os seus irmãos, feriram o pai, acumularam grandes tesouros sem repartir com os seus ou envolveram, em prejuízo, seus clientes” (VIRGÍLIO. *Eneida* VI, 608-611, tradução nossa)⁷⁵. Tendo-se em vista que os poetas dependem do reconhecimento do *patronus* para a projeção de seu trabalho, legitimado por meio da *auctoritas* do protetor, fica fácil deduzir por que Virgílio lança no Tártaro os que traiçoearam ou negligenciaram seus protegidos.

Por meio da via negativa exalta a generosidade dos cultores das artes e principalmente de Augusto, seu *patronus*. Essas relações fazem parte do imaginário romano republicano que é recolocado pelo poeta dentro do projeto de poder do principado augustano e que por si só faz sentido quando se pensa o momento político da constituição da *Eneida* (MOTA, 2011).

Verifica-se que o poeta deixa subjacentes, na narrativa, as condutas que não devem ser praticadas entre aqueles que figurarão, à semelhança de Eneias, a glória de Roma. Porém, dentre os crimes destacados aqui, contra a família, contra a pátria, os mais dignos de severa punição são os crimes praticados contra

⁷⁵ hic, quibus invisi fratres, dum vita manebat, pulsatusve parens et fraus innexa clienti, aut qui divitiis soli incubuere repertis nec partem posuere suis, quique ob adulterium caesi (VIRGÍLIO. *Eneida* VI, 608 - 611, tradução nossa).

a autoridade dos deuses, ou seja, a autoridade daquele que os representa: o Império de César Augusto.

4. O IDEAL DE FORMAÇÃO ROMANA: O MISTER DA GRANDEZA E GLÓRIA COMO RECOMPENSA

A educação do homem romano na Antiguidade consistia em uma preparação dos jovens, por meio de cuidados físicos e aquisição de hábitos morais, para a sua inserção no mundo dos adultos, sendo a base dessa preparação o núcleo familiar. Segundo Pereira Melo (2006), já na etimologia, a palavra latina, da qual deriva a palavra educação, denota a provisão de condições essenciais para o desenvolvimento da criança.

A palavra latina *educatio*, com a qual os romanos denominavam a educação, expressava um conteúdo semelhante ao termo grego *trophé*, evidente quando se tem em conta a origem do verbo *educio* e um de seus significados: “alimentar”. *Educatio* era, pois, a “criação” física e moral que tornava a criança apta a adentrar o mundo dos adultos. A partir de um determinado momento, a palavra *educatio* passou a ser acompanhada de outros termos, *educatio et disciplina* ou *educatio puerilis*, num indicativo de que a formação humana compunha-se de duas etapas: uma no lar e outra na escola (PEREIRA MELO, 2006, p.6).

O lar, aos olhos dos romanos, era o meio natural em que devia crescer e se formar a criança. A influência da mãe marcava a primeira fase de cuidados e ensinamentos em atmosfera de rigidez e alto teor moral. Aos sete anos, a educação do menino passava a ser encargo do pai, enquanto que as meninas permaneciam sob a tutela da mãe nos trabalhos domésticos.

A figura do pai ocupava papel primordial na educação dos filhos homens, estes os acompanhavam em todas as suas atividades e funções, nos seus passeios e visitas. Os filhos aprendiam pelos preceitos do pai, porém ainda mais pelo seu exemplo. Para Marrou (1990), no modelo cultural romano, o pai era o verdadeiro educador.

[...] a velha educação latina não concebe esta formação moral como separada do aprendizado da vida real, de suas responsabilidades. Não se trata, como na Hélade arcaica, de preparar-se para uma vida nobre em que a façanha, esportiva e guerreira, alterna com os lazeres elegantes: o ideal romano é o do *pater familias*, responsável pela boa gerência do seu patrimônio (MORROU, 1990, p. 3).

Na sociedade romana, o *pater* liderava a família e a sociedade. Os bens, a esposa, os filhos, os escravos e o nome pertenciam ao *pater*. A família romana foi a principal unidade social durante toda a República e o Império, sua origem estava na *gens*. A *gens* pode ser definida como grupo de pessoas que possuíam um mesmo ancestral comum e sua origem reporta ao período da realeza romana. “A *gens* tinha seus túmulos domésticos e cultos particulares; e todas elas se reuniam para tomar decisões coletivas” (BRANDÃO, 1995, p.60).

A família romana se firmou como uma subdivisão da *gens* e passou a abranger tudo o que se encontrava sob o domínio do *pater familias*⁷⁶. A relação do *pater familias* com o poder político era bastante forte uma vez que “os *patres* que compunham o Senado identificavam-se com os *patres familiarum* ou eram por eles escolhidos” (FLORENZANO, 1986, p.61).

Quando faltava ao jovem romano o próprio pai, este era substituído por um familiar mais velho, para, assim, instruí-lo. Como considera Clarke (1968), nos velhos tempos, os romanos costumavam aprender com os mais velhos não só ouvindo, mas também vendo o que eles próprios deveriam eventualmente fazer e, por sua vez, transmiti-lo à geração mais jovem.

Na infância, eles eram iniciados no serviço do campo, de modo que pudessem aprender a comandar obedecendo, a agir como líderes seguindo a líderes, então, como candidatos a cargos, eles se postavam às portas do Senado e observavam os conselhos do Estado antes de participarem deles. Cada um tinha seu pai como professor ou, se não tivesse um, um familiar ou amigo mais velho e mais distinto substituíria aquele (CLARKE, 1968).

O poder do pai na casa era inviolável, além da condição de senhor, o pai exercia o papel de sacerdote da família. Fora de casa, era o cidadão servidor do Estado, mas, dentro de casa, tinha o poder de um soberano. O Estado não podia intervir jamais no seu lar, era o pai que detinha o poder de vida e de morte sobre aqueles sob sua tutela.

⁷⁶ Segundo Coulanges (1999), a palavra *pater* na Roma antiga, além de significar pai, genitor, abrigava ainda outro sentido. Em linguagem religiosa aplicava-se essa expressão a todos os deuses; o vernáculo do foro, a todo homem que não dependesse de outro que tivesse autoridade sobre uma família e sobre um domínio, *paterfamilias*. Os poetas a empregavam a todos quanto desejavam honrar. O escravo e o cliente usavam-na com seu senhor. Ela encerrava, em si, não o conceito de paternidade, mas de poder, de autoridade, de dignidade majestosa.

A antiga Lei das Doze Tábuas, do início da República até a metade do século V a.C., permitia, entre outras coisas, que o pai matasse os filhos anormais, prendesse, flagelasse, condenasse aos trabalhos agrícolas forçados, vendesse ou matasse filhos rebeldes, mesmo quando já adultos e em ocupação de cargos públicos (MANACORDA, 2010).

Afora a educação no lar, no fim da República e no período imperial, a educação em Roma era uma cópia do sistema grego contemporâneo, ao qual Roma contribuiu com muito pouco, exceto a língua na qual era administrado. As autoridades romanas não tomaram para si a tarefa de aconselhar ou dirigir um sistema estatal de educação e, quando, no início do Império, o Estado demonstrou algum interesse pela educação, o que fez foi encorajar e subvencionar um sistema que se tornara estabelecido como resultado da iniciativa privada.

Com o advento do Império, a educação floresceu na Itália, havendo numerosas escolas tanto em Roma quanto nas províncias, nas quais havia um mestre, às vezes com um assistente, que ensinava uma disciplina específica, havendo tantas escolas diferentes quantas disciplinas houvesse.

Além do *ludi magister*, o mestre da escola primária, que ensinava a ler e a escrever e os elementos da aritmética, havia o *grammaticus* grego e o *grammaticus* latino, o *rhetor* grego e o *rhetor* latino; havia escolas de geometria e música e, numa posição inferior, o *calculator* ou professor de aritmética comercial e o *notarius* ou professor de taquigrafia [...] Era possível frequentar inúmeras escolas diferentes, sucessivas ou simultaneamente (CLARKE, 1968, p.206).

Porém, as escolas mais importantes e mais conhecidas durante o Império eram as de gramática e retórica, e por elas passavam os romanos de famílias ricas e renomadas, destinados à carreira pública. Nas escolas de gramática parte do tempo era destinado à leitura dos poetas, e o colegial saía da escola secundária com o conhecimento dos clássicos das duas literaturas, grega e latina.

A literatura clássica era recepcionada na escola, durante a Antiguidade romana, por possuir e ser entendida com um caráter didático. A crítica antiga frequentemente buscava e privilegiava os conteúdos éticos das várias obras examinadas. A epopeia de Virgílio, antes mesmo do término de sua confecção,

surgiu no século I a.C. com expectativas de ser um texto-guia, um guia moral para o povo romano.

De acordo com Perutelli (2010), os textos poéticos de Virgílio, que surge no ápice do desenvolvimento da literatura no Império Romano, tornam-se uma espécie de textos-guia, primeiro para a poesia épica sucessiva, cuja língua e cujo tecido de cenas e episódios fortemente condiciona, depois para cada ramo da cultura, numa progressão que desembocara na mitificação da figura virgiliana⁷⁷ como mentor, guia, professor. O texto de Virgílio foi usado de forma indiscriminada pelos romanos no ensino da poesia, da cultura, da ciência e da moral.

Augusto e o seu ministro Mecenas estavam empenhados em elaborar ativamente um programa sociopolítico, que previa um consistente apoio ideológico a um regime que se vinha pouco a pouco afirmando. *Eneida* serviria para apresentar o modelo de homem romano que se era pretendido para esse novo tempo, tornando-se em texto ativamente utilizado para formar, educar os romanos nesse novo período.

Na projeção rumo a um novo regime absoluto, a proposta é de construir um modelo ético adequado, capaz de responder plenamente às novas tarefas requisitadas ao cidadão. Ao incessante e caótico ativismo político que havia caracterizado o fim da República devia substituir-se uma conduta moral que, mesmo no âmbito privado, restituísse à romanidade os grandes valores arcaicos, em cuja perda a interpretação histórica então corrente via a causa da crise estatal. Em suma, a ideologia augustana se funda no momento ético por dois motivos. Um, a particular oportunidade, para um regime que aspirava a ser absoluto, de desviar a atenção do político e de tolher, assim, o fôlego às tumultuosas lutas civis; o outro, a análise da crise política romana como consequência daquela moral (PERUTELLI, 2010, p.309).

O ensinamento moral, de acordo com os parâmetros da tradição e da antiga religião romana, refinados pelo contado com a cultura helenizada, vai sendo apresentado na epopeia durante o percurso transcorrido pelo herói. E no Livro VI se expressa, por meio da *catábasis*, nos exemplos de como não proceder, mas também nos exemplos positivos, apresentados nos Campos Elísios, onde a

⁷⁷ A referência é à personagem Virgílio, em *Divina Comédia*, escrita por Dante Alighieri no século XIV.

formação de Eneias se consolida à medida que a personagem alcança conhecimento de sua história, consciência de sua missão e de sua identidade e entendimento do seu futuro de glória e grandeza.

4.1 OS CAMPOS ELÍSIOS

Tendo Eneias e Sibila passado a grande porta do palácio de Plutão e cumprido os ritos de passagem, chegam aos Campos Elísios⁷⁸. Segundo a tradição clássica, este era um lugar de clara oposição ao Tártaro, um lugar de eterna felicidade, lugar dos bem-aventurados, abrigo confortável depois da morte.

Segundo a mesma disposição dos dignos de castigo no Tártaro, estão a desfrutar de deleites aqueles que seguiram o exemplo contrário ao dos malfeitores. Aqui é reforçado o ensinamento implícito no *Livro VI*, mas agora o apelo é pela recompensa, de um viver honesto, em que os valores máximos da virtude são servir a pátria e honrar seu governante.

E, assim, de uma formulação de tonalidades mais homéricas, a personagem Eneias vai para uma formulação que, sustentada na *pietas*, se revela mais próxima das características do herói romano.

Nesse lugar, Anquises passa a ser o agente moral do herói durante a expedição pelos campos amenos. Com a finalidade de mudar a disposição do herói em relação a sua missão, o pai passa a revelar a real intenção de tê-lo atraído até esses campos, a de fazê-lo visualizar o futuro.

⁷⁸ Segundo Pereira (1955), Campos Elísios é o nome dado na literatura à possibilidade de o homem continuar a existir numa região privilegiada, o registro desse lugar se constitui em testemunhos de crenças na Antiguidade, preservadas em registros literários. Nestes o poeta tornava-se arauto da esperança humana, concretizando essa esperança em visões deleitosas, faziam delas um tema de eleição. Na literatura clássica grega, só entravam nos Campos Elíseos heróis muito selecionados, não por qualquer mérito próprio, mas por dileção dos deuses. Foi o caso de Menelau, rei de Esparta, que, por ser casado com Helena e, portanto, genro de Zeus, obteve esse privilégio (HOMERO, *Odisseia IV*, 561-569). Já na epopeia latina, a entrada nos Campos Elíseos era algo possível de se alcançar por mérito próprio, por meio de escolhas e sacrifícios, era a recompensa para aqueles que optaram por uma vida terrena virtuosa (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 669-672).

Nisso, Eneias percebe no fundo do vale ridente um bosquezinho de arbustos de copas inquietas ao vento, plácido recolhimento que o Letes refresca ao longe. Ao derredor dessas águas nações incontáveis adejam, povo sem fim [...]. Do quadro estranho espantado e ignorando o porquê de tudo isso, pergunta Eneias o nome do rio, e a razão de tão grande conglomerado de gentes povoar suas plácidas margens (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 703 - 712)⁷⁹.

Anquises passa a explicar, então, que essas são as almas fadadas a outra existência e que ali estão procurando beber as águas do rio Letes para obterem o esquecimento de suas vidas passadas. Revela também que todos aqueles que ali estão são sua descendência na Itália. “Ó pai! É crível que algumas à terra voltar ainda queiram, para encarnarem-se em corpos tardonhos? Que desejo terrível de a luz do dia rever?” (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 719 – 721, tradução nossa)⁸⁰

Diante da indagação de Eneias, Anquises passa a explicar sobre o ciclo da vida, sobre o Fogo⁸¹ Celeste que permanece em contínuo movimento e do qual todas as coisas se originam e retornam, numa eterna transformação. “Vou já dizer-te, filho, e revelar em ordem cada verdade” (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 722 – 723, tradução nossa).⁸²

Passa a revelar Anquises a Eneias que de um só bom espírito todas as coisas vêm a existir, tudo retira do fogo celeste a semente da vida. Essa energia é presa em corpos mortais, por isso temem, desejam, suportam aflições e prazeres e durante esse tempo estão cegos à luz. Quando desprendidas de seus corpos terrenos, as almas ainda carregam em si as mazelas e os vícios.

Por isso é que precisam enfrentar castigos para se purificarem de suas maldades. Depois de limpas, algumas dessas almas são transportadas para o

⁷⁹ Interea videt Aeneas in valle reducta /seclusum nemus et virgulta sonantia silvae, /Lethaeumque domos placidas qui praenatat amnem. /hunc circum innumerae gentes populiue volabant: /ac veluti in pratis ubi apes aestate serena /floribus insidunt variis et candida circum /lilia funduntur, strepit omnis murmure campus. /horrescit visu subito causasque requirit /inscius Aeneas, quae sint ea flumina porro, /quive viri tanto complerint agmine ripas(VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 703 – 712, tradução nossa).

⁸⁰ o pater, anne aliquas ad caelum hinc ire putandum est /sublimis animas iterumque ad tarda reverti /corpora? quae lucis miseris tam dira cupido?(VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 719 – 721, tradução nossa)

⁸¹ Segundo Brum (1986), para os estoicos, fogo, natureza, Deus são termos sinônimos. Os estoicos compreendiam a física como natureza, o que contém no mundo, a que produz as coisas terrestres, divindade. Esta, no final de certos períodos de tempo, converte em si todas as coisas e torna a engendrará-las de novo a partir dela própria.

⁸² 'dicam equidem nec te suspensum, nate, tenebo' /suscipit Anchises atque ordine singula pandit(VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 722 – 723, tradução nossa)

Elísio, voltando, assim, para a essência de origem, o fogo do início de tudo. E, estando prontas, podem tomar das águas do Letes, a fim de esquecerem suas vidas passadas, para voltarem à vida terrena.

Então, as almas, mil anos passados na roda do tempo, uma a uma, um deus as convoca às ribeiras do Letes, para, de tudo esquecidas, ao mundo de cima voltarem e novamente ingressarem nas formas corpóreas (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 746-751, tradução nossa).⁸³

Aqui se expressa aquilo que, segundo Carvalho (2004), sintetiza o que Virgílio aprendera em diversas escolas, uma cosmogonia⁸⁴ de raiz estoica, a crença pitagórica na metempsicose⁸⁵ das almas, como também a influência platônica⁸⁶.

Para Oliveira (2010), a ideia de imortalidade, aquela que se colheria quando, no momento estabelecido, a alma se libertasse do corpo, tornara-se universalmente convincente, pois satisfazia todos aqueles cujas doutrinas inquiriam sobre a justificação da ação política, com um registro sincrético que abrangia as tonalidades órfico-pitagórica, platônica, com reminiscências de todas as filosofias helenísticas, e que, afinal, quadrava muito bem com a mentalidade prática e não especulativa romana.

A ideia da metempsicose viabiliza, a partir desse trecho, o dispositivo da progressão que opera saltos narrativos para períodos distintos da história romana até o tempo do próprio poema, o século I a.C.. Eneias passa a vislumbrar toda

⁸³ has omnis, ubi mille rotam volvere per annos, /Lethaeum ad fluvium deus evocat agmine magno, /scilicet immemores supera ut convexa revisant /rursus, et incipiant in corpora velle reverti.'(VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 746-751, tradução nossa)

⁸⁴ A teoria cosmogônica estoica foi influenciada por Heráclito. Por ele mesmo, o fogo ocupou papel central dentro do sistema do cosmos. Segundo Eusébio, Zenão de Cítio dizia que o fogo é a essência do que existe. Em alguns períodos de tempo, determinado pelo destino, todo o cosmo irrompe em conflagração e posteriormente ele retorna a sua ordem anterior. Nisso está a doutrina do eterno retorno, em que o fogo não só é a origem e princípio de toda a existência, mas também é o destino final de tudo que existe. Assim, o mundo não acaba aqui, os estoicos postulam uma continuidade de mundos que se criam e se destroem no espaço e no tempo (ALBIÑANA, 2007).

⁸⁵ A metempsicose é a expressão filosoficamente usada para fazer referência à transmigração das almas. Porfírio de Tiro afirmava que Pitágoras foi o primeiro a introduzir na Grécia essa doutrina, de que a alma é imortal, que ela passa para outros seres vivos, e que os seres que nasceram um dia nascem novamente, portanto não há nenhum ser novo, e todos que nascem tem a mesma origem (PORFÍRIO, *Vida de Pitágoras*, 19).

⁸⁶ Platão compreendia a alma como imortal, ocupando um corpo físico de maneira provisória. Segundo o filósofo, a alma existe antes de assumir forma humana, renasce repetidas vezes na existência e contempla todas as coisas existentes na terra como no Hades e por isso não há nada que ela não conheça (PLATÃO, 1980)

sua prole: de Silvio, mescla do sangue troiano com o dos ítalos, por ser este filho da velhice de Eneias com a princesa Lavínia, viria a linhagem dos reis de Alba-Longa; de Ascânio, a *Gens Iulia*, os Júlios dos primeiros tempos da República até chegar a Augusto.

Na epopeia propagandística de Augusto, o poder, a tradição e a ancestralidade deveriam ser lembrados, visualizados. Ao dirigente piedoso carecia ser conferida uma estirpe valorosa com relevante destaque na história romana. Segundo Sumi (2008), ostentar a *uirtus* aristocrática dos ancestrais era uma forma de revelar a capacidade de governar.

Para Mota (2011), esse recurso, utilizado por Virgílio, é pedagógico, pois, fazendo desfilar um cortejo de heróis, lendários e históricos, diante de seus contemporâneos, o poeta propõe apresentar um repertório de modelos, como também ressaltar a virtude imanente que perpassa todos os tempos.

Virgílio, por meio das predições de Anquises, anuncia a expressão excepcional dos cidadãos romanos e seu destino de liderar as cidades do mundo. Rômulo, o fundador de Roma, nascido de Ília, da linhagem de Eneias e Marte, o deus romano da guerra, é comparado em fisionomia, em porte a Assáraco, avô de Eneias.

A seu avô segue Rômulo, de Ília nascido e de Marte, segue de Assáraco. Vês os dois grandes penachos que a crista do elmo lhe adorna? A herança paterna até nisso se afirma, tudo são mostra da origem divina do belo guerreiro. Hás de saber, caro filho, que sob os auspícios desse homem Roma há de o Império da terra alcançar e subir até o Olimpo (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 777-782, tradução nossa).⁸⁷

Segundo Grimal (1984), a figura de Rômulo domina toda a história da cidade de Roma. Rômulo é a figura do fundador, do legislador, do guerreiro e do sacerdote, ou seja, a figura ideal daquele que se chamará de imperador. Simultaneamente, intérprete direto da vontade dos deuses, combatente invencível e árbitro soberano da justiça que reina entre o povo.

⁸⁷ quin et avo comitem sese Mauvortius addet /Romulus, Assaraci quem sanguinis Ilia mater /educet. viden, ut geminae stant vertice cristae /et pater ipse suo superum iam signat honore? /en huius, nate, auspiciis illa incluta Roma /imperium terris, animos aequabit Olympo (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 777-782, tradução nossa).

O carisma dessa personagem lendária permanece ao longo da história romana, pois suas características são atribuídas em diversas outras personalidades romanas. Grimal afirma que a tentação de criar reis permanecerá forte entre os romanos, a medida desse fato é dada pelo medo que esse título suscita. Teme-se que um magistrado ou um simples cidadão se aproprie do poder real porque se sente confusamente que este está sempre pronto a renascer.

Rômulo, encarnação ideal de Roma – que lhe deu o nome -, está presente nas imaginações e, por várias vezes, pareceu prestes a reencarnar-se: em Camilo, no tempo da vitória sobre Veios, em Cipião, quando foi consumada a vitória sobre Cartago, em Sila, em César, e só por meio de uma hábil manobra parlamentar o jovem Octávio, vencedor de Antônio, evitou a perigosa honra de ser proclamado um novo Rômulo (GRIMAL, 1984, 22).

Da fundação da cidade, a visão do poeta salta para o “ponto máximo” da história romana que, sob o governo de César Augusto, culmina na nova “Idade de Ouro”. Tal deslocamento diacrônico não é puramente aleatório, possivelmente tem o propósito de vincular ao tempo do poeta o mote da renovação, sinalizar a nova fundação de Roma, a restauração desta ao seu lugar de origem (MOTA, 2011).

E este aqui sim, este mesmo, é o herói prometido mil vezes, César Augusto, de origem divina, que o século de ouro restaurará nas campinas do reino antigo de Saturno, e alegrará seus domínios às fontes longínquas (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 791 – 794, tradução nossa).⁸⁸

Junto a estes, o desfile de reis romanos antigos, sucessores de Rômulo, prossegue. E aparecem diante deles os reis lendários Numa⁸⁹, Túlio⁹⁰, Anco⁹¹ e

⁸⁸ hic vir, hic est, tibi quem promitti saepius audis, /Augustus Caesar, divi genus, aurea condet saecula qui rursus Latium regnata per arva /Saturno quondam (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 791 – 794, tradução nossa).

⁸⁹ Rei sabino, teria reinado em Roma de 717 a 673 a.C. , a tradição atribui-lhe a organização religiosa de Roma, a fundação do templo de Jano, a criação ou organização do colégio dos Sálcos, cujas danças guerreiras em honra a Marte são um antigo rito itálico. Numa teve o cuidado de zelar pela conservação das tradições, pois designou chefes para velar pelo exato cumprimento dos ritos a fim de impedir, no futuro, a introdução abusiva de inovações estrangeiras. Foi no reinado de Numa que os romanos adquiriram a reputação de piedosos.

⁹⁰ Sêrvio Túlio foi o sexto rei de Roma, reinou entre 578 a.C. e 539 a.C. Fez erigir a primeira muralha de Roma, proclamou as primeiras leis sociais e levou Roma à hegemonia na península Itálica, fazendo-a ingressar na Liga das Sete Colinas.

Tarquínio⁹², também Bruto⁹³, que combateu a soberba de Tarquínio e estabeleceu o Consulado. Seguem os heróis da República: os três Décios⁹⁴, avô, pai e filho, cujo sacrifício dará três vitórias às armas romanas; os Drusos⁹⁵, cujas políticas e medidas tomadas eram sempre vistas como isentas de motivos sórdidos e gananciosos; Torquato⁹⁶, que disciplinou com a morte o filho, por ter abandonado o posto de batalha; e Camilo⁹⁷, que, nomeado ditador por cinco vezes, triunfou contra os inimigos de Roma, recebendo, assim, o título de Segundo Fundador de Roma.

Ao ver César e Pompeu, almas amigas, antes de entrar na existência, Anquises lamenta as guerras que farão entre si. Fala-lhes como a meninos, como a filhos seus, pedindo-lhes que não lancem seus furores contra as entranhas da pátria.

Também faz referência a Catão⁹⁸, o Censor, sua figura evoca os atributos de sobriedade e da disciplina, marcas dos ancestrais romanos. Exemplos de *deuotio* e *uirtus* são também extraídos das Guerras Púnicas. Três opositores de Cartago são mencionados: Cipião, o Africano, que derrotou Aníbal em Zama, (201 a.C); Quinto Fábio Máximo, general que salvou a *urbs*, depois da derrota do lago Transímene (217 a.C), e Marco Cláudio Marcelo, vencedor dos gauleses, conquistador para a pátria dos terceiros despojos opimos, conhecido com o nome de Espada de Roma, na segunda guerra contra Cartago.

A alusão a este último comandante romano lança luz sobre seu distante descendente, que leva o seu mesmo nome, o sobrinho de Augusto, seu potencial sucessor, que morre prematuramente aos 19 anos de idade. É possível inferir que

⁹¹ Anco Marcio (675 a.C. – 616 a.C.) foi o quarto rei que governou Roma, sendo o último de origem sabina.

⁹² Tarquínio, o Soberbo (535 a.C. – 496 a.C.), foi o último rei de Roma e o terceiro dos reis Tarquínios.

⁹³ Lúcio Júnio Bruto foi um dos quatro líderes da revolução que derrubou a monarquia romana e um dos primeiros cônsules de Roma, em 509 a.C.

⁹⁴ Públio Décio Mus foi eleito cônsul da República romana em 340 a.C.. Sua família era famosa por se sacrificar nos campos de batalha – *devotio* -, como foi o caso de seu filho, Públio Décio Mus, cônsul quatro vezes entre 312 e 295 a.C., e de seu neto, Públio Décio Mus, cônsul em 279 a.C..

⁹⁵ Os drusos correspondem a Caio Lívio Druso, eleito cônsul em 147 a.C., seu filho, Marco Lívio, cônsul em 112 a.C., e seu neto, Marco Lívio Druso, eleito tribuno da plebe em 92 a.C..

⁹⁶ Tito Manlio Torquato, cônsul em 347 a.C.

⁹⁷ Marco Fúrio Camilo, ditador romano em 396, 390, 389, 368 e 367 a.C..

⁹⁸ Marco Pórcio Catão (234 a.C – 149 a.C.) foi político e escritor da República romana. Ficou conhecido como Catão, o Velho; Catão, o Censor; Catão, o Sapiente.

a figura deste Marcelo ganha destaque na narração de Virgílio, pela dor e frustração da recente perda à família imperial.

Na narrativa, Eneias, vendo o jovem de distintas formas, porém triste de aspecto e com olhos abatidos, pergunta ao pai sobre quem seria (Eneida, VI, 863-864), ao que, em lágrimas, responde Anquises:

Oh, meu filho, não me fales no luto dos teus descendentes! Sim, hão de os fados trazê-lo até a vida; porém, logo logo retirá-lo-ão deste mundo [...] Quantos gemidos nos campos vizinhos ao burgo de Marte! Ó divindade do Tibre, quão fundos suspiros e prantos ainda ouvirás, ao passares de leve na tumba recente! Nenhum mancebo da raça troiana tão alto há de o nome de seus avós latinos levar, nem a terra de Rômulo tanto se envaidecerá de outro aluno mais belo do que este! Ó destra invicta! Ó piedade! A virtude dos nossos maiores! [...] Pobre menino! Se chegas um dia a vencer o teu fado, outro Marcelo serás. Dai-me lírios a mãos derramadas, para que ao menos de flores purpúreas eu cubra meu neto, nesta apagada homenagem aos manes da cara cabeça (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 868 – 886, tradução nossa)!⁹⁹

Havia, por parte de Augusto, a preocupação em ter um sucessor que garantisse a duração do novo regime. Esse sucessor só poderia ser um representante da família eleita, da *gens Iulia*. Até então Augusto não tinha tido filhos, somente uma filha, Júlia, de seu segundo casamento com Escríbônia. Porém sua irmã, Octávia, havia tido três crianças, duas filhas e um filho, Marcelo, nascido em 42 a.C. É na direção desse jovem que se dirigem as atenções de Augusto. Fazia-o acompanhar em suas campanhas, e Marcelo figurava à direita do seu tio. Em 25 a.C. concedera-lhe em casamento sua filha, Júlia. Parecia evidente a toda gente que Marcelo fora chamado a ser herdeiro de Augusto.

Marcelo foi eleito edil antes da idade, e os jogos oferecidos em seu nome no mês de setembro, os *Ludi Romani*, revestiam-se de um esplendor incomparável. Em 23 a.C., após a celebração dos *Ludi Romani*, Marcelo caiu doente e morreu.

⁹⁹ 'o gnate, ingentem luctum ne quaere tuorum; /ostendent terris hunc tantum fata nec ultra /esse sinent. [...] quantos ille virum magnam Mauortis ad urbem /campus aget gemitus! vel quae, Tiberine, videbis /funera, cum tumulum praeterlabere recentem! /nec puer Iliaca quisquam de gente Latinos /in tantum spe tollet avos, nec Romula quondam /ullo se tantum tellus iactabit alumno. /heu pietas, heu prisca fides invictaque bello /dextera! [...] miserande puer, si qua fata aspera rumpas, /tu Marcellus eris. manibus date lilia plenis /purpureos spargam flores animamque nepotis /his saltem accumulem donis, et fungar inani /munere.' (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 868 – 886, tradução nossa)!

Após o desfile de tantos homens ilustres, Anquises mostra a Eneias o destino principal do gênio romano, que é de dar leis ao mundo: “Mas tu, Romano, aprimora-te em reger os povos. Essas serão tuas artes; e mais: leis impor e costumes, poupar submissos e subjugar os soberbos” (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 851 – 853, tradução nossa).¹⁰⁰

Para Mota, o propósito dessa apresentação, como “galeria de celebridades”, não seria tanto o de salientar os feitos individuais, mas antes chamar a atenção para o conjunto, para a matriz dos “distintos varões” da cidade de Roma. Virgílio os enumera como se houvesse algo em comum entre eles, apesar das barreiras temporais que os separam, como se o “Cortejo dos Heróis” fosse a marca dessa “essência imutável” da cidade, e todos, de Eneias a Augusto, estivessem comprometidos com esse “destino romano” (MOTA, 2011).

Tendo assim discorrido sobre as grandezas de Roma, pai e filho percorrem toda a região dos Campos Elísios e a tudo observam. Anquises instrui de tudo a Eneias, incendiando-lhe na alma o desejo da futura glória. Nesse espaço, o herói romano se beneficia de uma aprendizagem estruturante, que lhe faculta a apreensão definitiva da irreversibilidade do passado e um conhecimento dos fatos históricos, que determinam a consequente e definitiva conscientização do verdadeiro sentido da sua empresa.

Terminada, enfim, a viagem pelo mundo das almas, Eneias é conduzido por seu pai para fora. Consta-se que toda essa experiência de Eneias em conhecer a sua precedência e procedência tem como mote inferir-lhe no caráter a *kléos* (glória) e a *timé* (honra) para que, assim, completa a sua formação enquanto modelo de herói romano, pudesse estabelecê-las como tópicos da fundação da Nova Troia.

A partir das revelações obtidas pelo herói na sua passagem pelos Campos Elísios, que conferiram a ele motivação à virtude, à piedade e à fidelidade, decorrentes da expectativa das recompensas de glória e grandeza, é possível estabelecer uma associação entre esses estímulos, que revela a concretude da formação do herói, a importância de, na educação, haver uma perspectiva e um objetivo a ser alcançados, destacando-se o valor do elogio e do incentivo.

¹⁰⁰ tu regere imperio populos, Romane, memento / (hae tibi erunt artes), pacique imponere morem, / parcere subiectis et debellare superbos (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 851 – 853, tradução nossa).

4.2 O MODELO EDUCATIVO NO LIVRO VI DA EPOPEIA *ENEIDA*

Tomando a narrativa do encontro de Anquises com o filho, nos Campos Elísios, como expressão de um ato educativo, é possível constatar que o mesmo destaque é dado, pelo autor da epopeia romana, à figura paterna na formação do herói Eneias. Entende-se que Virgílio assim o fez em consonância com o padrão de formação romano.

“Enfim chegaste! Seu pai o esperava! Venceste o difícil caminho com a tua piedade” [...] (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 687 – 688, tradução nossa)¹⁰¹. Anquises aguardava o encontro com o filho para dar-lhe a mais importante lição, que, enfim, o formaria e lhe abriria os olhos para compreender a sua identidade e a importância de sua missão na história: “Vou já dizer-te, filho, e revelar em ordem cada verdade” (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 722, tradução nossa).¹⁰²

Nos primeiros livros da *Eneida*, não se vê um herói preparado. Virgílio permite ver a fragilidade de Eneias, seus medos, suas angústias, sua vontade fraca frente às batalhas que haveria de enfrentar até chegar a se estabelecer na nova pátria.

Eneias era um viajante, até esse momento da narrativa, que carregava na bagagem a memória da destruição de Troia. Era um habitante angustiado de uma terra sempre distante. Contra a sua vontade, aceitara cumprir a missão que lhe fora imposta, assumindo, assim, a submissão ao seu destino.

Eneias não estava de regresso para casa. O lar que ele conhecia já não mais existia, por isso carregava a nostalgia na alma e considerava, como já destacado no capítulo anterior, o desejo de ter morrido em Troia com os demais guerreiros: “Oh três e quatro vezes felizes os que morreram a vista dos pais, sobre os altos muros de Troia!” (VIRGÍLIO, *Eneida I*, 94 – 96, tradução nossa).¹⁰³

No momento crucial da epopeia, antes da conquista da Itália (Livro VII), Eneias, ainda em sua mente e emoções, não estava preparado para enfrentar os

¹⁰¹ 'venisti tandem, tuaque exspectata parentivicit iter durum pietas (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 687 – 688, tradução nossa).

¹⁰² 'dicam equidem nec te suspensum, nate, tenebo' (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 722, tradução nossa).“

¹⁰³ 'O terque quaterque beati, /quis ante ora patrum Troiae sub moenibus altis /contigit oppetere (VIRGÍLIO, *Eneida I*, 94 – 96, tradução nossa)!

desafios próximos em sua jornada, as visões no Tártaro serviram para ainda mais abater o ânimo do herói.

“Ó pai! É crível que algumas [almas] à terra voltar ainda queiram, para encarnarem-se em corpos tardonhos? Que desejo terrível de a luz do dia rever” (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 719 – 721, tradução nossa)!¹⁰⁴ No predestinado herói fundador de Roma, presidia ainda um “eu” transbordante de passado, que aguardava, paciente, a morte.

O conteúdo do ensinamento nos Campos Elísios, proporcionado pelo pai do herói, era de caráter moral, com vistas a preparar-lhe para o futuro, que incluía o próximo estágio: a guerra. Preparar o espírito do filho para o combate era um dos intentos de Anquises.

Semelhantemente, em Roma, o pai era o primeiro a preparar o filho para a vida militar, incutindo-lhe os valores do sacrifício, da disciplina, da audácia e da coragem, qualidades que posteriormente eram retomadas no exército.

Nos primórdios de Roma, no tempo dos reis, o pai educava o filho para a religião, para a sociedade e para a guerra. Enquanto os pobres preparavam os filhos para o trabalho, os ricos ensinavam aos seus a leitura a escrita, o cálculo, as Leis das Doze Tábuas¹⁰⁵ – que todo romano devia conhecer –, os exercícios físicos e o manejo das armas, além do culto às virtudes morais e cívicas (PEREIRA MELO, 2006).

A educação em Roma, como qualquer outro aspecto da vida, era, em geral, controlada pelas necessidades práticas mais imediatas. A preparação militar era uma delas, já que a condição de soldado foi uma necessidade criada já nos primórdios dessa civilização, era preciso conquistar novas terras cultiváveis, sendo que os recursos eram insuficientes para atender à população que crescia dia após dia. À medida que seus domínios se expandiam, fazia-se necessário defendê-los de possíveis invasores.

Na segunda metade do *Livro VI* da *Eneida*, a figura do pai é manifesta como modelo de educador, conduzindo Eneias, instruindo-o, até ao ponto onde esse ensinamento traria ao herói a segurança e a disposição necessárias para o

¹⁰⁴ 'o pater, anne aliquas ad caelum hinc ire putandum est /sublimis animas iterumque ad tarda reverti /corpora? quae lucis miseris tam dira cupido'(VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 719 – 721, tradução nossa)!

¹⁰⁵ Código civil em torno do qual se formaram a jurisprudência, a ciência jurídica, a eloquência forense e a política.

término de sua missão. É possível verificar que o modelo educativo, por Anquises utilizado, foi de modo eficaz, pois, a partir do Livro VII, o abatimento de Eneias é transformado em coragem.

Eneias passa a não mais recusar o seu futuro e, mesmo consciente do sofrimento ao longo do caminho até o Lácio, sem mais hesitação, visando à glória e às recompensas futuras, parte para a conquista da nova pátria, e é nesse “reanimar-se” que, segundo Carvalho, está fundamentado o modelo de herói romano:

Todavia, é deste sentir de homem que desespera, que parece ter esgotado a força para continuar, mas que persiste, que surge esmagado por um destino que põe a nu a fragilidade duma heroicidade que se não quis, que há de nascer o herói. Assim, a chave do seu caráter, encontramos-na na obediência às exigências da empresa (CARVALHO, 2004, p. 559).

Verifica-se, dessa forma, o destaque dado, de forma consciente ou inconsciente, pelo autor da epopeia romana, à necessidade da figura de um educador, de um orientador, de alguém que pudesse apontar a direção no curto caminho da existência humana, a partir do conhecimento de quem se é e da sua própria história. E o papel desse educador ganha força como alguém que funciona como o motivador, aquele que anima e reanima o educando a não fugir do seu destino.

4.3. A HISTÓRIA COMO RECURSO DE AMPLIAÇÃO DO CAMPO VISUAL DE ENEIAS

O instrumento utilizado pelo pai de Eneias foi um levantamento histórico da tradição heroica do povo romano que se constituiu em uma galeria de feitos heroicos desde a fundação de Roma até Augusto. Essa visualização do passado refletia-se numa motivação para uma identidade de glória e honra do povo romano, tanto no presente como no futuro.

Anquises levou seu filho e a Sibila para o meio da multidão guerreira das sombras, e a um monte sobre de onde pudessem

observá-los de frente e em fileiras dispostas, para melhor distinguir as feições de cada uma, ao passarem (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 751 – 755, tradução nossa).¹⁰⁶

Essa evocação dos heróis como referenciais de um exemplo padrão de comportamento no *Livro VI* pode apontar para um recurso pedagógico, fundamentado no estímulo motivacional. Ao apresentar o panorama histórico do povo romano, via Anquises, Virgílio fez aflorar no homem romano um sentimento de grandeza em pertencer ao povo romano, certo orgulho, comparável ao patriotismo moderno. Para Marrou, o apelo à memória era um recurso utilizado pelas famílias romanas na educação dos filhos:

É fácil imaginar quanta influencia semelhantes recordações exerciam sobre a criança que contemplava todo dia essas gloriosas imagens expostas no átrio familiar e que ouvia continuamente evocar-lhes a lembrança: inconscientemente primeiro, muito consciente depois, era ela levada a modelar sua sensibilidade e seu comportamento sobre certo tipo ideal que era como a marca própria de sua família (MARROU, 1990, p.366).

Nas palavras de Cícero, “A melhor das heranças que os pais podem deixar aos filhos, mais valiosa do que todo patrimônio, é a glória da sua virtude e dos seus feitos, glória à qual deve ter-se por crime e injúria maculá-la” (CÍCERO, 1.33.121). A glória, nesse sentido, era viver uma vida digna e virtuosa, fiel e piedosa, fator que propulsionava a motivação dos homens romanos, inspirado nos exemplos, na história, na tradição.

Entende-se que o dispositivo narrativo da prolepse, no poema épico de Virgílio, produz o efeito de ligação entre os tempos, os quais se complementam e dão sentido à missão do herói.

Apesar de a aparição da galeria dos heróis ter ocorrido em momento anterior à fundação da *urbs*, a narrativa se abre em várias fendas que permitem ver, ou entrever, tanto o porvir de Roma quanto a época de Virgílio, que enlaça expectativas sobre um futuro, para além de Augusto e seu principado. Passado, presente e futuro comprimem-se nas paragens dos Elísios (MOTA, 2011).

¹⁰⁶ Dixerat Anchises natumque unaque Sibyllam /conventus trahit in medios turbamque sonantem, /et tumulum capit unde omnis longo ordine posset /adversos legere et venientum discere vultus (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 751 – 755, tradução nossa).

Eneias encontra seus ancestrais, Ilo, Dardânio e Assáraco (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 648), e mais à frente conhece sua prole divina (VIRGÍLIO, *Eneida*, VI, 873-876). Segundo Pereira (1992), Virgílio, nesse passo, poderia ter recorrido à enumeração exaustiva das personalidades lendárias e históricas de Roma, mas não foi esse o procedimento empregado. O poeta não seguiu nenhum critério sequencial cronológico, mas retratou cenas diversas da história romana.

Venha agora, pretendo mostrar-te o que a prole de Dárdano espera; que descendentes benditos teremos no solo da Itália, almas ilustres que o nome dos nossos projetem na história. Vou revelar-te sem falta e do destino de todos instruir-te (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 756 – 759, tradução nossa).¹⁰⁷

Para Virgílio, as melhores formas de existência humana eram as do herói. A apresentação do pai, à Eneias, dos homens que fizeram e fariam parte de sua história serviria para educá-lo e para conduzi-lo ao descobrimento dele mesmo e da melhor forma de existir. Conforme Jaeger:

[...] o espírito humano conduz progressivamente à descoberta de si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, formas melhores de existência humana. A natureza do homem, na sua dupla estrutura corpórea e espiritual, cria condições especiais para a manutenção e transmissão da sua forma particular e exige organizações físicas e espirituais, ao conjunto dos quais damos o nome de educação. Na educação, como o homem a pratica, atua a mesma força vital, criadora e plástica, que espontaneamente impele todas as espécies vivas à conservação e propagação do seu tipo (JAEGER, 1994, p.4).

Wallace-Hadrill (2010) chama a atenção para a importância dos ancestrais como *topos* retórico e expediente agregador de capital simbólico no jogo da política romana. À medida que o futuro é desvelado à personagem, a história é recobrada por Virgílio aos seus contemporâneos.

É possível analisar, dessa forma, a história como recurso educativo na formação do herói romano. A conservação da tradição e a valorização da história, segundo Jaeger (1994), são indispensáveis para a estabilidade das normas válidas para uma sociedade. Quando a tradição é destruída ou sofre decadência

¹⁰⁷ 'Nunc age, Dardanium prolem quae deinde sequatur / gloria, qui maneant Italia de gente nepotes, / inlustris animas nostrumque in nomen ituras, / expediam dictis, et te tua fata docebo (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 756 – 759, tradução nossa).

interna, advêm a debilidade, a falta de segurança e até a impossibilidade de qualquer ação educativa.

Para Gowing (2005), boa parte da produção literária, festas e cerimoniais no século I a.C., promovida pelo *Princeps*, tinha em seu desejo celebrar o passado como repositório moral de *exempla* e anunciar o regime do principado como continuidade e desdobramento natural e necessário da República.

O culto à tradição abriu-se, no século de Augusto, à resignificação do que é ser romano ao sabor das conveniências políticas do momento. Recolocar e legitimar a autoridade dos ancestrais combinava com a liberdade de inovar na idealização do Império, e toda a geração de antiquários e poetas a favor de Augusto assim o fizeram (WALLACE-HADRILL, 2010).

O fundamento de regressar ao passado histórico reside na própria necessidade vital que o ser humano tem de encontrar direção. “Começo” não quer dizer apenas início temporal, mas origem, fonte espiritual, e que, sempre, seja qual for o grau de desenvolvimento que o homem tenha atingido, este tem que regressar para encontrar orientação.

“Volta a atenção agora, contempla de perto, gente da tua linhagem, os teus Romanos” (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 788 – 789, tradução nossa).¹⁰⁸ A ideia de educação representa, na segunda metade do *Livro VI* na epopeia de Virgílio, o sentido de todo o esforço do povo romano ao longo da história.

É o conhecimento próprio, pode-se subentender na narrativa aqui citada, que levaria o povo romano a manter-se superior aos demais povos, ainda que esse conhecimento fosse construído a partir de formas idealizadas, e certamente o era.

4.3.1 A VIRTUS, A PIETAS E A FIDES COMO CONTEÚDO PEDAGÓGICO

Virgílio viveu em um momento quando se percebia a desintegração do que era ser romano, com a inversão dos valores na guerra civil e no colapso da República. Pode-se constatar em sua obra uma redefinição ou reafirmação das virtudes constituintes do “ser romano” no período da retomada política e cultural de Augusto.

¹⁰⁸ huc geminas nunc flecte acies, hanc aspice gentem /Romanosque tuos (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 788 – 789, tradução nossa).

A construção do herói virgiliano é de um modelo baseado em conceitos bastante comuns e recorrentes no mundo romano, trata-se da *virtus*, da *pietas* e da *fides*. Esta trilogia dominava todos os aspectos da vida militar, familiar, econômica e social, e a religião as garantia.

Desde os primórdios¹⁰⁹ da civilização romana, a *virtus* era uma exigência moral, fixada na tradição, remetendo ao passado e a mitos. Segundo Grimal (1984), a palavra *virtus*, da qual deriva virtude, significava, propriamente, a qualidade de ser homem, *vir*¹¹⁰. Não se refere a valores abstratos, mas ao ato voluntário de domínio de si.

A essa característica dá destaque o poeta épico romano nos seguintes versos: “Que Jovens! Admira a viril postura de todos” (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 771, tradução nossa)!¹¹¹ Todas as figuras modulares, míticas e históricas, levantadas no Elísio, eram exemplos de virilidade, em conformidade com a *virtus* romana.

Esta virtude romana era feita de vontade, de severidade, de dedicação, de devoção, de entrega total àquilo a que pertencia. O romano deveria ter a honradez de entregar-se, de sacrificar-se pelo grupo, comunidade da qual fazia parte, mas isso valia, sobretudo, para a pátria e a família.

O indivíduo não conta para além da sua função no grupo: soldado: pertence de corpo e alma ao chefe; trabalhador, deve colher da sua terra o melhor, ao serviço do pai ou do amo se é simples membro de uma família, para o bem da família presente ou futura, se é pai de família e responsável por um domínio, por reduzido que seja. Magistrado, é nomeado pelos seus iguais para uma função, e esta não pode valer-lhe vantagens pessoais; se necessário, deve mesmo sacrificar-lhe tudo o que lhe seja caro, incluindo a sua pessoa (GRIMAL, 1984, p. 66).

A *virtus* romana possui uma nítida orientação: o seu fim são a disciplina e a valentia, virtudes fundamentais para o guerreiro. A exaltação da figura de Rômulo, filho de Marte, nos versos 778 - 787 do *Livro VI*, evoca, por si só, força viril e guerreira da progênie romana.

¹⁰⁹ O surgimento da civilização romana remonta ao século VIII a.C., aproximadamente ao ano de 753 a.C., com a fundação de um pequeno povoado na península Itálica.

¹¹⁰ A qualidade de ser viril apresentava em oposição, não sem desdém, a fraqueza feminina, a *impotentia sui*, a incapacidade de dominar a natureza.

¹¹¹ qui iuvenes! quantas ostentant, aspice, viris (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 771, tradução nossa)!

Além dessas características, a *virtus* era associada também à permanência, à manutenção da ordem existente, valores atribuídos ao ideal camponês. Condenava-se tudo o que fosse anárquico, inovador, tudo o que ameaçasse a regularidade dos ritmos, tudo o que desenraizasse.

Marrou (1990) também aponta como parte da constituição da *virtus* campesina, na origem dos romanos, o amor ao trabalho, a frugalidade e a austeridade. O *luxus*¹¹² era visto como algo corruptor, que conduzia à ruína. Quem se abandona ao luxo mostra que cederá aos instintos, à atração do prazer, à avidez, à preguiça e, sem dúvida, no campo de batalha, também ao medo.

Trabalhos sem conta antes disso, povos hostis de Laurento e a cidade do velho Latino, como evitar esses riscos ou o modo melhor de enfrenta-los (VIRGÍLIO, Eneida VI, 890 – 892, tradução nossa).¹¹³

Aparentemente, o intento do pai de Eneias era prepará-lo para a guerra e para os trabalhos os quais o herói enfrentaria ao sair dos Campos Elísios. E, dessa forma, a virtude tomaria o lugar do medo na alma de Eneias.

O herói virgiliano difere totalmente dos heróis homéricos, pois ele traduz os principais valores romanos, pensando sempre na coletividade e em seu destino, não na glória pessoal, na *arete* grega. Ele possui, ao contrário, a *virtus* que todo *vir romano* deveria possuir, buscando ser um homem direito, honesto, reto e conveniente. Sua valentia e coragem são qualidades de caráter, não de força.

Segundo Duby e Perrot, até mesmo das mulheres romanas se exigiam qualidades viris, as moças, como os rapazes, deveriam ser educadas na justiça, na temperança e na coragem. “Portanto é preciso que a mulher também aja virilmente e que, pelo menos se ela é excelente, seja pura de covardia, de forma a que não se deixe abater nem pelo esforço nem pelo medo [...]” (DUBY, PERROT, 1991, p.392).

¹¹² O termo *luxus* começa por pertencer à língua camponesa: designava a vegetação espontânea e indesejável que, por “indisciplina”, comprometia a colheita. Exuberância do trigo, demasiado denso, exuberância da vinha, com todas as suas folhas, em detrimento dos cachos. *Luxus* (ou *luxuries*) é tudo aquilo que excede as marcas, pode ser; por exemplo, o pinote de um cavalo mal adestrado, mas é também, para o homem, todo o excesso que o leva a procurar abundância de prazer, ou mesmo, simplesmente, a afirmar-se de forma demasiado violenta, no fausto, no vestuário, no apetite de viver (GRIMAL, 1984).

¹¹³ *exim bella viro memorat quae deinde gerenda, /Laurentisque docet populos urbemque Latini, /et quo quemque modo fugiatque feratque laborem*(VIRGÍLIO, Eneida VI, 890 – 892, tradução nossa).

Por sua vez, a *pietas* era a atitude que consistia em observar, cumprir os ritos, e respeitar as relações existentes entre os seres no universo. Remetia a um vínculo e sentimento de obrigação para com aqueles a quem o homem estava ligado por natureza. Segundo Pereira, “esse vínculo afetivo entre os membros de uma família, a *pietas*, acabava alargando-se à divindade e compreendia também as suas relações com o poder” (PEREIRA, 2002, p.340).

Essa já era uma característica forte em Eneias, foi a *pietas* que conduziu o herói até ao mundo dos mortos, foi cumprindo os rituais que este entrou no Tártaro e também nos Campos Elísios.

Avançaram de par pelas rotas obscuras, e logo as portas do grande palácio (de Pluto) alcançaram. Bem no saguão para Eneias; o corpo aspergiu de água pura recém colhida, e de pronto pendura ao portal o áureo ramo. Completo o rito, e já havendo cumprido o mandado da deusa, chegam a uns sítios abençoados e a amenos vergéis (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 633 – 639, tradução nossa).¹¹⁴

A piedade consiste essencialmente em observar, com igual escrúpulo, todos os ritos tradicionais. O termo *pietas* está primeiramente relacionado com o verbo *piare*, que designa a ação de apagar uma mancha, um mau presságio, um crime. Na ordem interna, a *pietas* consiste, para o filho, em obedecer ao pai, em respeitá-lo, em tratar de acordo com a hierarquia natural. Em conformidade com esse ideal, um filho que desobedece ao pai, que bate neste, é um *monstrum*, um prodígio contrário à ordem natural (GRIMAL, 1984).

Com efeito, a educação romana não cessou de apontar como exemplos os chefes virtuosos que haviam anteposto o respeito pelo direito divino ao interesse imediato do país. Entre os exemplos positivos, utilizados por Anquises no ensinamento moral ao filho, vê-se destacar as figuras de Bruto e Torquato, que, inflamados por esse sentimento, mataram seus próprios filhos.

O império dos cônsules este primeiro recebe (Bruto) e as machadinhas temíveis; os filhos queridos imola no altar da pátria, por terem tentado abatê-lo no voo. Infeliz! Sem pensar no juízo dos tempos vindouros, o amor da pátria o venceu, a sede

¹¹⁴ Dixerat et pariter gressi per opaca viarum /corripiunt spatium medium foribusque propinquant. /occupat Aeneas aditum corpusque recenti /spargit aqua ramumque adverso in limine figit (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 633 – 639, tradução nossa).

excessiva de vitórias (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 819 – 823, tradução nossa).¹¹⁵

Os filhos de Bruto, líder da revolução que derrubou a monarquia em 509 a.C., foram mortos pelo pai porque eram amigos dos filhos de Tarquinio, o Soberbo, estes foram denunciados, por um escravo, de terem concebido um plano para admitir o antigo rei durante a noite, contrariando a vontade do pai.

Torquato, ao se dirigir à cidade, ordenou ao filho que somente vigiasse o acampamento. Este, provocado pelos inimigos, surgida a ocasião, alcançou a vitória. Havendo retornado após isso, o pai louvou a fortuna do povo romano, mas matou o filho por sua desobediência (TITO LÍVIO, *Ab urbe condita* VIII, 7).

Saller (2004), problematizando a construção de um patriarcalismo fechado no âmbito da *domus* (casa), ressalta que a *pietas* não é um valor assimétrico exercido, tão somente, no interesse do pater famílias ou um mascaramento da *potestas* e da submissão filial. Para esse autor, os textos literários indicam que a base da *pietas* é a devoção recíproca aos membros da família.

Segundo Coulanges (1999), a religião romana estabeleceu um poderoso laço entre pai e filho, acreditava-se numa segunda vida no túmulo, vida feliz e calma, contanto que os banquetes fúnebres fossem oferecidos regularmente. Com isso o pai estava convencido de que o seu destino, depois desta vida, dependeria do cuidado tido pelo filho para com o seu túmulo; e o filho, por seu lado, estava convencido de que o pai, depois de morto, tornar-se-ia o deus que ele deveria invocar.

A esse respeito e afeto recíproco que as crenças inspiravam na família os antigos romanos davam o nome de piedade:

Os antigos davam às virtudes domésticas o nome de piedade: a obediência do filho ao pai e o amor dedicado à mãe chamavam-se piedade, *pietas erga parentes*; o afeto do pai pelo filho e a ternura da mãe eram também piedade, *pietas erga liberos*. Tudo na família era divino. Sentimento do dever, afeição natural, ideal religioso, tudo se confundia e se exprimia pela mesma palavra (COULANGES, 1999, p.69).

¹¹⁵ consulis imperium hic primus saevasque securis / accipiet, natosque pater nova bella moventis / ad poenam pulchra pro libertate vocabit, / infelix, utcumque ferent ea facta minores: / vincet amor patriae laudumque immensa cupido (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 819 – 823, tradução nossa).

Na epopeia romana pode-se analisar essa reciprocidade de devoção entre pai e filho, Anquises exalta Eneias pela sua piedade: “Enfim chegaste! Seu pai o esperava! Venceste o difícil caminho com a tua piedade! [...] por quantas terras jogado, e que mares vencestes, somente para me veres, meu filho” (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 687 – 688, 692 - 693, tradução nossa)!¹¹⁶

Por sua vez, Eneias demonstra total devoção pelo pai: “A tua, meu pai, a tua triste imagem que a cada instante vinha à memória, ao destino me trouxe” (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 695 – 696, tradução nossa).¹¹⁷ A *pietas* alimenta a obrigação dos pais para com as crianças e para com os velhos e todos aqueles a quem acreditavam estar ligados por vínculo natural (SALLER, 2004).

A *pietas*, além de existir para os deuses e os familiares, também existia para com os membros dos grupos a que se pertencia, para com a própria cidade e, para além desta, para com todos os seres humanos.

Esta última extensão da *pietas* manifestou-se na noção jurídica de *jus gentium* (o direito das gentes), que impôs deveres mesmo para com os estrangeiros. Porém só se desenvolveu plenamente sob a influência do helenismo. Quando se definiu claramente a concepção de *humanitas*, a ideia de que o simples fato de pertencer à espécie humana constituía um verdadeiro parentesco, semelhante ao que ligava os membros de uma mesma *gens* ou da mesma cidade e criando deveres de solidariedade, de amizade ou pelo menos de respeito. Embora cultural, esse dever era traduzido pelos romanos como universal e estruturador da humanidade.

Como contrário dessa devoção aos vínculos e obrigações, a *impietas* compreende, segundo Scheid, “um estado de impureza na alma. Consistia em recusar aos deuses as prestações e o lugar ao qual têm direito” (SCHEID, 1998, p. 26). A quebra desse pacto que regia a relação do homem com os deuses e seus próximos implicava em terríveis sanções morais e religiosas.

Sendo a *pietas* um valor pertencente ao herói romano, apresentado desde o início na epopeia, a experiência no Elísio serviu-lhe para estimulá-lo à *pietas* e à *deuotio*, agora à futura pátria, a Itália.

¹¹⁶ 'venisti tandem, tuaque exspectata parenti /vicit iter durum pietas? datur ora tueri, /nate, tua et notas audire et reddere voces(VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 687 – 689, tradução nossa)!

¹¹⁷ 'tua me, genitor, tua tristis imago /saepius occurrens haec limina tendere adegit (VIRGÍLIO, *Eneida VI*, 695 – 696, tradução nossa).

É por subordinação à *pietas* que Eneias enfrenta a morte e seus domínios no Livro VI e, por meio deste valor, tão caro aos romanos, seu mérito alcança o vértice do Olimpo e assegura sua imortalidade. Segundo Woolf (2001), foi a *pietas* de Eneias que contribuiu para sua divinização *post mortem*.

Outra manifestação primitiva na cultura romana é o respeito pelos compromissos, a *fides*. A *fides* é a garantia da boa-fé e da benevolência mútua em toda vida social. Assegura as relações dos seres, tanto nos contratos como nos tratados e mais profundamente ainda no contrato implícito, definido pelos diferentes costumes, que ligam os cidadãos entre si.

Segundo Cruz (1996), a *fides* é entendida como uma disposição permanente da vontade, como a fidelidade às obrigações, a concordância entre as palavras e os atos, principalmente quando estes são anunciados anteriormente; nestes casos o compromisso ganha uma força superior pela garantia dos deuses conseguida por meio do juramento. Essa virtude, portanto, perpassa o divino, está ligada à crença e interligada à *pietas*.

A *fides* é um dos conceitos básicos sobre o qual a sociedade romana está assentada, uma das virtudes sobre a qual a moral dos romanos se constrói. A *fides* perpassa todos os âmbitos da vida dos homens de Roma, desde o direito privado até o direito internacional, desde o aspecto religioso chegando até a política e a administração, pois acreditava-se que as províncias estavam unidas pela *potestas* e pela *fides*, isto é, esta última era o cimento do Império, além de ser a característica distintiva do mundo romano de estar no mundo (CRUZ, 1996, p.34).

A *fides* tinha ainda outro domínio, era ela que assegurava ao vencido a salvação da vida quando reconhecia a derrota e apelava, suplicando, para a *fides* do seu vencedor. Substituíam a lei da força pela clemência, reconhecia o direito à vida de todos os homens.

Vê-se a *fides* em Eneias, como modelo de homem romano, ao representar aquele que honrará seu compromisso com os deuses e com o pai, conquistando uma nova terra para os troianos. Eneias se torna, após sua jornada no submundo, o modelo de líder que estabelecerá um governo de paz para o seu povo.

Ou seja, a *fides* é prefigurada em Eneias para representar Augusto, como governante confiável, clemente, que expandirá o Império e produzirá riquezas para o seu povo, estabelecendo, assim, a *pax augustana*.

Disciplina, respeito e fidelidade aos compromissos constituíam, assim, os conteúdos essenciais para a formação do herói romano. A beleza deste herói estava em viver uma vida virtuosa.

Segundo Grimal (1984), nada é mais importante para um romano que possuir em vida uma boa reputação e deixar, depois da morte, um rastro de virtude. E é perante a morte que a vida ganha sentido e recompensa, pois respeitou a disciplina em todas as suas formas: *virtus*, *pietas* e *fides*.

4.4 GLÓRIA E RECOMPENSA

Na *Eneida*, Eneias representa todo o povo romano, mas, especialmente, Otaviano, que, por sua vez, representa a Roma gloriosa, acima de todos os outros povos. Nessa epopeia, observa-se que a exaltação dos valores do passado aponta para o Império, na figura de Augusto. Esta se coaduna perfeitamente com o modelo de homem romano, justificando-se, assim, a glória romana da época do autor por meio da descendência troiana.

César Augusto, de divina estirpe, que o século de ouro restaurará nas campinas do reino do antigo Saturno, e alargará seus domínios às fontes longínquas dos índios e os garamantes, às terras situadas além de mil astros, longe da rota do sol e do tempo, onde o Atlante celífero sobre as espáduas sustenta essa esfera tauxiada de estrelas. À notícia da vinda do herói, já se horrorizam os vastos campos do Cásoio e as regiões afastadas da meótida, e as sete fozes do Nilo trepidam de medo. Nem Alcides tantas terras percorreu nas suas andanças, por mais que a cerva assesteasse de patas de bronze, e o Erimanto de densas matas e o lago de Lerna com o arco assustasse; nem mesmo Baco, de volta em triunfo, nos Cumes de Nisa, tigres ferozes ao carro atrelasse com rédeas pampíneas. E vacilamos ainda em estender nossa inata virtude, com grandes feitos, ou medo teremos de nos assentar na Ausônia (VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 792 – 807, tradução nossa)?¹¹⁸

¹¹⁸ Augustus Caesar, divi genus, aurea condet /saecula qui rursus Latio regnata per arva /Saturno quondam, super et Garamantas et Indos /proferet imperium; iacet extra sidera tellus, /extra anni solisque vias, ubi caelifer Atlas /axem umero torquet stellis ardentibus aptum. /huius in adventum iam nunc et Caspia regna /responsis horrent divum et Maeotia tellus, /et septemgeminis turbant trepida ostia Nili. /nec vero Alcides tantum telluris obivit, /fixerit aeripedem cervam licet, aut Erymanthi /pacarit nemora et Lernam tremefecerit arcu; /nec qui pampineis victor iuga flectit habenis /Liber, agens celso Nysae de vertice tigris. /et dubitamus adhuc virtutem extendere factis, /aut metus Ausonia prohibet consistere terra VIRGÍLIO, *Eneida* VI, 792 – 807, tradução nossa)?

Nesse trecho, Virgílio evidencia que Augusto é em seu tempo o representante fiel dos grandes homens da história de Roma. Aqui ele atesta a sua origem divina, a sua equivalência a Rômulo, aquele que restabeleceria um tempo de glória (século de ouro). Sua missão era também sacerdotal, reestabelecer a antiga religião romana (o reino antigo de Saturno). Aqui também está como o modelo do conquistador de novas terras. Nesse aspecto, Virgílio o sobrepõe a Alcides (Hércules), herói na Grécia, em conquistas territoriais.

Segundo Oliveira (2010), durante a transição da República para o principado, foi criado um otimismo, que primeiramente se concretizava por meio da literatura e que se espelhava na crença de que na época augustana Roma atingiria o esplendor máximo. Esse otimismo envolvia a crença no regresso de uma idade do ouro que assumia também a faceta de regresso ao passado, enquanto modelo ético e político, o qual, por influência retórica e literária, simultaneamente funcionava como crítica contra os desmandos do presente. Essa idealização do passado não impedia a crença no progresso, mas procurava dar resposta à crise de valores e propagandear ter o regime de Augusto trazido a perfeição em todos os domínios e a cura dos males existentes.

O fascínio da *Eneida* está na distância entre uma sensibilidade moderna e um tema remoto, obsoleto com relação ao presente milênio. É uma idade longínqua e perdida, mas que jamais perde as suas coordenadas de destaque da atualidade do autor. Encontra-se, assim, um passado sofrido, dramático, nostálgico, mas através desse passado põe-se em foco um presente monumental, áureo, retratado como uma grandiosa celebração, que é própria da tradição épica (BARCHIESI, 2010).

Pode-se inferir que o mesmo efeito motivacional, retratado na literatura romana, no caso específico, em *Eneida*, era o efeito pretendido por Virgílio aos seus contemporâneos: projetar-lhes a identidade de sua grandeza e de sua missão em reger os povos.

Ao se analisar o *Livro VI* da *Eneida* em seus aspectos formativos, é possível verificar que a viagem de Eneias ao Tártaro pode ser caracterizada como educação pelo temor da punição e onde o herói se defronta com a ideia de que o mal que se faz em vida traz penosos castigos após a morte. Esse ensinamento fixou em sua consciência a responsabilidade do homem frente aos seus atos.

A formação do herói virgiliano não é sempre ligada a apenas pontos positivos, pois nem sempre Eneias encarou os fatos com bondade, um exemplo é o ódio pessoal que ele sentia por Turno¹¹⁹, inimigo e assassino de Palante¹²⁰, mostrando que o outro lado existe e nem por isso ele é menos importante, mas de fato ele deve ser encarado com cautela e canalizado para atingir os fins mais nobres da formação.

O grande papel da educação, em tese, seria criar condições e estruturas que permitissem canalizar esses sentimentos, a priori negativos, a favor da *virtus*, direcionando-os para um autocontrole por meio da disciplina. Ao contemplar no Tártaro os sofrimentos dos que tais atos praticaram, Eneias podia, no presente, vislumbrar o futuro e rever suas escolhas, possibilitando, por meio deste vislumbre, disciplinar suas atitudes.

Porém a educação que de fato promoveu a mudança do herói foi a que lhe permitiu, por meio do conhecimento de si mesmo e da sua história, visualizar o seu futuro.

É nos Campos Elísios que Eneias entende e se apropria do valor das escolhas e do que elas poderiam gestar. Seu campo visual é expandido, e ele, então, pôde contemplar ao mesmo tempo passado, presente e futuro e entender os resultados dos erros e das escolhas corretas, na perspectiva de Virgílio, e, dessa forma, já no presente, prever e planejar o seu futuro.

Eneias aprende que é necessário abdicar das paixões e dos prazeres para tomar atitudes não muito agradáveis, mas que no futuro lhe garantirão recompensas e glórias, e entende o valor do seu nome (identidade), do seu povo (tradição), do seu ideal (patriotismo) e acima de tudo do seu destino (honra e glória).

O vislumbre de tantas recompensas teve um impacto motivacional que fez com que Eneias adquirisse uma nova consciência a respeito da vida e do seu

¹¹⁹ Personagem que aparece no livro VII da *Eneida*, Turno é o comandante dos exércitos que se aliaram aos rútuos para expulsar Eneias e os troianos do Lácio. Turno era o esposo prometido a Lavínia, filha de Latino, rei dos latinos, antes da chegada de Eneias à Itália. Mas não consegue casar-se com ela, pois um oráculo aconselha o rei Latino a aceitar como genro um estrangeiro (Eneias), que trará glória ao seu povo.

¹²⁰ Filho de Evandro, rei dos árcades, refugiados que fundaram a cidade de Palanteu, no Palatino, local onde mais tarde Rômulo fundaria Roma. Era um guerreiro honrado que se ofereceu a lutar junto de Eneias contra os exércitos de Turno. No Livro X da *Eneida* está narrado o assassinato de Palante por Turno.

valor enquanto ser e o impulsionasse a desejar o fim sem se importar com os meios, os obstáculos (medo, dor, prazeres, perdas).

A glória, por meio da morte em Troia ao lado dos seus companheiros, e a paixão e os prazeres que o reinado em Cartago ao lado de Dido proporcionariam ao herói romano agora já não significavam tanto, se comparados à recompensa maior, contemplada no Elísio. A perda da antiga pátria, a perda de muitas pessoas queridas ao longo da jornada, as abnegações, os pavores no Tártaro, as incertezas transformaram-se em desafios que o instigavam a perseguir o seu destino.

E é nesse sentido que a obra de Virgílio tornou-se relevante em termos educacionais, pois, além de apontar, referendar e caracterizar o modelo de homem ideal para o romano, desvendou a forma como tornar esse processo eficaz: a recompensa que leva à glória.

Na *Eneida* se revela o conteúdo que um processo de formação educacional consciente nunca pode perder de vista: o presente que se alimenta do passado, mas que tem sempre como meta o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o Livro VI da epopeia *Eneida* de Virgílio com o objetivo de compreender, no pensamento do autor, a formação do modelo de homem ideal romano no século I a.C. , foi necessário transitar entre dois princípios formativos diferentes o do Tártaro e do Campos Elísios, em um exercício dialético, ambos com vistas a formação de uma consciência.

Ao iniciar a pesquisa, a hipótese era de que o modelo educativo virgiliano seria encontrado no Tártaro, pois este apresentava um forte apelo à moralidade, pelos exemplos dos sofrimentos decorrentes de más condutas. Porém, ao longo da análise se percebeu que, embora os exemplos negativos no Tártaro tenham sim causado impacto sobre o herói Eneias, não fora esses que proporcionaram a efetiva mudança na personagem.

Dessa forma, considerando que os clássicos ainda hoje tem algo a nos dizer, para pensar a educação como fenômeno histórico e social, o trabalho orientou-se, primeiramente em proceder a uma análise dos conflitos e das mudanças no cenário político que tinham provocado abalos profundos sobre as consciências dos homens deste período.

Posteriormente procurou-se destacar o que, na concepção de Virgílio, seria o modelo de homem ideal, e o que emanou de forma subjacente como modelo de formação desse homem, por meio da análise da passagem de Eneias pelo Tártaro e pelos Campos Elísios.

O século I a.C. foi uma época de transição em Roma, a velha cidade-Estado, vinha, desde o século II a.C., se desmantelando em um governo de dois setores privilegiados, o dos senadores e o dos cavaleiros. Aos poucos a concepção de República dava lugar à noção de um único Estado mundial, o Império, com uma cultura uniforme e governado por um só homem.

Otaviano (63 a.C. a 14 d.C.) combinou o poder militar herdado dos predecessores (Mário (157-86 a.C.), Sila (138-88 a.C.), Pompeu (106-48 a.C.), Júlio César (100 - 44 a.C.) para restaurar e manter a paz nesse novo sistema de governo. Roma e as províncias da Itália estavam dispostas a reconhecer essa autoridade que lhes assegurasse paz e ordem.

Já nos primeiros anos do Império, medidas foram tomadas para assegurar a valorização do “ser romano”, com vistas a promover um otimismo em relação a esses novos tempos sobre a liderança de Augusto.

Tais medidas como a: purificação do quadro de cidadãos a fim de assegurar a predominância de romanos e italianos por meio da instituição de leis sobre a família e o casamento; a restauração da capital com o intuito de reconstruir os tempos mais reverenciados da história de Roma e a promoção e valorização de artistas e literatos eram envolvidas por uma onda religiosa de volta às antigas tradições romanas e culto a figura do Imperador.

Virgílio foi, nesse sentido, um típico interprete da alma de sua época. E em sua epopeia, escrita sobre encomenda, construiu um modelo de homem ético adequado, capaz de responder plenamente às novas tarefas requisitadas ao cidadão.

Na epopeia romana, o herói Eneias é modelado para configurar o arquétipo de homem que aceita o seu destino, a sua condição, que reverencia e reconhece as figuras de autoridade, religiosas e familiares, postas sobre ele, e que sobre os valores da virtude, piedade e fidelidade cumpre a sua missão.

Nos seis primeiros livros da epopeia de Virgílio, o caráter do herói é moldado à medida que Eneias passa por diversas provações e privações (a perda da pátria, a perda da esposa Creusa, a perda do pai, a perda de companheiros ao longo da expedição, a renúncia à paixão e aos prazeres ao lado de Dido) até que, no Livro VI, a formação do herói é completada na descida ao inferno e no encontro com o pai.

Foi no livro VI de *Eneida* que se pôde apreender as contribuições formativas expressas no pensamento do autor, pois a catábase na *Eneida*, além de significar a assimilação da tradição clássica grega pela cultura latina, significa também a síntese do ensinamento moral pretendido para o romano no século I a.C..

Nos versos de Virgílio, todo sofrimento humano no Tártaro era justificado por condutas reprováveis das personagens. As severas punições eram dadas aos homens por seus crimes contra a família, como adultério, incesto, ódio contra os irmãos, parricídio; contra a pátria, como corrupção, traição, ganância; porém, as

maiores punições eram reservadas àqueles que cometeram crimes contra os deuses.

A perspectiva que se pode tomar do grau das punições no Tártaro virgiliano não contradiz a ordem pretendida à sociedade romana na política de Augusto. Buscava-se nos primeiros anos do Império uma renovação de Roma que tinha como princípio restaurar os valores antigos de respeito a família, a *gens* romana.

As personagens em expiação no Tártaro pelos crimes contra pátria serviam de alusão aos indivíduos tidos como traidores de Roma durante o período do fim da República. Os quais levavam parte da culpa por todo dano sofrido pelo povo romano durante as guerras civis.

Quando, após décadas de desastrosas lutas pelo poder, entre generais e o Senado, se instaura súbita e inesperada paz, e quando a tempestade da guerra civil amainou, aos povos da Itália não era difícil associar a pessoa de Augusto a uma encarnação da força divina.

Augusto tinha ciência dessa corrente opinião dos romanos a seu respeito, e a ela não recusava. Virgílio, conscientemente canalizando o culto divino que a sociedade de sua época fazia ao imperador, eleva o nome de César Augusto como um salvador, filho de deuses, como a Rômulo, como a Eneias. Portanto, digno das maiores condenações seria aquele que, a figura dos infiéis no Tártaro, se insurgisse contra a autoridade imperial.

A ideologia augustana se funda no apelo a moral, pois, para um regime imperial, que aspirava se manter no poder, desviar a atenção do político e analisar a crise como consequência do abandono dos valores arcaicos parecia um meio de desviar a atenção da população deslocando o foco do político para o individual.

Além do ensinamento moral às avessas implícito na conduta e destino das personagens do Tártaro como exemplo de como não proceder, encontra-se no Livro VI da *Eneida* o momento em que a formação do herói é finalizada e concretizada. O encontro de Eneias com o pai nos Campos Elísios é determinante para que o herói cumpra a sua missão de ser o fundador da nova pátria para o seu povo.

Eneias, após o Elísio, se torna aquele que reúne em si as características dos deuses e dos heróis romanos. Ele se torna o sacerdote, que por sua piedade

harmoniza homens e deuses, o guerreiro, que com ousadia conquista pela guerra o lácio e o fundador e produtor de uma nova era.

Essas mesmas características perpassam por Rômulo, pelos reis lendários de Roma, pelos heróis da República até chegar em Augusto que se torna o pontífice máximo (sacerdote supremo), que combate os seus inimigos e os inimigos de Roma (o guerreiro) e expande o Império, produzindo mais riquezas para os seus (empreendedor).

É possível destacar, a partir da análise da narrativa da experiência de Eneias nos Campos Elísios, que o modelo de formação idealizado por Virgílio para a formação do herói, ideal de homem romano, passava primeiramente pelo conhecimento da história a fim de promover o autoconhecimento.

No início do Império acreditava-se que recuperar as tradições, os costumes dos antepassados, traria a renovação para a sociedade romana. Pois pensava-se que a causa da crise sofrida recentemente era em parte pelo abandono e esquecimento do passado e do *mos maiorum*.

Anquises foi, a medida da educação romana que tem o pai como o verdadeiro educador, o formador de Eneias. Que por meio da exposição da galeria dos heróis passados e futuros pôde imprimir na mente e no coração do filho os valores da *virtus*, da *pietas* e da *fides*.

A orientação para a *virtus* tinha como objetivo preparar o homem para a disciplina, a valentia, a coragem e domínio de si. A *pietas* preparava o homem para a obediência, o cumprimento dos ritos sagrados, o respeito e comprometimento para com os deuses, para com a família e para com a pátria. E a *fides*, por sua vez, deveria ser ensinada a fim de assegurar as relações entre os seres, por meio da benevolência mútua e da fidelidade nos contratos e tratados, garantindo assim o direito dos homens.

E dessa forma, é nos Campos Elísios, que a educação de Eneias se configura de forma mais eficaz, tendo como recurso didático o elogio. Pelo elogio aos grandes homens do passado, de quem ele era representante, e do incentivo às virtudes que traria honra e glória ao seu nome, e a sua descendência que teria o legado de governar o mundo.

O elogio aos grandes nomes de Roma criou em Eneias um sentimento de valor por si e pelo seu povo, de orgulho por não ter fugido do seu destino e de

ânimo em cumprir com o papel que lhe cabia na história de sua gente. Depois de o herói ter vislumbrado todo o terror do Tártaro, estava pronto para fazer a sua decisão a que tipo de homem iria ser, Eneias escolhe por cumprir a vontade dos deuses e de seu pai, porém agora não por medo ou imposição, mas por ter encontrado sentido em sua missão.

O olhar para a educação por meio da leitura e análise da *Eneida* de Virgílio possibilitou compreender que para o poeta épico do século I a.C. a autoconsciência histórica é fundamental para o resgate da identidade de um povo, ainda que severamente castigado por sucessivas crises.

Que os exemplos são fortes argumentos de persuasão para as mentes jovens no intuito de afastá-los dos vícios, mas que a mudança para os desesperançosos não pode ocorrer até que a espera em um futuro melhor renasça, e que o ânimo lhes seja injetado por meio de uma construção mental bem definida de quem eles são e do que podem alcançar.

A grande motivação educacional em Virgílio estava na formação de uma consciência de si mesmo e do valor como cidadão, que trazia impresso em si valores herdados de uma cultura fundamentada na *virtus*, *fides* e *pietas*, fundamentada no estabelecimento de um referencial de homem como modelo de conduta.

No processo educacional interpretado a partir da narrativa de Virgílio, o responsável pela formação das novas gerações é o incentivador e motivador, que possibilita ao aprendiz olhar para além das dificuldades e enxergar as recompensas que o aprendizado pode proporcionar.

Em uma aproximação deste formador com aquele que exerce qualquer tipo de docência, como um professor, traz sempre a opção entre uma formação pelo temor da punição ou pelo elogio, pela descoberta de novas capacidades no educando, capaz de construir novas perspectivas de mudança, que não somente formam uma consciência do poder de suas escolhas, como também podem contribuir para impulsionar e motivar novas transformações de caráter.

E, nesse sentido não deve ser orientação para a formação do homem somente a punição e o medo a fim de reprimir a má conduta. Como no caso do herói em questão, esse ensinamento, pelo medo, não foi capaz de formar uma consciência em gerar no homem a responsabilidade frente aos seus atos. Ao

contrário, o medo gerou o desânimo e a frustração em Eneias. Foi pelo elogio e pelo vislumbre da glória proposta pelas escolhas corretas que Eneias recobrou a força e a motivação necessária para atingir o alvo: a recompensa.

A formação do herói virgiliano não foi sempre ligada apenas a pontos positivos. O poeta fez questão de demonstrar a fragilidade humana em Eneias, demonstrando que em um processo formativo as debilidades humanas devem ser encaradas e canalizadas para atingir fins mais nobres na formação de uma consciência ética, centrada nas escolhas e suas consequências.

O grande papel da educação, a partir da análise do Livro VI da *Eneida* de Virgílio, seria em criar condições e estruturas que permitissem canalizar esses sentimentos, a priori negativos, a favor da *virtus*. Direcionando-os para um autocontrole por meio da disciplina. Ao contemplar no Tártaro os sofrimentos dos que tais atos praticaram, Eneias podia no presente, vislumbrar o futuro, e rever suas escolhas, possibilitando por meio deste vislumbre disciplinar suas atitudes e motivar mudanças de caráter, não pelo medo, mas, pelo poder da recompensa.

O modelo de formação que de fato promoveu a mudança do herói foi a que o permitiu, por meio do conhecimento de si mesmo e da sua história, visualizar o seu futuro. Foi nos Campos Elísios que Eneias entendeu e se apropriou do valor das escolhas e do que elas poderiam gestar. Seu campo visual foi expandido, e ele então pôde contemplar ao mesmo tempo passado, presente e futuro, e entender os resultados dos erros e das escolhas corretas.

Na perspectiva de Virgílio, é dessa forma que deve funcionar um processo formativo ideal, e por aproximação, pode-se dizer que deveria ser o principal alvo da educação, criar oportunidades no presente para se prever e planejar o futuro, conscientes que as escolhas presentes determinam o futuro.

REFERÊNCIAS

Fontes:

VIRGIL. **Aeneid**. Trad. Rushton Fairclough. London: William Heineman, 1916. (The Loeb Classical Library)

VIRGÍLIO. **Eneida**. Odorico Mendes. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.

_____. **Eneida**. trad. de Tassilo Orpheu Spalding. S.Paulo:Abril Cultural, 1983.

_____. **Eneida**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Brasília: Ed. UnB, 1983.

Literatura de apoio:

ALFÖLDY, Géza. **História social de Roma**. Lisboa, Presença, 1989.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina**. 29 ed. - São Paulo: Saraiva, 2000.

ALMIÑANA, Juan José Colomina. Lá cosmologia estoica. In: **Eikasía**. Revista de filosofia, ano III, 14 (novembro 2007).

ARISTÓTELES, **Poética**. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril, 1992. V.1.

BARCHIESI, Alessandro. O Epos. In: CAVALLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo; GIARDINA, Andrea (Org.). tradução Daniel Peluci Carrara, Fernanda Messeder Moura. **O espaço literário da Roma antiga**. Belo Horizonte: Tessitura, 2010, v.1, p. 123- 150.

BERGSON, Henri. **As duas fontes da moral e da religião**. Coimbra: Almedina, 2005.

BIGNONE, Ettore. **História de la literatura latina**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1952.

BENOIST, Luc. **Signes, Symboles et Mythes**. Paris: PUF, 1975.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995 (col. Primeiros Passos).

BRANDÃO, José Luís (coord.); OLIVEIRA, Francisco de (coord.). **História de Roma Antiga volume I: das origens à morte de César**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1987.

BRUN, Jean. **O estoicismo**. Lisboa: Edições 70, 1986.

CABECEIRAS, Manoel Rolph de Viveiros. **Urbi et Urbi, nós e os outros: romanidade(s), fronteira étnica e a História como escrita dos dilemas pátrios**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de história, 2013.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. A literatura e a formação do homem. In: CANDIDO, Antonio. **Remate de Males**. Unicamp: IEL/Revista do Departamento de Teoria Literária, 1999.

CARDOSO, Zélia de Almeida. O mito em Virgílio. In **Mito ontem e hoje** / organizado por Schüller e Míriam Barcellos Goettems. – Porto Alegre: Ed. Da Universidade/ UFRGS, 1990.

CARVALHO, Tiago Nascimento. O Tema da Ética de Estado nas Aves de Aristófanis. **Archai**, n.12, jan-jun, p.19-24. Coimbra: Annablume Clássica; Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

CARVALHO, Teresa Margarida Duarte. **Caminhos de alteridade na Eneida e n'Os Lusíadas**, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Biblos, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: as escolas helenísticas, volume II/. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CÍCERO. **Dos Deveres**, 1.33.121, trad. de Maria Helena da Rocha Pereira, Res Romanae.

CLARKE, Martin Lowther. **Educação e oratória**. In: BALSDON, J. P. V. D. (Org.). O mundo romano. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

COMMELIN, Pierre. **Mitologia grega e romana** / P. Commelin; tradução Eduardo Brandão. – 4ª. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma**. Trad. Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. – 8ª Ed. – Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CRUZ, Marcos Silva da. Virtudes romanas e valores cristãos. In **Idade Média: ética e política**/ org. Luis Alberto De Boni. – 2. Ed. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. Volume 1: a antiguidade. Porto: Afrontamento. São Paulo: Ebradil, 1991

FARIA, Ruth Junqueira de. "O helenismo em Roma". In: **Calíope - Presença clássica**. Ano I, n. 1, UFRJ, 1984; p. 37 - 43

FAIRCLOUGH, Henry Rushton. Notes. In: VIRGIL. **Aeneid**. Trad. Rushton Fairclough. London: William Heineman, 1916. (The Loeb Classical Library)

FERNANDES, Raul Miguel Rosado. Catábase ou Descida aos Infernos: alguns exemplos literários. **Humanitas** – vol. XLV. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1993.

FERNÁNDEZ, Lisardo Rubio. Virgílio en el medievo y el Renacimiento español. In **Simposio Virgiliano conmemorativo del bimilenário de la muerte de Virgilio**. Murcia - Espanha: Secretariado de publicaciones de Universidad de Murcia, 1984.

FINLEY, Moses. **O mundo de Ulisses**. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

FLORENZANO, Maria Beatriz. B. **O Mundo Antigo: Economia e Sociedade (Grécia e Roma)**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HANNA, Adel Malek. O Inferno em *Eneida*: Mito e Poesia. **REVELL** – Revista de Estudos Literários da UEMS (2015) – ANO 7, Número 1.

GAROFALO, Luigi. L' humanitas nel pensiero della giurisprudenza clássica. In: **L' humanitas nel Mondo Antigo: filantropia, cultura, pietas**. Treviso: Associazione per la Salvaguardia delle Culture Classiche, 2003.

GOWING, Alain. **Empire and Memory. The representation of the Roman Republic in Imperial Culture**. Cambridge: University Press, 2005.

GRIMAL, Pierre. **Virgílio ou o segundo nascimento de Roma**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **A civilização romana**. Lisboa: Edições 70, 1984.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Um olhar sobre Júlia Domna Esposa e mãe de imperadores. In: (Org.) FUNARI, Pedro Paulo A.; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Gladson José da. **Amor, desejo e poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p.327-346.

HARDIE, Colin. Três poetas romanos. In: (Org.) BALSDON, J.P.V.D. **O mundo romano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p.213-232.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. Frederico Lourenço. – 1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

_____. **Odisseia**/Homero; tradução de Carlos Alberto Nunes. – [Ed. Especial]. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

INWOOD, Brad. **Os Estóicos**. São Paulo: Odisseus Editora, 2006.

JAEGER, Werner. **Paideia**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LARA, Tiago Adão. **A Filosofia nas suas origens gregas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

LE ROUX, Patrick. **Império Romano**. (Trad.) William Lagos. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.

LIMA, Carolina Alves de Souza. **O princípio constitucional do duplo grau de jurisdição**. São Paulo: Manole, 2004.

LIVÍO, Tito. **História de Roma (Ab Urbe Condita)**. Volume Primeiro. São Paulo: Paumape, 1989.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação. Da antiguidade aos nossos dias**. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARITAIN, Jacques. **A Filosofia Moral**. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

MARONIS, Publii Virgilii, **Aeneis**. Braga: Livraria Cruz, 1948.

MORROU, Henri Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. Trad. Mário Leônidas Casanova. São Paulo: EPU, 1990.

MOTA, Thiago Eustáquio Araújo. **Do Descensus à Consecratio: analisando os funerais heroicos na Eneida de Virgílio (I a.C.)** / Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2011.

MUSTI, Domenico. O pensamento histórico romano. In: CAVALLLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo; GIARDINA, Andrea (Org.). tradução Daniel Peluci Carrara, Fernanda Messeder Moura. **O espaço literário da Roma antiga**. Belo Horizonte: Tessitura, 2010, v.1, p. 187-254.

NAGEL, Lizia Helena. **Dançando com os textos gregos: a intimidade da literatura com a educação**. Maringá, Pr: Eduem, 2006.

OLIVEIRA, Francisco de. Suicídio na Roma Antiga. In: **Máthesis**. Viseu: Universidade Católica Portuguesa, Departamento de Letras, 1994.

OLIVEIRA, Francisco de. Sociedade e Cultura na Época Augustana, in: **Sociedade, Poder e Cultura no Tempo de Ovídio**. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. 1 Edição, 2010.

OXFORD LATIN DICTIONARY. Oxford: University Press, 1968.

PLATÃO. **Mênon**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 1980. (Coleção Amazônica, Série Farias Brito, Dialogos, v.I-III).

POMEROY, Sarah. **Diosas, rameras, esposas y esclavas**. Madrid: Akal, 1987.

PORFÍRIO. **Vida de Pitágoras** (Argonáuticas Órficas – Himnos Órficos). Introducciones, traducción y notas de Miguel Periago Lorente. Madri: Editorial Gredos, 1987. (Biblioteca Clássica Gredos, v. 104)

REDONDO, Emilio, LASPALAS, Javier. **Historia de la educación**: Edad Antigua. Madrid: Dykinson, 1997.

ROSTOVTZEFF, Mikhail. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SALLER, Richard. Patriarchy, **Property and Death in the Roman Family**. Cambridge: University Press, 2004.

SCHEID, John. **La Religion Des Romains**. Paris: Armand Colin, 1998.

SEERA. Ordep. **Veredas: antropologia infernal**. Salvador : EDUFBA, 2002.

SILVA, Karina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos** / Karina Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Maria de Fátima Sousa e. Eneias, um herói da Ilíada. **Cadmo**. Nº 18. Lisboa: Centro de história da Universidade de Lisboa, 2008.

_____. O Hades e a pólis: O tema utópico da catábese. In **Kléos**, Revista de filosofia antiga, n.16/17: 13-45, 2012. Disponível em <http://www.pragma.ifcs.ufrj.br/>. Acesso em set de 2015.

SUETONIO, 'Vida de Virgílio' In: SUETONIUS, **De Poetis**. Trad. Martha Elena. Montemayor Aceves: Nova Tellus, 2009.

SUETONIUS. **Lives of the Caesars**. Trad. J.C. Rolfe. London: Willian Heinemann, 1914. (The Loeb Classical Library).

SUMI, Geoffrey S. **Ceremony and Power. Performing Politics in Rome Between Republic and Empire**. Michigan: University Press, 2008.

VEYNE, Paul. La famille et l'amour sous le Haut-Empire romain. In **Annales**. (Économies, Sociétés, Civilisations) Volume 33, Numéro 1, 1978, p. 35-63.

WALLACE-HADRILL, Andrew. **Rome's Cultural Revolution**. Cambridge: University Press, 2010.

WOOLF, Greg. Inventing empire in ancient Rome In: ALCOCK, Susan E. et al. (Org). **Empires. Perspectives from Archeology and History**. Cambridge: University Press, 2001.

ZANKER, Paul. **Augusto y el Poder de Las Imágenes**. Madrid: Alianza, 1992.